

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia e bem-estar

para a saúde mental



Atena
Editora
Ano 2024

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia e bem-estar

para a saúde mental



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 O autor

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à

Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
 Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
 Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do

Paraná

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Freitag de Araújo – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Psicologia e bem-estar para a saúde mental

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P974	<p>Psicologia e bem-estar para a saúde mental / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2892-3 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.923241311</p> <p>1. Psicologia. 2. Saúde mental. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' será utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e/ou comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação à obra publicada; 2. Declara que participou ativamente da elaboração da obra, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final da obra para submissão; 3. Certifica que a obra publicada está completamente isenta de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação da obra publicada, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. A editora pode disponibilizar a obra em seu site ou aplicativo, e o autor também pode fazê-lo por seus próprios meios. Este direito se aplica apenas nos casos em que a obra não estiver sendo comercializada por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras. Quando a obra for comercializada, o repasse dos direitos autorais ao autor será de 30% do valor da capa de cada exemplar vendido; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como quaisquer outros dados dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coletânea *Psicologia e bem-estar para a saúde mental*, reúne neste volume dez artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.







A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.





E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea apresenta algumas dessas possibilidades de abordagem.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

CAPÍTULO 1	1
DO FILHO IDEAL AO FILHO REAL: O LUTO SIMBÓLICO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA	
Cybele Moretto	
Olívia Luchesi do Bomfim	
Willian Cristian de Lima Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413111	
CAPÍTULO 2	14
O VÍCIO EM PORNOGRAFIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS	
Fernanda Alves Baldim	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413112	
CAPÍTULO 3	32
IMPACTO DA SUSPENSÃO DO X: A ABSTINÊNCIA DIGITAL E A CULTURA JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE	
Lucas Eugênio de Lima Borsato	
Gustavo Felipe Freitas dos Santos	
Breno Gabriel dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413113	
CAPÍTULO 4	41
ENTRE LENÇÓIS E CORAÇÕES: COMPREENDENDO COMO O SEXO INFLUENCIA NA CONEXÃO EMOCIONAL ENTRE PARCEIROS CONJUGAIS	
Emili Bartmann Neuenfeld	
Natalie de Castro Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413114	
CAPÍTULO 5	53
PSYCHOSOCIAL EXPERIENCES OF ADOLESCENT MOTHERHOOD IN SOUTHEASTERN MEXICO	
Sinuhé Estrada-Carmona	
Gabriela Isabel Pérez-Aranda	
Liliana García Reyes	
Miguel Àngel Tus Sierra	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413115	
CAPÍTULO 6	65
SENTIMENTO DE CULPA E O SUPORTE SOCIAL NO AUTOCUIDADO DAS CUIDADORAS INFORMAIS FAMILIARES	
Lisneti Castro	
Dayse Cristina Neri de Souza	
Anabela Sousa Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413116	

CAPÍTULO 7	73
PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA CLINICA-ESCOLA: O DESAFIO DA DISPOSIÇÃO PARA A SERENIDADE NAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO	
Sonia Nukui	
Cybele Moretto	
Luiz Felipe Martelini Müller dos Santos	
Luiz Gustavo da Silva Prado Pinheiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413117	
CAPÍTULO 8	84
EDUCAÇÃO EMANCIPADORA, IDENTIDADES ADOLESCENTES E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO: UMA PROPOSTA DE ATUAÇÃO PARA PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA	
Cybele Moretto	
Ana Lúcia Titotto	
Leonardo Arcene Popst Munhoz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413118	
CAPÍTULO 9	107
GERAÇÃO ANSIOSA: IMPACTOS DO USO DEPENDENTE DE SMARTPHONES NA ANSIEDADE DE JOVENS/ADULTOS DE MARABÁ-PA	
Daniele Dias dos Santos	
Roberson Geovani Casarin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.9232413119	
CAPÍTULO 10.....	123
SOFRIMENTO MENTAL EM AMBIENTES DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)	
Andressa Tabbert Palma	
Camila Fernanda da Silva	
Thais Müller Mendes	
Victoria Lopes Lesskiu	
Leonardo Lorenzo Frighetto	
Caique Lima Sette Frazoloso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.92324131110	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	143
ÍNDICE REMISSIVO.....	144

DO FILHO IDEAL AO FILHO REAL: O LUTO SIMBÓLICO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Data de submissão: 26/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Cybele Moretto

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela PUCCAMP; Professora Titular e Supervisora de Estágio da Universidade Paulista, (UNIP/Sorocaba) <https://orcid.org/0000-0001-6383-0878>

Olívía Luchesi do Bomfim

Graduanda em Psicologia pela UNIP Sorocaba
Orcid 0009-0005-5368-3292

Willian Cristian de Lima Alves

Graduando em Psicologia UNIP Sorocaba
Orcid 0009-0009-6368-5661

RESUMO: Este estudo trata-se de pesquisar alguns fatores que constituem o luto simbólico relacionado a perda do filho idealizado devido a alguma deficiência. A partir disso, é compreendido como ocorre a abstração do ideal no lugar do filho real, considerando o investimento libidinal realizado pelos pais. Além disso, destinou-se evidenciar de que forma ocorre o processo de luto simbólico neste cenário, além de identificar os sentimentos inconscientes que o permeiam. O método de pesquisa é bibliográfico, e parte dos constructos teóricos de Freud, Winnicott

e demais autores contemporâneos de orientação psicanalítica. O estudo bibliográfico de autores contemporâneos foi realizado através das bases de dados como Scielo, Pepsic, BVS e teses USP e PUC do ano de 2016 até a atualidade. Dentre os resultados, aponta-se para as dificuldades vivenciadas pelos pais no processo de elaborar o luto simbólico, a fim de destacar a relevância do acolhimento e cuidado com estes, para que consigam executar suas funções maternas e paternas de maneira a contribuir ao desenvolvimento do filho com deficiência. Entende-se que o processo de luto se desenvolve na elaboração da angústia e sofrimento, que agrega toda a estrutura familiar, não se limitando apenas nos genitores. A família, neste cenário, adquire papel crucial para que toda a adaptação com o filho real ocorra de maneira a não prejudicar o desenvolvimento deste. Destaca-se também o papel do psicólogo neste contexto, da importância do acompanhamento psicológico de orientação psicanalítica, oferecendo uma escuta e acolhimento para tal sofrimento psíquico, fortalecendo os vínculos familiares e os cuidados ao filho.

PALAVRAS-CHAVE: Luto, Filho Ideal, Deficiência, Psicanálise, Psicologia.

1 | INTRODUÇÃO

O intuito desta pesquisa faz-se pelo entendimento da necessidade de estudos que abordam o tópico principal do processo do luto pelo filho ideal, englobando assuntos como a maternagem, relações e estruturas familiares pela luz da Psicanálise.

Visualizando os dias atuais, nota-se significativas demandas referentes a relações familiares disfuncionais e tais membros em sofrimento psíquico, por conta de expectativas geradas pelos pais sobre os filhos e as frustrações acarretadas tanto dos genitores quanto na criança ao depararem-se com o bebê real, e não imaginário. Portanto, essa pesquisa destina-se a buscar conteúdos que complementam a percepção do luto do filho ideal, fortalecendo o repertório teórico e bibliográfico para intervenções no contexto clínico e até mesmo social.

A princípio, é necessário compreender sobre a definição deste dito luto simbólico. Freud (2010) define a diferença de luto e melancolia, a qual luto seria a reação à perda de um ente querido ou uma abstração que ocupou o lugar deste, podendo ser também o ideal de alguém, e a melancolia teria as mesmas características, porém acompanhada de forma exclusiva com o rebaixamento da autoestima. Na melancolia, há o elemento da perda objetal retirada da consciência, sabendo quem perdeu, mas não exatamente o que perdeu deste alguém, e o rebaixamento da autoestima vem pelo sentimento de inferioridade por conta desta perda, porém as autorrecriminações que o sujeito faz por ter perdido este alguém na verdade podem ser as recriminações direcionadas inicialmente a este alguém amado que foram redirecionadas ao ego do indivíduo.

Considerando estes conceitos expostos de forma sintetizada, o luto simbólico apresenta-se pela perda do ideal de um alguém e sofre também pela melancolia desta perda, e a comparação do filho ideal pelo real pode apresentar-se não consciente à mãe e/ou pai, assim como também as recriminações direcionadas trazem a revolta originalmente referente ao filho real e aquilo que não supriu das imaginações dos pais, porém então é redirecionado como auto recriminações ao próprio indivíduo e dessa forma há os pensamentos de incapacidade como mãe e/ou pai, inseguranças frente aos processos parentais que irão se seguir e entre outros.

Após esta definição inicial do luto simbólico, entendendo aspectos tanto do luto quanto melancolia para Freud, contextualiza-se então o investimento da libido referente a esse ideal do filho. Entende-se que os investimentos libidinosos da genitora referente ao bebê se desenvolvem no processo gestacional, entretanto, a libido investida no objeto que é o bebê inicia-se antes mesmo do processo gestacional, e observa-se que é por tais investimentos que é gerado o vínculo de mãe e filho antes do nascimento.

Em complemento com o exposto quanto aos investimentos libidinosos dos pais e imaginações referente ao filho, Winnicott (1998) disserta sobre a preocupação primária materna como uma sensibilidade exacerbada da mãe referente ao bebê, e traz-se também

o conceito da mãe suficientemente boa, no qual na busca pela perfeição imaginária tanto do filho quanto do ambiente disposto a ele, entra em sofrimento psíquico. A preocupação especial da mãe é vista pelo autor como uma condição normal do processo gestacional e nascimento, e por meio desse processo percebe-se a forma na qual a energia da genitora anteriormente direcionada a demais relações e atividades agora passa a orientar-se integralmente para sua relação com o filho, ocupando-a psíquica e fisicamente (Moretto, 2022).

Para compreender-se a questão do bebê imaginário e o luto do filho idealizado de forma contextual, além do caso de quadro de deficiência, podemos analisar a partir de uma perspectiva mais psicossocial. É possível observar as dinâmicas familiares nas quais a mãe idealiza o filho a começar por uma realidade e vivências diferentes das suas, buscando justamente proporcioná-lo um ambiente suficientemente bom para que não reproduza os possíveis ciclos traumáticos na história dos pais. Entretanto, quando o filho real apresenta demandas comportamentais que reproduzem o ciclo referido ou se submetem a vivências de risco, a genitora vivencia o processo do luto pelo filho idealizado.

Como exemplo dessa realidade ilustrada, há o estudo trazido no qual se apresenta a realidade na qual gestantes adolescentes ao trazerem sobre suas expectativas referente ao futuro dos filhos, pontuam de forma significativa o desejo dos filhos de não perpetuar a história das genitores, de gravidez precoce (Piccinini, A. C et. al. 2003).

Frente aos pontos elucidados, entende-se então a relevância do trabalho referente ao luto do filho idealizado através da Psicanálise, justamente para buscar redirecionar os investimentos libidinosos para diminuir o sofrimento psíquico dos pais sobre o filho real. Ao observar a realidade e a não mais existência do objeto amado, exige-se que a libido se retire das conexões com o objeto referido. A necessidade de redirecionamento da libido elucidada traz consigo uma significativa oposição, pois entende-se que o ser humano não aprecie deixar sua posição libidinal, independente de existir a chance de um substituto (Freud, 2010). Segundo Freud, do luto e a perda de interesse pelo mundo externo que o acompanha, existe também a perda da capacidade de conseguir adotar um novo objeto de amor, substituindo o perdido. Entretanto, esta substituição se faz pela retirada da libido desse objeto, direcionando-a a outro, e este processo classifica-se como prolongado e gradual, pois as pessoas não abandonam de bom grado uma posição libidinal, e este processo de redirecionar os investimentos libidinosos é um objetivo do trabalho psicoterapêutico na Psicanálise nestes casos. Os indivíduos não abandonam de bom grado, pois segundo Freud, a libido apegar-se com maior intensidade ao que sobrou do objeto, fortalecendo então o investimento, constituindo-se dessa forma um processo extremamente gradual para redirecionar tais investimentos.

Ademais, percebe-se a necessidade do acolhimento e suporte aos pais diante do desenvolvimento do infante, assegurando por meio de um sistema de apoio que o processo de idealização, luto e reinvestimento libidinal ocorra de forma amparada.

2 | OBJETIVO GERAL

Estudar a respeito do luto simbólico relacionado à perda do filho ideal, bem como os processos psíquicos inconscientes, a partir do olhar teórico-metodológico da psicanálise.

3 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o processo de luto simbólico e os sentimentos envolvidos na perda do filho ideal devido a algum transtorno ou deficiência;
- Refletir sobre as dinâmicas familiares frente ao luto;
- Discutir sobre a atuação do psicólogo e intervenções psicoterapêuticas;

4 | JUSTIFICATIVA

Estudar o processo anterior à gestação, o desenvolvimento do feto e a idealização dos genitores, a instituição do sistema de apoio, os investimentos libidinosos dos genitores na criação da criança e o redirecionamento da libido frente ao luto simbólico do filho ideal.

Busca por mais conteúdos teóricos frente ao tema, justamente destinando a pesquisa para aprofundamento teórico em relação aos tópicos elucidados, a partir da Psicanálise e trazendo também aplicações na perspectiva psicossocial para ampliação da temática às propostas de intervenções no contexto social e familiar.

Aprofundamento e ampliação quanto ao luto e suas vertentes, assim como os seus efeitos na estrutura familiar, como conflitos conjugais, adoecimento dos pais, confrontos do filho frustrado pelas expectativas e demais demandas trazidas a partir de familiares enlutados.

Pontua-se também que tal pesquisa tem a finalidade de contribuir com a área de intervenção psicológica dedicada às famílias, destinando-se também a proporcionar uma ampliação na literatura e conteúdos teóricos referente à temática (Moretto, 2022).

5 | METODOLOGIA

O método dessa pesquisa foi exploratório com foco na revisão bibliográfica, a partir principalmente dos constructos teóricos trazidos por Freud, Winnicott e demais autores que complementam os conteúdos interligados e referenciados na pesquisa desenvolvida.

O estudo bibliográfico foi realizado através das bases de dados como Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online - do inglês Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e teses da USP (Universidade de São Paulo) e PUC (Pontifícia Universidade Católica) do ano de 2016 até a atualidade, com exceção dos clássicos que independem da data. Ademais, possui as

palavras chaves de pesquisa, como Deficiência, Filho Ideal, Psicanálise, Psicólogo e Pais. Por fim, a análise de dados foi feita baseada na análise de conteúdos, pela análise vertical e horizontal (Moretto, 2013).

6 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados de pesquisa, buscou-se compreender como ocorrem os processos do luto mediante as situações vivenciadas pelo indivíduo, com foco principal na frustração dos pais por conta da expectativa do filho ideal. Obteve-se, ainda, alguns conteúdos teóricos que abordam e complementam as intervenções psicológicas e terapêuticas às famílias e referente ao processo de trabalho com o luto e o redirecionamento dos investimentos libidinosos.

Ainda quanto ao luto simbólico, ressalta-se a relevância do acolhimento e cuidado com os pais, trabalhando possibilidades para sistemas de apoio e promovendo através da escuta e tratamento terapêutico um espaço seguro e livre de censura para que compartilhem suas angústias. Além disso, também se visa trazer o olhar ao filho que foi idealizado e lida com as frustrações tanto dos genitores quanto de si mesmo ao não corresponder com o imaginário dos pais.

6.1 A perda do filho ideal e o luto simbólico: sentimentos envolvidos a partir do olhar psicanalítico

Partindo do início do processo dos sentimentos acerca do filho ideal, como explicitado na Introdução sobre os investimentos libidinosos referente ao bebê, estes iniciam até mesmo antes da gravidez, que seria o bebê fantasiado. No processo gestacional, há o bebê imaginário dos genitores, idealizado pelas expectativas deles (Piccinini, 2003). Bisotto, Cardoso e Argimon (2021) na revisão realizada sobre luto antecipatório materno, explicitam como no processo gestacional as representações referentes ao bebê são intensificadas, pela movimentação dele no útero, a espera sobre o sexo, características físicas e o próprio processo maternal.

As genitoras passam a atribuir características e aspectos à criança ainda não nascida, e estas representações transformam-se somente quando após o nascimento do bebê, pois então há o contato com o filho real, as características reais e a relação real que será estabelecida entre a mãe e o filho (a).

Ademais, Soares (2016) aponta por meio dos preceitos da autora Tinoco que o processo gestacional e os meses iniciais trazem consigo muitas expectativas que integram o imaginário das mães referente ao bebê e si mesmas, sendo sobre o quadro de saúde, futuro ou questionamentos e dúvidas sobre a capacidade da própria genitora em prover os cuidados que serão necessários à criança. Em complemento, Bisotto, Cardoso e Argimon (2021) abordam sobre a negação social existente diante da possibilidade de gerar uma

criança deficiente, havendo até mesmo a negativa de mães em preferir não saber se o filho tem alguma deficiência.

Com isso, entende-se que no processo gestacional do bebê imaginário, os ideais do filho ganham espaço diante das possibilidades reais que podem apresentar-se em relação à saúde dele e também de seu futuro. Os genitores não abordam as expectativas referentes ao filho de forma a considerar a aflição de vir a perder algo ou buscar informações se ele possui alguma deficiência, também não conjecturam se o filho cumprirá a profissão projetada e a personalidade designada a ele pelos genitores, pois gestar o filho ideal fornece maior prazer pelos investimentos libidinais dos genitores.

No artigo de Marciano (2017), é descrito como são as relações maternas e paternas frente à vivência de um nascimento prematuro, e como ocorre o processo de constituição psíquica da criança. Ressalta-se ainda que no nascimento prematuro ocorre a desconstrução da imagem do bebê imaginário do processo gestacional e afeta a sustentação da função materna.

O romper de expectativa vivenciado nesse cenário faz os pais terem dificuldade de executar suas funções maternas e paternas no início de vida da criança, tanto pela distância física que necessitam estar no período de desenvolvimento dos momentos iniciais de vida do bebê, quanto também pelo luto do filho ideal (nascimento no tempo esperado e filho saudável).

O processo de constituição psíquica da criança está diretamente ligado à relação construída com a genitora em seus momentos iniciais de vida, o que nesse cenário é afetado devido a mãe não conseguir participar da forma mais adequada nesse período por conta do nascimento prematuro.

Segundo Freud (2010), este estágio será chamado de Teste de Realidade, parte essencial do processo de luto. Quanto a este conceito, Freud vai dizer que durante ele é preciso tempo para o comando do teste de realidade ser executado em detalhes, e que com o término deste, o ego terá conseguido libertar sua libido do objeto perdido. Entende-se diante disso a importância de se ter uma experiência boa durante esse período, para os pais conseguirem desvincular a imagem do bebê imaginário com o real de uma maneira saudável, tendo como notória a relevância da relação deles com o recém-nascido.

Diante do luto do filho ideal, Freud (2014) trata sobre a inibição como renúncias à função, pois o exercício desta traria angústia. Ademais, a inibição poderia ser gerada por tarefas psiquicamente difíceis como o luto. Com isso, pode-se compreender casos nos quais os genitores inibem o luto, pois lidar com este faria com que tivessem que elaborar tal sofrimento e então exercer suas funções parentais. Entretanto, como a maternagem para a mãe que perdeu o seu filho idealizado traz angústia ao seu estado melancólico enlutado, inibe então o luto na busca de não encontrar-se com o sofrimento e angústia que essa situação acarreta.

É importante ressaltar que o luto pelo filho idealizado se apresenta não somente em

situações de filhos com deficiência, mas pode abranger-se em diversos casos e situações, como o filho que não opta pelas escolhas profissionais ou amorosas como foi idealizado a priori pelos pais, o filho que acaba cumprindo medidas socioeducativas por conflito com a lei e entre outras situações possíveis do luto simbólico pelo filho ideal se apresentar. Também pode mostrar-se em situações de adoção, nas quais a família pretendente passa um demorado tempo de espera na fila da adoção e no momento de serem chamados para uma possível adoção, neste processo pode haver uma frustração do que foi inicialmente idealizado pela família como seria o seu filho, também sofrendo então o luto simbólico.

O texto de Oliveira, Galvão e Caires (2020) descreve como a vivência da maternidade acarreta grandes mudanças dos papéis sociais, organização familiar, estrutura econômica e entre outros. O artigo elucida a importância de o luto ser vivenciado para que as emoções pertencentes a este processo, como a frustração, raiva e tristeza, possam ser elaboradas e então possibilitar posteriormente a criação do vínculo e afeto com a criança, afinal, a partir da notícia da deficiência do filho, instaura-se período significativamente conturbado na vida dos pais que necessita do devido tempo para compreenderem e aceitarem a situação.

Além de tudo, há o temor dos pais na questão da autonomia e independência do filho, que poderá ser inviabilizada devido a gravidade de seu quadro, então os genitores sentem medo pelos preconceitos e estigmas que o filho poderá enfrentar na sociedade e até mesmo o receio de morrerem antes do filho e saberem que este estará desamparado sem eles.

6.2 Filho ideal X Filho real: Compreensões psicológicas a partir das relações familiares

No artigo de Bisotto, Cardoso e Argimon (2021), pontua-se como a doença pode afetar a dinâmica entre a genitora e o filho, e a dificuldade da genitora em aceitar a realidade pode acabar interferindo de forma agravante na condição e desenvolvimento da criança. Em complemento sobre o artigo, aborda que nos casos de os genitores serem comunicados sobre a deficiência do filho ainda no útero, há então o caso de luto antecipatório materno, o qual pode ser também quando o feto vem a óbito real ainda no ventre da mãe.

Nesta perspectiva, entende-se o elucidado por Winnicott (1979) sobre a relevância da identificação da genitora com o filho, para que saiba sobre as necessidades deste. O autor clássico disserta como o cuidado físico afeta-se pela capacidade da criança ou dos genitores de receber este, e ao redor da área do chamado cuidado físico, há o território dos distúrbios emocionais do indivíduo, assim como de grupo de indivíduos ou da sociedade. Dessa forma, entende-se também sobre a necessidade do acolhimento e intervenção terapêutica com os genitores, com o fim de que nesta situação possam aceitar a realidade e lidar com o luto do filho ideal, para que não sejam agravados transtornos mentais que possam interferir significativamente na provisão do ambiente suficientemente

bom para o filho, a identificação das suas necessidades pela preocupação materna primária e o desenvolvimento saudável da criança em seus cuidados integrais necessários, especialmente em casos de crianças com deficiência.

Por fim, o artigo de Bisotto, Cardoso e Argimon (2021) também elucida sobre as inseguranças das mães por conta da imaturidade orgânica da criança, tendo medo e dificuldades na maternagem. Pontuam também o desafio de as mães assimilarem a realidade de o bebê real não ser o idealizado por elas na gravidez. Partindo disso, como foram trazidas hipóteses de investigação na introdução, nestes casos da dificuldade de assimilação da realidade, além de interferir no desenvolvimento da criança conforme Winnicott elucida (1979), pode gerar a negação do filho real, atendo-se à esperança de um encontro com o filho idealizado, até mesmo tendo complicações em prover os cuidados demandados, por conta dessa negação da condição real do bebê.

Soares (2016) explicita como a falha na etapa de amadurecimento devida a ausência de um ambiente provedor e suficientemente bom faz com que surja o distúrbio, e o padrão ambiental traumático que não se adapta com as necessidades do bebê faz com que este precise reagir ao trauma, perdendo então a espontaneidade, criatividade, capacidade de descansar e a esperança. Com isso, edifica-se o falso-self na busca defensiva de proteger o self verdadeiro. Destaca-se que esta dinâmica do padrão ambiental traumático pela escassez de um ambiente provedor suficientemente bom não se aplica somente aos casos de luto simbólico por conta filho real apresentar alguma deficiência, mas também pode apresentar-se em todos os casos da morte do filho ideal, independente do motivo.

Batista e Basquião (2022) abordam sobre o relacionamento narcísico dos pais com o filho, pois o bebê seria o espelho do que os genitores imaginam ou desejam que ele reproduza, com isso se insere o conceito de amor narcísico, no qual o objeto deste amor nada é senão um reflexo da imagem do indivíduo que não consegue amar algo que não seja ele mesmo ou um outro duplicado dele. Por fim, conclui que o momento doloroso da morte simbólica do filho idealizado deve ser vivido e entendido pelos genitores, para que então possam ressignificar aquele momento e conectar-se com o filho real, com o tempo desconstruindo possíveis representações sociais acerca do diagnóstico do filho e aos poucos reconstruindo essas.

Em complemento ao exposto sobre a relação narcísica dos pais com o filho, Soares (2016) aborda como, segundo Freud, os genitores atribuem as perfeições aos filhos, esquecendo e ocultando as deficiências, tornando então a criança o centro de criação que irá concretizar os sonhos que os pais nunca realizaram, encontram a segurança e refúgio na criança. Percebe-se então quão intensos são os investimentos libidinais referentes às idealizações sobre o filho ideal.

Entende-se como na relação da mãe com o filho, conforme Winnicott (1979), a genitora precisa estar suficientemente bem para entregar-se à maternidade. Ela sabe que precisa manter-se vivaz por conta de sua preocupação materna, porém, devido ao luto,

há o medo, insegurança e dificuldade de aceitar a realidade, como já foi abordado neste documento.

Soares (2016) sintetiza sobre a questão do filho ideal e filho real da seguinte forma:

Considerando os aspectos ligados à idealização exacerbada do filho esperado, é preciso se pensar nas diferenças existentes entre este bebê imaginado e desejado e o filho que se apresentará na realidade. Desta forma, será necessário para toda mãe, elaborar um luto pelo filho ideal, para que se abra espaço para a existência do filho real. Conforme Tinoco (2005), citando alguns autores, como Winnicott, Solis-Ponton, Ferrari e Donelli, a expressão psicanalítica e muito utilizada na psicologia “luto pelo bebê ideal”, refere-se à tal elaboração. (p. 15)

Perante o luto do filho ideal e o processo pelo qual os genitores precisam passar, entende-se a importância de abordar sobre as relações familiares afetadas devido ao luto e o sistema de apoio necessário para o trabalho de elaboração deste.

Winnicott (1979) discursa o quão importante é um ambiente humano e não humano contínuo, pois auxilia na integração da personalidade do indivíduo. Exalta também a relevância da confiança e da previsibilidade do comportamento da genitora, assim como a adaptação às necessidades da criança e a provisão do ambiente suficientemente bom para o impulso criativo do bebê, sendo deste ambiente que provém o desenvolvimento saudável da criança.

Bisotto, Cardoso e Argimon (2021) abordam que as famílias disfuncionais trazem mais complicações no período do luto, podendo prolongá-lo ou intensificá-lo. Com isso, faz-se preciso que o núcleo familiar reconheça a existência da perda, flexibilizando a construção de papéis novos e padrões da família em seu funcionamento. Além disso, destacam que, a partir dos dados coletados na pesquisa, o suporte do meio social para as mães que sofreram com o luto antecipatório materna foi vital para a elaboração do luto, afinal, apontam como mães que perderam seus filhos sofreram sentimento de frustração e desamparo por conta de serem incompreendidas por familiares, amigos e não terem espaço para sua dor ser acolhida. Entende-se então a importância de os familiares serem atendidos, acolhidos e tornarem-se sistema de apoio.

Precisa-se pontuar também o impacto dos estigmas dentro desta temática, na qual crianças com deficiência já são vistas e inseridas no contexto social junto a pré-concepções sobre seu valor diminuído e fraquezas devido ao quadro apresentado, e com isso, a família pode reproduzir tais estigmas ao bebê nascido ou sentem-se oprimidos e constrangidos devido a tais rótulos.

O não saber gerir a situação da perda do filho ideal pode acarretar na família a superproteção ou rejeição do filho, então por conta disso se faz vital a família vivenciar o luto do ideal, buscando elaborá-lo em um processo saudável para que desenvolvam vínculos com o infante, com competência para lidar com esse novo desafio e realidade.

Concluindo-se acerca das relações familiares, entende-se pelo artigo de Vizzoto

e Gomes (2009) como a intervenção familiar pode atuar como modalidade preventiva na saúde mental. Elucida como a família tem o papel de preparar o indivíduo para a sociedade. Aponta como a maneira que o seio familiar irá lidar com os conflitos que se apresentam, e as soluções que trazem diante destes, elucida o grau de adoecimento mental ou de saúde daquela estrutura familiar.

É necessário compreender a dinâmica estabelecida na família referida, pois podem atuar buscando conservar o filho no papel de doente e não vislumbrar um futuro com evoluções de seu quadro, pois no filho real seriam depositadas as culpas e sentimentos de impotência da família, assim como o seu quadro lhes traz alívio e sentem-se melhores em sua «normalidade». Porém, pode-se também estabelecer dinâmica diferente desta elucidada, pois a família acaba desenvolvendo mitos, tabus e sentimentos inconscientes que afetam na psicodinâmica individual de cada pessoa.

6.3 A elaboração do processo de luto: A importância da atuação do psicólogo na prevenção e intervenção

Bisotto, Cardoso e Argimon (2021) discutem a demanda de proporcionar um espaço de escuta aos pais, ajudando a elaborar o luto do bebê imaginário desenvolvido na gravidez, também auxiliando no resgate da função materna e no sustento de um lugar simbólico para o bebê real. Aponta como a dificuldade de expressar os sentimentos agrava a elaboração do luto, por conta da negação da realidade, tentativa de evitar dor psíquica e forte carga emocional. Pontua também que os fatores sociais como cultura, espiritualidade, família e entre outros possuem influência na reação dos responsáveis e a maneira com que se adaptam à nova rotina.

Elucida como é importante o acolhimento das individualidades de cada genitora, reconhecendo as demandas psicológicas para melhorar a elaboração do luto. Soares (2016) aborda a partir dos estudos do autor Benghozi como uma criança nascida em um meio com lutos suspensos pode acarretar desta carregar um sintoma da lacuna do luto não elaborado, com chances de ficar refém desta ferida não cicatrizada na história da família. Essa realidade pode se aplicar também ao filho real, que cresce diante das expectativas frustradas dos pais sobre o que ele deveria ser, devido a morte do filho ideal, podendo trazer crises de identidade a ele e outros traumas e situações por meio disso. Dessa forma, conclui-se a vitalidade das intervenções terapêuticas com os genitores, familiares e o próprio filho, visando o fortalecimento familiar perante a realidade disposta, compreendendo os fatores psicossociais que permeiam o meio e buscando a elaboração dos possíveis lutos suspensos da história familiar.

Vizzoto e Gomes (2009) discursam como é função do psicólogo possibilitar condições para o grupo familiar alcançar recursos emocionais significativos, a fim de que os próprios sujeitos compreendam a maneira que funcionam e os elementos que lhes trazem

possibilidade de liberdade e autonomia. Este trabalho do profissional facilita a família iniciar uma jornada de tomar consciência da importância de ajustar os papéis e funções dentro da dinâmica familiar, aceitando a psicoterapia e aderindo-a.

7 | CONCLUSÃO

Compreende-se a partir da pesquisa realizada que o processo de luto simbólico é permeado por diversos sentimentos relacionados à perda do filho ideal, seja por conta de algum transtorno, deficiência ou contradição em relação às idealizações dos genitores. Tais sentimentos que se alteram em cada caso, podem ser compreendidos a começar pela *angústia* gerada pela frustração das expectativas desenvolvidas acerca do filho ideal desde a gestação, permeando todo o processo imaginado da maternagem e o prazer proporcionado aos genitores pelos *investimentos libidinais* ao filho ideal.

Dessa forma, o processo de luto desenvolve-se na elaboração desta angústia e sofrimento, que não apenas afeta os genitores, como a dinâmica familiar e relações ao todo. A família apresenta-se como elemento vital para o desenvolvimento e crescimento da criança, e diante do filho real, é preciso a adaptação da dinâmica familiar em sua funcionalidade que contemple então as demandas do filho, e este processo é preenchido por sofrimento e dificuldade de aceitação, assim como também a ressignificação do filho, construção de novos papéis sociais na família e fortalecimento de vínculos.

Com isso, provou-se a necessidade de o luto ser vivenciado para que viabilize o desenvolvimento de novos significados para o filho real e a dinâmica familiar nova a ser constituída, e a atuação do psicólogo neste contexto é imprescindível para proporcionar um local de escuta, elaboração e fortalecimento, tanto para a família nuclear como também ao sistema de apoio desta. Ademais, o psicólogo auxilia na reestruturação da noção da realidade e maternagem, conscientizando acerca da importância do ajuste dos papéis, aceitação da psicoterapia e suas intervenções e o fortalecimento familiar.

O estudo referido apresenta-se relevante diante de todo o elucidado e a realidade na qual pode contribuir ao suporte de famílias que possam sofrer com lutos suspensos no histórico familiar que não foram elaborados, assim como genitores enlutados por conta dos filhos, sem este espaço de acolhimento e elaboração que vislumbra com assertividade os fatores que permeiam o luto simbólico do filho ideal.

Além disso, contribui-se para novas percepções acerca do luto simbólico em si e a maneira que impacta nos vínculos familiares e no filho, este que pode também apresentar sofrimento significativo diante da angústia vivenciada pelos genitores pelo filho não condizer com o idealizado sobre ele. Estas expectativas no filho podem gerar também sentimentos a serem observados e considerados na atuação profissional, acolhendo os relatos de rejeição, angústia e inadaptação que podem apresentar-se pelo filho por conta de não ser o ideal dos pais.

Considera-se os limites percebidos nesta pesquisa e os desafios que permearam o seu percurso, como a questão da bibliografia escassa acerca do tema, na qual não se apresenta atualmente uma quantidade significativa de materiais acadêmicos que busquem a melhor compreensão desta temática, sendo o luto simbólico e mais específico, o luto do filho ideal.

Dessa forma, conclui-se a vitalidade de novas pesquisas acerca do tema e a apresentação de estudos que esclareçam também os resultados abordados nesta pesquisa e até mesmo novas percepções e conclusões acerca do tema, na busca de continuar agregando à atuação profissional psicoterapêutica no auxílio às famílias em sofrimento pelo luto simbólico do filho ideal.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Caroline Garpelli; MORETTO, Cybele. **No dia a dia... a luta: os pais da criança com deficiência — um olhar psicanalítico.** In: *A psicologia no cuidado do sofrimento humano: novas perspectivas de atuação.* Curitiba: Editora Appris, 2022.

BATISTA, Izabelle Moraes; BASQUIÃO, Leandra Aurélia. **A morte do filho idealizado e o processo de (des)construção da idealização do filho.** *Revista Saúde em Foco, Registro - SP*, v. 14, p. 1117-1123, 2022.

BISOTTO, Luisa Bento et al. **Luto antecipatório materno: uma revisão integrativa nacional.** *Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinary Studies*, Belém, v. 1, n. 1, p. 98-113, 2021.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: volume 12 - Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 171-194.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia.** In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: volume 17 - Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).* São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 14-26.

KLEIN, Melanie. **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos.** In: KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação (1940).* Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 385-412.

LIMA, Juliana Lang. **Do substantivo ao verbo: formulações sobre o luto na clínica contemporânea.** *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 4, p. 129-140, 2018.

MARCIANO, Rafaela Paula. **Representações maternas acerca do nascimento prematuro.** *Revista SBPH*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 143-164, jan./jun. 2017.

MEDEIROS, Clarice; FORTES, Isabel. **A dor do luto: perspectivas psicanalíticas.** *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, ano XI, ed. 2, p. 222-234, 2019.

OLIVEIRA, Ana Luiza Brandão Leal et al. **A chegada de um filho com deficiência no contexto familiar.** *SYNTHESIS: Revista Digital FAPAM*, v. 10, n. 1, p. 1-13, jul./dez. 2020.

PICCININI, Cesar Augusto et al. **O bebê imaginário e as expectativas quanto ao futuro do filho em gestantes adolescentes e adultas.** *Revista Interações*, v. VIII, n. 16, p. 81-108, 2003.

SOARES, Mariana. **Do filho ideal ao filho real: lutos necessários diante da ameaça de doença do bebê.** *Hospital do Servidor Público Estadual "Francisco Morato de Oliveira"*, São Paulo, 2016. p. 13-34

VIZZOTTO, Marília Martins; GOMES, Rodrigo Azevedo. **Descrição de queixas e indicadores diagnósticos de famílias atendidas em psicoterapia domiciliar.** *In Formação*, ano 13, n. 13, p. 68-89, jan./dez. 2009.

WINNICOTT, Donald Woods. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise.** Porto Alegre: Ed Artes Médicas Sul, 1988. (Obra originalmente publicada em 1956).

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Ed Artes Médicas Sul, 1979.

WINNICOTT, Donald Woods. **A preocupação materna primária.** In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise.* Porto Alegre: Ed Artes Médicas Sul, 1956. p. 399-405.

O VÍCIO EM PORNOGRAFIA: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

Data de submissão: 16/10/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Fernanda Alves Baldim

Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá
<https://orcid.org/0000-0001-9621-3577>

Paulo José da Costa

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá
<https://orcid.org/0000-0001-6147-7791>

Artigo derivado da dissertação de Mestrado da primeira autora sob a orientação do segundo autor, defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO: No presente artigo, tem-se como objetivo evidenciar e discutir um fenômeno que se encontra camuflado socialmente, o vício em pornografia e sua relação com a adicção, principalmente através do consumo de material pornográfico *on-line*. Baseia-se em depoimentos encontrados na internet,

de pessoas que relatavam estar em situação de sofrimento devido ao uso desenfreado de conteúdos pornográficos. Foram analisados trinta e quatro depoimentos publicados na internet de sujeitos que se apresentavam como homens, na faixa etária entre 17 e 40 anos. A abordagem metodológica utilizada foi a de análise de conteúdo de Bardin, na perspectiva proposta por Roque Moraes, que gerou seis categorias temáticas: gatilhos silenciosos: das revistas à internet; vergonha, culpa e masturbação; fetiche e fantasia; a adicção e seus sintomas: a espiral da degradação; a (in)capacidade de amar; e o pedido de socorro. Os depoentes vivenciavam intenso sofrimento físico e psíquico, com repercussões que interferiam nas suas vivências cotidianas, em decorrência do uso excessivo de conteúdos pornográficos. A interpretação dos dados foi construída a partir da teoria psicanalítica, levando-nos à proposição de que a economia psíquica envolvida na adicção com a pornografia apresentou como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem tensão. Pondera-se que a busca desenfreada pela satisfação ocorria por meio de processos psíquicos primitivos, resultando em movimentos

autodestrutivos. Logo, o vício em pornografia foi entendido como uma manifestação de um modo de funcionamento psíquico não neurótico e reconheceu-se que o sofrimento gerado por essa modalidade de vício é de ordem narcísica.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia; psicanálise; vício.

THE PORNOGRAPHY ADDICTION: PSYCHOANALYTIC REFLECTIONS

ABSTRACT: In this article, the aim is to show and to discuss a phenomenon that is socially camouflaged, the pornography habit and its relationship to addiction, mainly through the consumption of online pornographic material. It is based on testimonials found on the Internet, from people who reported being in distress situation due uncontrolled use of pornographic content. Thirty-four testimonials published on internet were analyzed and the subjects, who presented themselves as men, aged among 17 and 40 years old. The methodological approach used was the Bardin content analysis, in the perspective proposed by Roque Moraes, which led to six thematic categories: silent triggers: from the magazines to the internet; shame, guilt and masturbation; fetish and fantasy; addiction and its symptoms: the spiral of degradation; the (in) ability to love; and the calling for help. The interviewees were experiencing intense physical and mental suffering, with repercussions that interfered in their daily experiences as a result of excessive use of pornography. The data interpretation was built from the psychoanalytic theory, leading us to the proposition that the psychic economy involved in addiction with pornography had intended to minimize the feelings of displeasure and avoid situations that promote tension. It considers that the passionate search for satisfaction occurred through primitive psychic processes, resulting in self-destructive movements. Soon, pornography addiction was seen as a manifestation of a non- neurotic psychological functioning and it was recognized that the suffering caused by this addiction mode is from narcissistic order.

KEYWORDS: Pornography; psychoanalysis; addiction.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, pretendemos evidenciar e discutir um fenômeno que se encontra camuflado socialmente, o vício em pornografia e sua relação com a adicção, principalmente através do consumo de material pornográfico *on-line*. Baseia-se em depoimentos encontrados na internet, de pessoas que relatavam intenso sofrimento devido ao uso desenfreado de conteúdos pornográficos.

Vale ressaltar que consideramos a pornografia como um fenômeno histórico que engloba o erotismo, uma vez que ambos compreendem uma gama de expressões humanas em movimento que se manifestam em forma de vídeo, filme, fotografia, obras de arte, literatura, áudio e apresentações teatrais, cujo intuito é instigar reações corporais sexuais por meio do desnudamento do corpo, das perversões sexuais ou da referência à subversão de valores social e culturalmente construídos, isto é, o estímulo sexual por intermédio do obsceno (elementos socialmente repudiados: o desnudamento do corpo, a exibição dos genitais etc.; ou seja, tudo que não deveria ser evidenciado na esfera pública).

Ao discutirmos tal fenômeno pelo viés da adicção, consideramos que esta pode ser compreendida, resumidamente, como um estado de dependência psíquica e/ou biológica de algum objeto, ou seja, ela evidencia uma vinculação intensa entre um sujeito e um objeto; nesse caso, entre o consumidor e a pornografia. É a intensidade com que o sujeito consome o objeto e a maneira como se vincula a ele que indicará as repercussões no seu psiquismo e nas relações interpessoais.

Optamos por abordar o estado de dependência, uma vez que os depoimentos, como se verá posteriormente, evidenciam comprometimento psicológico, afetivo e profissional em decorrência do intenso consumo de pornografia, acarretando, conforme Gurfinkel (1995), dificuldades no trabalho, no relacionamento interpessoal, na perda de interesse por atividades até então importantes, com o objeto adicto (no caso, a pornografia) predominando na vida do sujeito. Ademais, é preciso ponderar que os dependentes de pornografia não encontram lugares socialmente aceitos para tratar de seu sofrimento. Comumente, são rotulados como tarados, ou perversos sexuais, e tratados com repugnância e indiferença por parte da comunidade, e não como alguém em sofrimento. Em consequência, o julgamento dificulta que tais sujeitos solicitem ajuda, ou relatem a sua problemática de modo mais aberto.

Durante o processo de uso constante da pornografia, quando culmina na constituição de um vício, ou adicção, destaca-se que o objeto pornográfico, de início, é utilizado como um meio de entretenimento. Mas, com o passar do tempo, por razões inerentes a cada sujeito, o nível de entretenimento é ultrapassado, gerando uma necessidade a partir da qual o indivíduo se mostra enclausurado pelo objeto, na condição de dependente.

Embora abordemos o vício em pornografia como uma modalidade de adicção, Castelo Filho (2012) reflete que nosso contexto atual está marcado por impasses outrora já experimentados, que se manifestam por intermédio de novas roupagens. Isto é, o vício por objetos (drogas, sexo, jogos etc.) sempre existiu na história da humanidade. Entretanto, ao longo do tempo, os sintomas se modificam e se expressam de diferentes maneiras. Aqui destacamos o vício em pornografia, em particular a pornografia *on-line*, como uma nova roupagem que necessita ser melhor entendida, considerando a forma como o sujeito atual se vincula à pornografia virtual, pois, enquanto um sintoma, evidencia conflitos inconscientes.

A pornografia sempre esteve disseminada entre pessoas e submetida ao controle do comércio midiático. Contudo, antigamente, apenas parcela da população tinha acesso a tais conteúdos, principalmente homens com poder econômico (Leite, 2012). Atualmente, a pornografia ainda é um produto repudiado e mal afamado socialmente, mas, segundo Gaspar e Carvalheira (2012), com a internet houve notório crescimento no consumo de material pornográfico, visto que para a sua utilização não se faz necessária identificação prévia, ou seja, qualquer pessoa – homens, mulheres, crianças e adolescentes – pode fazer uso e ser preservado no anonimato, longe do olhar social.

No que se refere ao aumento do consumo de pornografia em consequência da internet, Gaspar e Carvalheira (2012) afirmam que 25% das buscas realizadas *on-line* correspondem a páginas que continham material pornográfico e 35% dos *downloads* efetuados são de cunho pornográfico. Os autores compreendem que esses dados resultam de que a pornografia pode ser consumida no anonimato. Dados semelhantes também são apontados por Parreiras (2012). Informações referentes a 2017 corroboram os percentuais acima indicados, com destaque para o aumento na oferta de material pornográfico na internet, evidenciando que o consumo desse tipo de produto vem crescendo a cada ano (Faria, 2018; Orenstein, 2017; Real, 2017; Silver, 2018). Segundo Fernandes (2020), em 2020 houve um aumento de 24,4% no consumo de pornografia na internet, em relação ao ano anterior, com o Brasil ocupando a 11^a posição entre os 20 países responsáveis por 79% dos acessos diários.

Logo, parece evidente que o notório uso de pornografia está associado ao desenvolvimento das novas tecnologias, como a internet, pois a criação de materiais que envolvam conteúdo pornográfico tornou-se facilitada, pois basta um clique para navegar no universo do sexo. Embora no passado o consumo demandava por identificação de alguém que permitisse um sujeito, com maioridade penal, a fazer uso do material, com o advento da internet, qualquer pessoa, inclusive crianças e adolescentes, não necessita comprovar sua faixa etária para acessar conteúdos virtuais, fazendo-se necessária apenas uma ferramenta, como computador, celular, *tablet* etc., capaz de conectar à rede virtual para ingressar em qualquer modalidade de conteúdo *on-line*. Assim, alicerçado na certeza do anonimato, os sujeitos se sentem desinibidos para desfrutar dos conteúdos que encontram no ambiente virtual, sem a preocupação de um julgamento ou restrição. Contudo, essa facilidade de acesso à pornografia *on-line* por parte de crianças e de adolescentes pode interferir no desenvolvimento psicosssexual, em função do contato com esses conteúdos para os quais não estão preparados e pela falta de suporte que os ajudem a entender tais demandas, bem como dificulta que entendam certos limites sociais e que os estimule a aprender a conviver com a postergação do prazer e o conseqüente desprazer.

Nesse sentido, Woods (2015) pondera que a internet instiga na criança fantasias onipotentes, uma vez que por meio de uma tela se torna possível ver/ter tudo sem restrições e interdições, com conseqüências no plano intrapsíquico. Galatzer-Levy (2012) observa que a internet está modificando várias diretrizes no que concerne à vida erótica, principalmente, em relação à intimidade, pois os meios de comunicação são acessados, normalmente, no quarto das crianças/adolescentes em suas próprias camas, ou seja, o relacionamento íntimo se dá com uma máquina que fornece satisfação no campo imaginativo.

Wood (2014) aborda o uso da internet, apresentando-a como um local propenso a acolher projeções, devido a sua versatilidade e a ambientes capazes de fornecerem espaços aos sujeitos que desejem se expressar. No entanto, aponta a fragilidade dessas localidades, pois embora elas aparentemente existam, a própria virtualidade se molda

conforme o uso que o sujeito faz dela, criando uma falsa sensação de vinculação e acolhimento. Portanto, a virtualidade dispõe de mecanismos para a satisfação de desejos, que podem oscilar de atendimento a demandas em prol de um coletivo ou da destrutividade, justamente por despertar nossa natureza polimorfo-perversa. O autor também compara a internet a um catalisador, pois ela pode amplificar os resultados de seu uso, afetando as funções egóicas de alguns sujeitos, devido estimular a manifestação de defesas maníacas e, como resultado, dificultar o modo de funcionamento psíquico depressivo, mais integrador.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Os dados foram coletados a partir de depoimentos de sujeitos que buscam algum tipo de ajuda na internet para combater a adicção em pornografia, encontrados por meio do portal *Google* através dos termos de busca “vício em pornografia”, “história de viciados em pornografia” e “relatos de viciados em pornografia”. Encontramos milhares de páginas relacionadas à temática, mas seria inviável consultar todos os *links*. Em princípio, aleatoriamente restringimos aos primeiros resultados encontrados nas três modalidades descritas acima, e adotamos três critérios para a seleção: a) relatar a história de vida do sujeito em torno do vício; b) descrever a dimensão sintomatológica da adicção em pornografia; c) evidenciar o sofrimento psíquico resultante do uso desenfreado desse objeto.

A partir desses critérios selecionamos trinta e quatro depoimentos, nos quais as pessoas se identificavam por pseudônimos, que indicaremos entre parênteses, sempre que os citarmos posteriormente. Além disso, os sujeitos se identificavam como sendo homens, heterossexuais, entre dezessete e quarenta anos. Segundo eles, a duração média do uso de pornografia seria de onze a quinze anos.

A análise desse material possibilitou a identificação dos conteúdos que foram agrupados em categorias temáticas, por meio da análise de conteúdo de Bardin, conforme proposta e adaptada por Moraes (1999), com a interpretação dos dados construída a partir da teoria psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as leituras sucessivas dos depoimentos foram emergindo unidades de registro, a partir das quais consolidaram-se seis categorias temáticas, que correspondem à tentativa de entendimento dos fenômenos que atravessam o discurso dos depoentes, bem como dos elementos que dificultam a interrupção do uso desenfreado da pornografia. As categorias foram nomeadas como: 1) Gatilhos silenciosos – das revistas à internet; 2) Vergonha, culpa e masturbação; 3) Fetiche e fantasia; 4) A adicção e seus sintomas – a espiral da degradação; 5) A (in)capacidade de amar; e 6) O pedido de socorro.

Optamos por manter os relatos em sua forma original, isto é, citando-os inclusive com

os erros gramaticais e outros detalhes inerentes às narrações. Além disso, consideramos as informações contidas nos depoimentos como fidedignas em si, independentemente de serem verdades factuais ou não, uma vez que foram expressas de determinado modo e livremente. Portanto, possuem valor de realidade para o sujeito que enunciou tal discurso, pois manifesta o sentido e o significado que o próprio indivíduo lança ao seu sofrimento e a sua história. Em outras palavras, expressa uma realidade no modo de funcionamento psíquico daquela pessoa, onde a fantasia se entrelaça com a realidade.

1) Gatilhos Silenciosos: das revistas à internet

É possível afirmar que as novas tecnologias estão diretamente implicadas no vício em pornografia, pois algumas postagens evidenciam que a chegada da internet foi um estímulo crucial no ingresso ao consumo desmedido do material pornográfico, por permitir o acesso irrestrito, em qualquer momento, ou local. Mas nem sempre foi assim.

Segundo os depoentes, o primeiro contato com a pornografia aconteceu quando eram menores de idade, através de revistas, fotos ou vídeos VHS dos próprios pais, de colegas e de bancas de revista. Sabiam que tais conteúdos não eram indicados para seu consumo em função da idade e alguns sentiam-se inibidos na missão em buscar os materiais. Outros, porém, ao conseguir acesso ao material, sentiam-se vitoriosos e detentores de um segredo referente à sexualidade.

... lembro-me de ter me deparado com minha primeira foto porno aos 12 anos ... cara aquilo foi uma descoberta de mina de ouro pra mim ... eu sou da época da playboy ... e meus pornôs foram fitas VHF época do Vídeo K7... peguei a época de banda larga de 10 anos pra cá.... mas ainda assim essa desgraça me arreventou... (Bereta).

... eu entrei para o vício logo na adolescência. Aos 11 anos lembro-me de ter ganhado de presente uma revista de mulher pelada, mas até aí nada de mais. O problema mesmo veio aos 12 com a internet. ... mesmo sem saber disso na época, tenho para mim que já estava completamente viciado em pornografia. A internet era o meu refugio. (Projeto).

... comecei a ver revistas e dvdspornográficos com meus amigos de rua, esse foi o começo da minha destruição... Mas com a chegada de um PC na minha casa e a descoberta dessa combinação perversa, posso dizer que foi o início do meu fim. (Paz).

Temos a impressão de que tais sujeitos, ao serem expostos à pornografia na infância e início da adolescência, foram vítimas do excesso; isto é, foram expostos a estímulos aos quais eram incapazes de compreender e de lidar com eles, por não estarem preparados psicologicamente em função da magnitude dos elementos que a pornografia expressou nas suas subjetividades. Todavia, quando adultos, conseguem discernir que tal contato foi o início de seu ingresso na dependência.

A velocidade na obtenção de informações na virtualidade apresenta duas facetas.

Se por um lado há rapidez no acesso a conhecimentos, informações e lazer, por outro, como no caso do vício em pornografia, favorece à utilização de forma irrestrita na tentativa de suprir necessidades e ausências, como objetos substitutivos, que lançam os sujeitos em situações de intenso sofrimento.

... quando iniciei meu processo de enclausuramento havia apenas uma coisa que me dava prazer: a pornografia na internet. ... De início, apenas me interessava por pornografia leve, mas com o tempo isso já não bastava, e fui aos poucos mergulhando mais e mais fundo nesse mundo tão excitante e solitário ao mesmo tempo... E também vivenciava as minhas primeiras experiências afetivas, com namoradas e ficantes. No entanto, o que realmente me excitava eram as imagens e vídeos pronográficos que a internet me apresentava, gratuitamente, no momento em que eu quisesse, a apenas alguns cliques de distância. (Sputnik).

2) Vergonha, culpa e masturbação

Alguns elementos se destacaram na narrativa dos sujeitos, como o sentimento de vergonha e culpa que tangenciam a masturbação, pois durante e após praticarem o ato sentem-se envergonhados e, muitas vezes, culpados. A culpa se relaciona a algum comportamento recordado, que desafiou uma lei e a própria formação psíquica (Peres, 2001). Freud (1930/1996c) pontua que esse sentimento decorre de que todo sujeito possui em si pulsões agressivas, mas, devido à moralidade, não pode destiná-las a outras pessoas. Como forma de preservação do ambiente social, por vezes o sujeito volta a agressividade para si, internalizando-a. Psicodinamicamente, ela poderia ser compreendida como um conflito entre as demandas do superego e do ego, num embate que põe "... em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos" (p. 127).

A vergonha seria uma força anímica introduzida no período de latência que precede a puberdade (Freud, 1905/1996a), onde ocorrem intensas mudanças corporais e transparece a mensagem de que o corpo está se desenvolvendo e se tornando capaz de relacionar-se sexualmente com outra pessoa. Contudo, a civilização determina normas e limites para a satisfação e consolidação do ato sexual e, nesse sentido, a vergonha seria uma força que trabalha como resistência ao escoamento libidinal, sendo fundamental no processo civilizatório. Em outro aspecto, o sentimento de vergonha poderia ser encarado como um sintoma, que se expressa por meio do reprimido ao agir como seu substituto (Freud, 1905/1996a). Logo, a vergonha seria um sintoma que representaria o sofrimento gerado pela passagem do reprimido.

Conforme sinalizado pelos sujeitos, tais sentimentos decorrem do ato repetido do consumo de pornografia e, principalmente, da prática masturbatória: *"Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo... Foi uma época em que eu percebi que a*

masturbação era algo humilhante e estava determinado a parar...” (Projeto). Ou ainda: “Mas me masturbava MUITO, geralmente fantasiando no banheiro ou assistindo TV. ... Era todo dia! ... E, por ter uma criação e uma vida religiosa (católica), me sentia muito mal com a masturbação, vista como pecado.” (Fabsjoia).

É possível supor que, para esses sujeitos, a intensificação da masturbação e o consumo excessivo de pornografia podem ter sido ocasionados por efeito de vários fatores, como a baixa autoestima e a insegurança. Embora esses elementos possam ser encontrados em diversos momentos ao longo de toda a vida do sujeito, comumente a pornografia e a masturbação vigoram, principalmente, no início e durante na adolescência, etapa esta demarcada por alternâncias emocionais e atitudes instáveis. Diante disso, a pornografia surge como um caminho rumo ao prazer e autodescoberta. Todavia, alguns se fixam nessa forma de estimulação e de descoberta, tendendo a se desorganizar e perder o controle no uso do objeto.

Só poder ser a pornografia e a masturbação. ... Ou seja, eu não tinha certeza, mas por dedução (por já haver tentado de tudo) eu enfim me dei conta de que podia ser a pornografia que estava me afundando... Minha adolescência foi uma porcaria. Uma baixa autoestima contumaz e uma falta de impulso e confiança para lidar com as garotas, tudo isso me conduzia ao que me restava de “experiência sexual”: a masturbação com pornografia ou mesmo a masturbação imaginando garotas que eu queria ... A masturbação nos enche de vazio (Magrão).

Considerando o sofrimento gerado pelo excesso de pornografia e de masturbação, parece-nos possível supor que esses sujeitos, tendo em vista a primazia do autoerotismo na busca pela satisfação sexual, parecem apresentar uma constituição psíquica frágil, com predominância de elementos primitivos que não foram metabolizados.

3) Fetiche e fantasia

Determinados sujeitos afirmaram sentir prazer apenas por intermédio do uso da pornografia. Alguns, embora tivessem relações sexuais, não conseguiam obter a satisfação, sendo esta encontrada sobremaneira pela fantasia no ato de utilizarem a pornografia. Assim, esta foi pensada como objeto de fetiche por representar a excessiva exclusividade na obtenção de prazer e na relação dos depoentes com ela.

Há evidências que permitem afirmar que esses sujeitos não se impulsionam na tentativa de construir um ato de prazer com outra pessoa, uma vez que a fantasia presente no ato autoerótico lhes seria suficiente, como, por exemplo: *“Já tive a oportunidade de namorar com muitas garotas, porém sempre rejeitei, pois pra mim o prazer que eu estava tendo com a pornografia e masturbação já bastava pra mim.” (lucasfsdf).*

Nesse sentido, a atividade fetichista acontece quando um objeto sexual que possibilita o coito, é substituído por outro que não concede elementos para a relação

sexual (Freud, 1905/1996a). Logo, a prática fetichista ocorre na ocasião em que só se alcança o prazer por meio de objeto específico e se fixa em um determinado objeto de fetiche, independente de outro sujeito e do alvo sexual. E nos depoimentos, os usuários demonstram que consideram a pornografia um objeto de satisfação que lhes é sentido como exclusivo, visto que obtêm a satisfação somente mediante o seu uso, sem a presença de um outro sujeito como alvo sexual: “... *me atolei mais e mais na P [pornografia] ... O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres*”. (nofapwinner). Ou ainda:

A pornografia me jogou desde a adolescência num ciclo que é o seguinte: não busco experiências reais porque não tenho vontade e motivação e, além disso, tenho DE [Disfunção Erétil]=> Como tenho DE e não sinto vontade de ter experiências reais como uma mulher, fico na mesma, onde estou, com o xvídeos ... e eu volto para a pornografia e a masturbação obsessiva. Sinto que com a pornografia eu tenho algo que me dá satisfação e prazer. Sem ela eu me anulo... (Zé).

Observamos que a presença do objeto com características fetichistas é responsável por redirecionar a libido, que outrora buscaria o relacionamento com outra pessoa como alvo sexual, e a desloca a pontos de fixação, onde os sujeitos sentem-se aprisionados.

... eu assistia porno mesmo namorando com ela (ela não sabia), e sim, cada vez minha libido ficava mais “seletiva”, em busca de categorias mais específicas de pornografia. Sem elas não tinha ereção. ... comecei a ficar com uma garota, porém não tinha ereção nenhuma ao beija-la. Também não sentia desejo sexua.... (Azured).

O pornô era a solução mágica para escapar de um mundo de problemas infundáveis. Até que notei que o tempo que passava consumindo, o gênero e a qualidade das excitações não eram as mesmas. ... Aos poucos eu fui passando dos vídeos para as fantasias mentais no meu novo mundo de masturbador compulsivo. (Lion (Cassiano)).

Eu sei como é ter fetiches. eu tenho muitos, desde os simples até os bizarros. Exemplos: grávidas, travestis, urina, corno, zoofilia, pedofilia. e várias outras coisas... Eu fui desenvolvendo esses fetiches conforme me viciava mais em porno, ... tudo pra conseguir mais variedade e mais prazer na pmo (Projeto renascimento).

A partir do exposto, evidencia-se que o ambiente virtual favorece aos sujeitos o encontro com as mais variadas modalidades sexuais, desde a pornografia tradicional até as mais específicas, permitindo a ampliação do consumo de diferentes categoriais pornográficas, favorecendo o retorno do polimórfico perverso, na obtenção singular de prazer e na dessensibilização no relacionamento com outras pessoas.

4) A adicção e seus sintomas: a espiral da degradação

Nosso intuito aqui é o de apresentar a sintomatologia psicológica, física e social, gerada no vício em pornografia. Nesse sentido, podemos destacar que os depoentes afirmam que o uso constante e imoderado de pornografia gera sintomas, como: desmotivação em desempenhar atividades cotidianas, procrastinação das tarefas, depressão, isolamento social, ansiedade, pensamentos suicidas, agressividade, irritabilidade, insônia, negligência na alimentação com alteração de peso (uns afirmam ter engordado, ao passo que outros emagreceram), dessensibilização peniana, disfunção erétil, ejaculação retardada, rebaixamento da libido e imaturidade. Embora tais sintomas sejam relatados em maior ou menor grau na maioria dos depoimentos, destacamos a seguir um que ilustra essa realidade:

Desmotivação, muito na procrastinação, apatia, falta de energia, isolamento social, estava muito antissocial mesmo! Desenvolvi fobia social/ surto de pânico e ansiedade! Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente, etc. Me isolei na merda, depressivo, com pensamentos suicidas, fiquei altamente solitário, agressivo, com insônia, me alimentando mal, fiquei magro, abaixo do peso, peguei pesado na P e nas bebidas e nos cigarros. Me ferrei nos estudos. E me atolei mais e mais na P. - Me ocorreu uma dessensibilização no pênis. Comecei a ter ejaculamento retardado e princípio de disfunção erétil. ... Eu sei que todos esses sintomas não foram causados diretamente pela P. Mas a P aumentou absurdamente os efeitos dessas coisas. Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner).

Ademais, os sujeitos ponderam que o uso excessivo de pornografia na adolescência, gerou severas alterações comportamentais e quadros de imaturidade no convívio social.

Minhas notas a partir de então desmoronaram e me tornei um completo crápula, o tipo mais besta, mais irritante que pode haver (para vocês verem como a pornografia, inclusive, torna o adolescente imaturo ao extremo)... Perdi contatos, colegas, oportunidades de crescimento, de convívio ...perdi tudo. Tudo. (Justiceiro do Sertão).

Os sujeitos revelam a ritualização no consumo de pornografia, sendo que o momento de uso mais frequente ocorre na madrugada ou a noite, antes de dormirem e posterior aos familiares repousarem; ou seja, desejam privacidade e estar fora de alcance social. O medo em ser descoberto se torna tamanho, que é comum entre os adictos a criação de pastas ocultas e a utilizações de tecnologias de memória portátil (*pen drive*, HD externo). Em outros casos, os sujeitos buscam por estímulos pornográficos independente de lugar e horário, inclusive produzindo risco a si mesmos ou à sociedade, como no exemplo a seguir: “*O maldito hábito era crescente e chegava às raias da loucura. Quantas vezes não assisti a vídeos pornográficos no trabalho ou mesmo cheguei a dirigir assistindo a um vídeo pornográfico pelo meu celular!*” (M. Mystère).

Os depoentes também demonstram vivenciarem a sensação de estarem sendo

dominados pela pornografia, pois perdem o controle na seleção de estímulos sexuais, ocasionando sofrimento no ato da procura, no consumo e após:

Sou hétero, mas já busquei de tudo na internet...comecei por sexo convencional, orgias, depois parti pra P gay, canibalismo, teens... Não quero mais ser escravo... Já saí com mulheres e falhei na hora H, e hoje sei com 100% de certeza que foi por causa da maldita P (doidan).

A dificuldade apontada em se desvincular da pornografia se assemelha a quadros de adicção por drogas, pois nota-se a presença da síndrome de abstinência:

Conseguí ficar uns 70 dias sem o vício, porém eu não entendia o porque de eu sentir tanta coisa na abstinência, ... e agora posso entender que o que sinto é fruto da abstinência, tipo mal humor, sonhos eróticos, tratar mal as pessoas que mais amo, desânimo, vontade de me masturbar assim que acordo, dentre outras coisas (vencedoremcristo).

Bati de frente com o vício e não esperava o que estava por vir, não conseguia passar 2 dias sem me masturbar, ficava criando mentiras na minha cabeça do tipo “a só uma hoje e depois eu paro”, “a eu bati ontem mesmo entaonao perdi nenhum dia, não custa bater uma hoje, ai amanhã eu paro” e isso durante um bom tempo (Lee).

Os pensamentos repetitivos invadem o psiquismo desses sujeitos, pois eles sabem que, ao consumir o conteúdo pornográfico, ao menos por alguns instantes, sentirão o rebaixamento de suas tensões e um pouco de satisfação.

5) A (in)capacidade amar

Esse eixo temático é derivado do anterior, mas preferimos trata-lo separadamente porque identificamos nas postagens variadas alusões ao amor, por meio da dificuldade em amar tanto as outras pessoas, como a si próprios. Isto nos levou a resgatar Freud (1930/1996c), ao considerar que, para qualquer sujeito obter a realização pessoal, é necessário amar e trabalhar. Estes fatores encontram-se comprometidos na adicção em pornografia. Mas afinal o que seria o amor? Podemos pensar sobre isso, recorrendo a Freud (1914/2004), quando discorre a respeito do narcisismo secundário, afirmando que uma relação afetiva vai além do autoerotismo, isto é, ocorre quando um sujeito lança sua libido para um objeto e obtém seu retorno. Apesar do amor estar intimamente relacionado a idealizações e projeções influenciadas pelas satisfações vivenciadas na tenra infância com seus cuidadores, o amor se destinaria a um objeto isento de interdições sociais, ou seja, livre da possibilidade de parricídio e de incesto.

Partindo dessas ponderações, podemos constatar nos depoimentos que a capacidade de estabelecer vínculos afetivos dos adictos em pornografia se deteriora, uma vez que não conseguem se desvencilhar do autoerotismo, que os direciona a uma espécie de aniquilamento. Assim, o vício por material pornográfico atua diretamente na perda da libido direcionada a outrem e da capacidade de manifestar e desenvolver sentimentos

próprios de uma relação.

... nunca consegui amar profundamente as namoradas que tive... e eu enjoava... tinha baixa de libido.... enfim terminava o relacionamento e lá estava eu denovo no pornô, foi indo eu comecei a sair atrás de mulheres apenas para sexo... era transar uma vez e pronto já perdia o interesse... o sentimento pra min não existia mais... e eu pensava..."eu perdi a capacidade de amar"... desenvolvi depressão... fobia de pânico ... de qualquer forma vejo que um dos problemas ... foi o fato de eu associar esse inferno de pornografia no meio dos meus relacionamentos (Bereta).

Ficava com medo de me envolver com as mulheres (coisa que não tinha antes de me viciar em P), medo de conhecer gente... - O interesse por mulheres na vida real já não era mais o mesmo. Fiquei cego perante aos inúmeros sinais e oportunidades que tive de ficar com várias mulheres... Diria que o envolvimento social e a parte relacionada a sexualidade foram as mais afetadas (nofapwinner).

Observamos que, quando se está em um ciclo de repetição, a pornografia se apresenta como uma saída exclusiva capaz de proporcionar um pouco de prazer. Nas postagens notamos que, em virtude do uso pornográfico, alguns sujeitos desenvolvem problemas de ereção e ejaculação (disfunção erétil e ejaculação retardada), fatores que psicicamente se tornam um obstáculo na tentativa de romper a repetição na busca de uma relação sexual concreta entre pares. Mas mesmo quando não acontece esse tipo de problema, a relação sexual com alguém não é suficiente, mantendo-se a primazia autoerótica e a repetição.

... meus relacionamentos afetivos eram ridículos e eu me tornei uma pessoa cruel... Aos 16, foi quando comecei a ter vergonha de mim mesmo, senti que precisava de uma namorada e decidi parar com a pornografia e masturbação pela primeira vez... Com 17 anos comecei a namorar e a ter uma vida sexual ativa. Aliás, o meu pensamento para justificar a pornografia antes desse período era de que quando eu fizesse sexo eu não iria mais querer assistir pornografia... Obviamente que mesmo com o namoro e com uma vida sexual normal, esse hábito não terminou. Ao contrário, só foi piorando ao longo dos anos, (Projeto).

Desse modo, verificamos a duplicidade do desejo. Se por um lado os sujeitos anseiam por um enlace afetivo com outrem, por outro rechaçam qualquer possibilidade efetiva de sua concretização. Supomos que, inconscientemente, os adictos se utilizam de mecanismos defensivos para impossibilitar sua vinculação, que podem ser representados pela autodepreciação, por sentimentos de vergonha e culpa, dentre outros. Assim, a adicção em pornografia se apresenta como um vício solitário que dificulta a consolidação dos relacionamentos sociais e afetivos, por evocar mecanismos defensivos que dificultam a superação do sintoma; ou seja, os sujeitos sentem que embora a pornografia lhes ofereça poucos recursos de satisfação, ainda lhes propicia algum, e qualquer tentativa de ruptura desse ciclo é enfrentado com muita tensão e angústia.

6) O pedido de socorro

Nessa categoria procuramos evidenciar o pedido de socorro expresso pelos sujeitos, que se encontram em situação de sofrimento, em função do uso excessivo da pornografia. A experiência de ser dependente de um objeto pornográfico resulta em sintomas, que influenciam diretamente a maneira com que o usuário de pornografia se vincula com o meio em que convive, como destacamos anteriormente. É notório o sentimento de desamparo e de solidão, suscitados pela toxicidade do objeto. Os depoentes se queixam da falta de uma rede compreensiva, de apoio governamental, de assistência médica e psicológica adequadas a sua causa.

Cara foi um inferno por 6 meses ... comecei a ir a um terapeuta e eu falei pra ele que tinha problema com pornografia ele falou que não era problema que se eu evitasse seria pior pois estaria matando o "homem" em mim. Mano até então foi beleza... com ajuda de um psiquiatra eu comecei a ficar de boa... tomando remédios... mas mesmo assim no pornô tava lá... (Bereta).

Perante a dificuldade em conseguir auxílio efetivo para a sua dificuldade, os sujeitos buscam algum tipo de ajuda na virtualidade, ao menos para expressar as suas angústias e os seus medos, provocados pela sua relação de dependência. A procura pelo ambiente virtual nos parece ser um pedido desesperado de alcançar visibilidade para o seu sofrimento. No geral, os depoentes sentem-se inibidos e negligenciados quando procuram auxílio junto aos amigos, parentes e serviços de saúde, devido ao julgamento moral presente no contexto social. Mas quando se sentem aceitos, não julgados, parece haver a possibilidade de uma certa abertura para vislumbrar uma saída.

Comecei a pesquisar sobre o vício em pornografia, e ..., foi quando quase desistindo encontrei o blog, li a pagina inicial, e vi os comentários, entrei no forum e comecei a ver alguns relatos, e era como se eu estivesse contando minha historia em tópicos picados, meu coração se encheu de alegria em descobrir o que me destruía por dentro e ver que muitos estavam conseguindo se libertar e ter uma vida feliz... gostava de ler a parte dos relatos onde pessoas superaram o vicio maldito de PM... Vi que se eu não agisse logo acabaria com a minha vida, foi quando fiquei 8 dias sem me masturbar, isso entrando todos os dias aqui, reforçando meu objetivo e lendo os benefícios e os males que essa desgraça traz a nossas vida. ... preciso de ajuda, não aguento mais essa situação, sofro demais com isso e vejo que não estou sozinho nessa luta. (Lee).

A PROCURA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Procuramos tecer algumas considerações interpretativas sobre os conteúdos apresentados, através dos eixos temáticos, com o propósito de construir uma compreensão, criando algumas leituras possíveis sobre o vício em pornografia. Contudo, temos ciência de que não conhecemos profundamente a história particular e o modo como cada depoente a

vivenciou, pois eles se preservam no anonimato. Mas conhecemos como eles se manifestam em suas postagens na internet, as quais tomamos como fidedignas porque são narrativas de sujeitos sobre suas próprias vidas, sem a preocupação de serem reconhecidos. Se as postagens, tal como as examinamos, foi a forma que encontraram para tornar possível a expressão de um discurso sobre suas vivências com a pornografia, então essas narrativas contêm a verdade desses sujeitos, ocultas ou explícitas, reais ou imaginárias.

De acordo com Costa (2011), vivenciamos um momento histórico revolucionário, em função dos avanços tecnológicos, principalmente os de comunicação, que exigem que nos adaptemos a eles. A internet, por exemplo, possui poder de influenciar nosso psiquismo por redefinir elementos estruturantes, tais como nossas percepções de tempo e espaço (Hall, 2005). Vivenciamos ainda um movimento de ruptura dos hábitos e valores sociais, que favorece a emergência de sentimentos de angústia no sujeito. Diante de tantas mudanças, a matriz simbólica (Minerbo, 2013) se torna vaga, sendo que o adulto passa a ter dificuldade em apresentar esse novo mundo às novas gerações. Nesse sentido, Minerbo (2013) assegura que a constituição de cada sujeito é influenciada por instituições presentes na cultura, como a família, a igreja, a escola, dentre outras. No início da vida, esse sujeito é cuidado por seus responsáveis, que pertencem a uma rede simbólica e que gradualmente o inserem nas instituições, fornecendo informações necessárias para que ele possa significar o mundo que o cerca. A essa função de apresentar o mundo a um ser, segundo a autora supracitada, nomeia-se de função simbolizante, que se refere ao ato de criar, reproduzir símbolos e de destinar significado à existência humana, bem como de integrar experiências.

De acordo com Minerbo (2013), a função simbolizante está relacionada com a função materna, que é realizada pela figura materna ou por seus substitutos. No entanto, nota-se que em alguns casos os responsáveis não fornecem sentido às ansiedades experimentadas pela criança/bebê. Como consequência, os símbolos e sentidos não são integrados ao psiquismo, gerando falhas na constituição de seu ego, comprometendo a função simbolizante. Esse tipo de falha "... lança o sujeito num vazio de significações." (Minerbo, 2013, p. 89). Nessa perspectiva, Costa (2011), Costa (2013) e Ceccarelli (2011) também afirmam que nas circunstâncias em que o cuidador não consegue acolher e destinar sentidos às situações dolorosas do bebê, pode dificultar a criação de sua rede simbólica. Nesses casos, os sujeitos se veem impedidos a preencher as lacunas de sua constituição e, por isso, recorrem a objetos substitutivos, seja a pornografia, as drogas lícitas ou ilícitas, os jogos, dentre outros – que são sentidos pelos adictos como continentes, ou seja, funcionam com uma lembrança do cuidador da infância, que foi deslocada a um objeto e permite aos sujeitos sobreviverem psiquicamente (Ceccarelli, 2011). Todavia, a tentativa de realizar integrações de vivências passadas é frustrada, pois o objeto atual não conseguirá suprir a falha básica.

Constatamos que a adicção nos é explicada pela tentativa do sujeito em não

se sentir só, sendo a conduta adictiva uma resposta fornecida pelo psiquismo, em decorrência de uma forte dependência do outro e pelo medo de ser abandonado pelos objetos de amor. Como uma maneira de substituí-los o sujeito tende a valer-se de objetos substitutivos, sendo esta uma alternativa economicamente propícia ao psiquismo, embora com conseqüências sintomáticas, conforme já discutimos. Nessa via, voltar-se ao uso de pornografia seria uma tentativa de restituir, de algum modo, a rede simbólica. Contudo, para esses sujeitos os conteúdos que permeiam o universo pornográfico são tóxicos e excessivos, sobrecarregando o psiquismo em função de algum nível de fragilidade em suas constituições psíquicas.

Subjacente ao discurso dos depoentes, percebemos que a pornografia, quando escolhida como um objeto adictivo, não pode realizar surpresas; ou seja, os usuários anseiam não ser frustrados por esse objeto quando se sentem compelidos a estar com ele. Assim, do mesmo modo que a um cuidador da infância, os indivíduos adictos procuram por segurança e proteção em sua vinculação com a pornografia. Tal demanda pode ser compreendida se considerarmos que o comportamento adictivo é marcado pela cisão egóica, a partir da qual há o predomínio da satisfação das demandas pela via da onipotência e da realização de aspectos pulsionais primários, conforme esclarece Ceccarelli (2011). Dessa forma, os usuários sentem que o objeto, no caso, a pornografia, estará presente sempre que for solicitado, principalmente se envolver a internet. Assim, ao se reportarem inconscientemente à pornografia em busca de proteção e segurança, percebemos a necessidade de satisfação de demandas primitivas. Logo, por especificidades desses depoentes, a pornografia é escolhida, pois, momentaneamente, presta auxílio ao sujeito na missão de lidar com ausências na sua rede simbólica, bem como propicia o rebaixamento do estado de desprazer e possui elementos capazes de assessorar na formação de algum tipo de identidade, mesmo que com distorções.

Segundo os relatos, majoritariamente o contato com a pornografia ocorreu antes dos 12 anos de idade e de modo solitário, ou seja, sem a devida mediação de um cuidador que pudesse exercer uma função simbolizante a respeito do que as crianças, ou os adolescentes, consumiam. Desse modo, podemos presumir uma falha na condição de prover significados a esses objetos culturais que, por conseqüência, criam dificuldades no estabelecimento de autonomia e de responsabilidades nesses usuários, favorecendo a dependência e a adicção. Por sua vez, se considerarmos que a personalidade neurótica é estabelecida pelo símbolo e pelo conflito nas relações objetais, no caso do sujeito adicto a fragilidade simbólica indica um modo de funcionamento psíquico não neurótico, que se conecta a obstáculos vivenciados na constituição do narcisismo e, conseqüentemente, na função egóica (Minerbo, 2013). De acordo com esta autora, como a libido não obteve representação pela via simbólica, todo e qualquer estímulo é percebido pelo sujeito como forte e suficiente para desintegrá-lo, pois ele encontra-se em um estado de vulnerabilidade egóica, gerando tensão. Desse modo, aquilo que não é suportado é evacuado no mundo

externo através de atuações, que provoca no sujeito um estado confusional e dificulta a integração de uma rede de representações estáveis que caminhem em direção ao pensamento reflexivo. Assim, o sujeito busca no objeto pornográfico a elaboração de suas angústias, pois não possui a continência interna necessária para lidar com estímulos tão intensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora sem pretender esgotar o assunto, devido à abrangência e complexidade do fenômeno estudado, foi possível refletir a respeito do vício em pornografia. Deparamo-nos com relatos que evidenciam pessoas imersas em profundo sofrimento em função de como vivenciam uma relação intensa com um objeto-tóxico-pornográfico, mas que se configura como o único elemento em suas vidas capaz de lhes fornecer algum tipo de sentido, mesmo que problemático.

Evidenciamos o florescimento do cenário pornográfico, especialmente no ambiente virtual, bem como o consumo excessivo da pornografia, quando se constitui num excesso particularmente no nível intrapsíquico. Como tentativa de explicar o excesso, supomos que a economia psíquica na relação com a pornografia tinha como finalidade minimizar as sensações de desprazer e evitar situações que promovessem qualquer ameaça a essa condição, numa tentativa de “restaurar um estado anterior de coisas” (Freud, 1920/1996b, p. 68). Ou seja, por estarem infelizes com o rumo de suas vidas e/ou com o retorno de angústias não elaboradas em seu passado, o caminho possível foi a pornografia, ansiando insistentemente pelo reencontro com um estado de plenitude, evitando desprazer. É como se recorressem a um atalho nessa busca frenética por um estado de completude, através do qual se pudesse evitar a dor, a angústia, o confronto com os conflitos não resolvidos do passado.

Mas a satisfação obtida pelos adictos é parcial e se afasta do propósito de Eros, a união entre os pares, sendo que o clímax é alcançado de modo solitário por meio do ato masturbatório. Em conformidade a uma cultura que nos impõe ideais individualistas e narcísicos e de particularidades intrínsecas a cada sujeito, o comportamento adictivo foi percebido como uma tentativa desesperada por parte dos depoentes de não se sentirem solitários, em meio à demanda por amparo e temor à solidão. Em consequência dessa escolha, o próprio objeto lança o sujeito a uma situação de intenso sofrimento, pois as mensagens transmitidas por esse objeto sobrecarregam o psiquismo de cada depoente.

Reconhecemos o sofrimento gerado por essa modalidade de vício como de ordem narcísica, com a manifestação frequente de sentimentos, como aniquilamento, vergonha, culpa, humilhação, entre outros. Em suma, presumimos que os depoentes indicados nessa pesquisa confiaram à pornografia a função que em um momento anterior de suas vidas deveria ter sido realizada por algum cuidador. Assim, é mantida com o objeto substitutivo

uma relação primária, semelhante àquela com o primeiro objeto de amor, o que impossibilita a integração egóica e o desenvolvimento da autonomia e da individuação.

Por fim, salientamos que a problematização realizada a respeito do vício em pornografia é um fenômeno com direcionamentos sociais, psicológicos e de saúde pública. Mais pesquisas acerca desse fenômeno poderão, além de aprofundar as discussões, auxiliar nos processos de definição de propostas governamentais ligadas à saúde pública, voltadas aos sujeitos que estão em estado de sofrimento, que necessitam se esconder por trás de pseudônimos para poderem relatar suas angústias e buscar algum tipo de ajuda.

REFERÊNCIAS

Castelo Filho, C. (2012). Juntos, porém sós: a possibilidade ou a impossibilidade de encontros humanos - problemas do mundo atual ou velhos problemas com novas vestimentas? *Reverie - Revista de Psicanálise*, 5(1), 66-77.

Ceccarelli, P. (2011). Reflexões sobre a economia psíquica das adições. *Reverso*, 33(62), 69-77. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200008&lng=pt&tlng=pt

Costa, J. F. (2013). A simbolização e a clínica da adicção. In: L. C. Figueiredo; B. B. Savietto & O. Souza (Orgs.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 85-94). São Paulo: Escuta.

Costa, R. M. (2011). A civilização da imagem e os vícios eletrônicos. *Rêverie: Revista de Psicanálise*. 1(4), 201-210.

Faria, D. (2018). Consumo de porno continua a aumentar. *CM Jornal*. Recuperado de: <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/consumo-de-porno-continua-a-aumentar>

Fernandes, N. (2020). Consumo de pornografia registra alta durante pandemia. *Surgiu*. Recuperado de: <https://surgiu.com.br/2020/09/30/consumo-de-pornografia-registra-alta-durante-pandemia/>

Freud, S. (1996a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1996b). Além do princípio do prazer. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XVIII, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1996c). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.), *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S. Freud. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Galatzer-Levy, R. (2012). Obscuring desire: a special pattern of male adolescent masturbation, internet pornography, and the flight from meaning. *Psychoanalytic Inquiry*, 32(5), 480-495. <http://doi.org/10.1080/107351690.2012.703582>

- Gaspar, M., & Carvalheira, A. (2012). O consumo de pornografia na internet numa amostra de mulheres portuguesas. *Psychology, Community & Health*, 1(2), 163-171. <http://doi.org/10.5964/pch.v1i2.27>
- Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Leite, J. (2012). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, (38), 99-128. <http://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100004>
- Minerbo, M. (2013). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22, 7-32.
- Orenstein, J. (2017). O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet. *Nexo Jornal Ltda*. Recuperado de: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os-dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet>
- Parreiras, C. (2012). Altporn, corpos, categorias e cliques. *Cadernos Pagu*, (38), 197-222. <http://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100007>
- Peres, U. T. (2001). Por que a culpa?. In U. T. Peres (Org.). *Culpa* (pp. 7-14). São Paulo: Escuta.
- Real, H. (2017). Consumo de pornografia volta a crescer na internet. *CM Jornal*. Recuperado de: <https://www.cmjornal.pt/tv-media/detalhe/consumo-de-porno-na-internet-aumenta>
- Silver, C. (2018). Pornhub 2017 Year In Review Insights Report Reveals Statistical Proof We Love Porn. *Forbes*. Recuperado de: <https://www.forbes.com/sites/curtissilver/2018/01/09/pornhub-2017-year-in-review-insights-report-reveals-statistical-proof-we-love-porn/#121be7f624f5>
- Wood, H. (2014). Internet offenders from a sense of guilt. In: A. Lemma, & L. Caparrotta. *Psychoanalysis in the Technoculture Era* (pp. 114-128). London, New York: Routledge.
- Woods, J. (2015). Seeing and being seen: the psychodynamics of pornography through the lens of Winnicott's thought. In: M. B. Spelman & F. Thomson-Salo. *The Winnicott tradition: lines of development – evolution of theory and practice over the decades* (pp. 163-174). London: Karnac.

IMPACTO DA SUSPENSÃO DO X: A ABSTINÊNCIA DIGITAL E A CULTURA JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Data de submissão: 13/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Lucas Eugênio de Lima Borsato

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

Gustavo Felipe Freitas dos Santos

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

Breno Gabriel dos Santos

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

A decisão de suspender o funcionamento da rede social X (antigo Twitter) no Brasil, tomada pelo ministro Alexandre de Moraes do Supremo Tribunal Federal (STF), foi motivada pelo descumprimento de diversas ordens judiciais por parte da empresa, sob a direção de Elon Musk, incluindo a exigência de indicação de um representante legal no país e o pagamento de multas acumuladas.

(Vilela; Lopes, 2024). Essa medida gerou um impacto profundo e multifacetado entre os usuários, com destaque para os adolescentes e jovens adultos, grupos que se mostraram particularmente vulneráveis a essa abrupta desconexão de uma das principais plataformas de expressão e interação social da atualidade. (Campos, 2022).

Para muitos jovens, o X (Twitter) não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um espaço essencial para a construção e manutenção de suas identidades sociais e emocionais. A rede serve como um canal onde podem compartilhar pensamentos, sentimentos, e participar de uma comunidade mais ampla, conectando-se com pessoas que compartilham interesses semelhantes ou que oferecem apoio emocional. Assim, a súbita suspensão do acesso a essa plataforma resultou em uma sensação de privação e perda, levando a um sofrimento psicológico significativo entre esses usuários. Essa reação se manifestou de diversas maneiras, desde sentimentos de

ansiedade e frustração até comportamentos de busca intensa por formas alternativas de expressão. (Campos, 2022; Neves, 2015).

Diante dessa privação, muitos adolescentes começaram a migrar para outras plataformas digitais na tentativa de reproduzir a experiência que tinham no X (Twitter). Eles passaram a “tweetar” em outros espaços, como no Instagram, TikTok, ou até mesmo no bloco de notas dos seus celulares, tirando prints de seus pensamentos e compartilhando em outras redes sociais. Esse fenômeno revela não apenas a necessidade quase compulsiva de expressar ideias e sentimentos de forma pública e instantânea, mas também evidencia a dificuldade que muitos jovens enfrentam em encontrar novas formas de comunicação que substituam a dinâmica proporcionada pelo X (Twitter).

Neste trabalho, buscamos analisar essa relação entre o banimento da rede social X (Twitter) e os impactos sociais e psicológicos observados na adolescência. Pretendemos explorar como a necessidade de “tweetar” em novos contextos, a dificuldade em encontrar meios alternativos de expressão, e os efeitos dessas mudanças nas relações sociais dos jovens refletem nas suas experiências cotidianas e no seu desenvolvimento psicoemocional. Além disso, utilizaremos conceitos psicanalíticos para compreender mais profundamente as implicações dessas novas formas de expressão e a maneira como a perda de um meio tão central na vida dos adolescentes pode influenciar sua saúde mental e bem-estar social.

Sobre a relação do adolescente com a cultura e como ela é vivida e sentida por ele, nesse momento é necessário evidenciar a singularidade de cada cultura e como ela influencia a vivência de cada um de formas diferentes. Um jovem que vive em um determinado local, sofre influências do mesmo, por isso, jovens de localidades diferentes são culturalmente distintos. Isso parece óbvio, porém o contexto em que esse jovem está inserido, muitas vezes, explica o que é consumido por ele. Não se deve presumir que todos adolescentes consomem, gostam ou odeiam a mesma coisa apenas por terem idades semelhantes.

Ao relacionar o Twitter com o mundo adolescente, é notório que nessa rede existem vários públicos e que estes consomem coisas variadas, porém de uma maneira geral, é possível dizer que todos sentiram algum impacto a partir do desligamento da rede, mesmo que de maneiras e graus diferentes. Vários adolescentes, assim como a menina do vídeo, vem postando em outras redes sociais “tweets”, assim como faziam no Twitter, alegando que sentem falta de se expressar livremente. É curioso como essa rede se tornou um lugar de conforto para alguns, onde podiam desabafar, fazer amigos, falar sobre o que quisessem, muitas vezes sem zelo nenhum pelo outro ou até por si.

No Twitter os jovens tinham sua própria cultura, a linguagem usada na rede era modificada diariamente, todo dia surgia um novo meme, um novo vocabulário, um novo dialeto. Nesse ambiente era permitido um humor “mais pesado”, humor esse que em outras redes não eram bem vistos, e também, incompreendido pelas gerações mais velhas, na maioria das vezes.

O adolescente se identifica com outros adolescentes, já que não vê no adulto esse apoio e identificação e sim apenas um poço de cobranças, os mesmos são vistos como rebeldes e/ou preguiçosos. Falar mal dos pais no Twitter, é um exemplo de vivência que gerava um sentimento de identificação entre os jovens, uma sensação de que não passam por isso sozinhos.

Cada geração ao mesmo tempo que produz novas culturas, acaba produzindo também contraculturas, são tentativas de negar o que as gerações anteriores impõe às novas. O Twitter é um exemplo de local, onde esses jovens podem demonstrar suas insatisfações, publicar seus novos costumes.

É nas redes sociais que muitos jovens e adolescentes também constroem suas identidades. Segundo Nasio, é a identidade que regula o indivíduo, é a partir dela que o jovem delimita suas interações sociais e o seu relacionamento com o outro. A identidade é subjetiva, irá depender de jovem para jovem, ao mesmo tempo, de cultura para cultura, sendo possível existir diferentes jeitos de construir e de viver cada identidade. É na adolescência que o evento canônico de definir qual grupinho fazer parte acontece.

O sentimento de pertencimento pode surgir ao passo que identidades semelhantes se encontram, esse movimento se tornou mais comum com a internet e com as redes sociais. O Twitter é um exemplo disso, é possível acessar modos de existir, de culturas completamente distintas que antes eram desconhecidas, já que antes os jovens se relacionavam apenas dentro do contexto em que nasceram. A comunicação através da internet possibilitou trocas, sendo possível construir identidades diferentes e cada vez mais plurais.

A identidade é construída a partir da troca individual e social, implica o eu e o outro e na internet a procura pode ser motivada por amizades, busca de reconhecimento, de prestígio e de igualdade. Por isso, essa relação está relacionada à ideia de pertencimento, os jovens sentem-se pertencentes em grupos sociais e muitos desses grupos podem ser online. É um sentimento de união muito forte, por exemplo, no Twitter quando fãs fazem mutirões para que seus ídolos venham cantar no Brasil, pessoas que nunca se viram mas que possuem um mesmo interesse, se sentem conectadas de uma forma inimaginável.

Outro tema abordado em um dos tópicos foi o da saúde digital, que destaca a influência crescente da tecnologia e das plataformas digitais na vida dos adolescentes, sendo especialmente relevante quando analisamos o fenômeno recente de jovens migrarem para outras plataformas após o banimento do X.

O uso das mídias digitais por adolescentes é descrito como algo inerente ao seu cotidiano, com a internet e as redes sociais sendo utilizadas tanto para manter conexões sociais quanto como fonte de entretenimento e informação. No contexto atual, quando uma rede social é banida, muitos jovens recorrem a outras plataformas para suprir essa ausência, o que evidencia a dependência dessas ferramentas para interações sociais e atividades diárias. Isso se relaciona diretamente à questão da “saúde digital”, onde o

uso intenso de redes sociais pode trazer riscos à saúde física, mental e emocional dos adolescentes, conforme descrito no texto.

Ademais, a precariedade da saúde digital de muitos jovens se reflete incapacidade de se envolver em relações de outros formatos, pois se o banimento de uma rede poderia ser uma saída forçada desse meio digital, o que na maioria dos casos ocorreu foi um incentivo para intensificar o uso de outras redes.

Fruto dessa problematização, buscaremos aqui relacionar as discussões até aqui tecidas agora com um viés psicanalítico. A adolescência contemporânea é uma fase repleta de complexidades e desafios, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais que desempenham um papel crucial na formação da identidade do indivíduo. Este período é caracterizado por uma busca incessante por autoconhecimento e aceitação, onde o jovem enfrenta o desafio de consolidar sua identidade em meio a um turbilhão de impulsos internos e expectativas sociais. (Násio, 2011). A psicanálise, oferece uma perspectiva profunda sobre essa fase do desenvolvimento humano, entendendo-a como um momento em que a sexualidade e a agressividade emergem com força renovada, criando tensões significativas que o adolescente precisa gerenciar para construir uma identidade coesa. (Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009).

Um dos aspectos centrais dessa transição da infância para a fase adulta é o processo de luto, que não se limita apenas à perda de um estado anterior, mas envolve o abandono de diversas facetas da infância que moldaram a identidade do jovem. Durante a infância, o mundo parece mais seguro e previsível, com figuras de autoridade, como pais e professores, sendo vistas como fontes infalíveis de proteção e orientação. Entretanto, à medida que o adolescente avança em direção à maturidade, ele é confrontado com a realidade de que essas figuras não são perfeitas, revelando um mundo mais complexo e, por vezes, desiludido. (Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009; Nasser, 2021).

Como o autor J. D. Násio discorre em seu texto “Como agir com um adolescente difícil?: Um livro para pais e profissionais” (2011) esse luto se manifesta na percepção alterada dos pais, que na infância eram frequentemente idealizados como heróis capazes de resolver todos os problemas. Com a adolescência, essa visão começa a se desintegrar, gerando um sentimento de perda e desorientação. O jovem deve, então, lidar com a decepção ao perceber que seus pais têm falhas e limitações, o que contribui para uma sensação de luto ao abandonar a visão idealizada que possuía. Paralelamente, o adolescente também deve se desapegar da visão de mundo mais simplificada e ingênua da infância. Essa nova compreensão da complexidade das relações sociais, emoções e expectativas implica deixar para trás a inocência e simplicidade da infância, um processo que pode ser profundamente angustiante.

Esse luto é acentuado pelo intenso conflito interno que o adolescente enfrenta ao tentar equilibrar seus impulsos naturais de afirmação e exploração de sua identidade, incluindo sua sexualidade, com as normas sociais e expectativas familiares. (Nasser,

2021). Tal conflito pode gerar sentimentos de insegurança e desunião interna, onde o jovem se vê forçado a abandonar partes de si mesmo que não se encaixam mais em sua nova realidade. Esse processo doloroso pode se manifestar em comportamentos desafiadores, como a rebeldia, e na busca por pertencimento em grupos sociais que, embora ofereçam uma nova identidade, também podem ser prejudiciais e gerar crises emocionais. (Násio, 2011; Nasser, 2021).

Quando associamos essa dinâmica ao recente banimento da rede social X (antigo Twitter) no Brasil, podemos observar um paralelo interessante entre o luto vivenciado na adolescência e a sensação de perda que os jovens experimentaram com a suspensão de uma plataforma digital central em suas vidas. Para muitos adolescentes, o X (Twitter) era mais do que uma simples ferramenta de comunicação; era um espaço vital para a expressão de suas identidades, emoções e para a construção de laços sociais. A súbita privação desse meio de expressão gerou uma sensação de luto coletivo, na qual os jovens foram obrigados a abandonar uma parte importante de suas rotinas e formas de interação. (Dantas, 2002; Murthy, 2018).

Essa perda foi exacerbada pela dificuldade de canalizar a libido, entendida como a energia psíquica ligada às pulsões, para outras direções. A rede social X (Twitter) funcionava como um importante canal para a descarga dessas energias, permitindo que os adolescentes expressassem seus pensamentos, sentimentos e angústias de maneira imediata e pública. Com o banimento, muitos jovens se viram forçados a buscar alternativas para essa necessidade de expressão, migrando para outras plataformas ou encontrando formas criativas de replicar a experiência do “tweeter” em espaços diferentes, como o Instagram, TikTok ou até mesmo o bloco de notas de seus celulares. (Correia, 2022; Dantas, 2002).

Vale destacar aqui as dimensões da expressão de ideias e sentimentos em redes sociais mencionadas anteriormente: Imediata e pública. A expressão imediata e pública de emoções é vital na adolescência, pois permite que os jovens lidem rapidamente com sentimentos intensos, proporcionando alívio e regulação emocional. Compartilhar essas experiências em plataformas como o X (Twitter) oferece validação externa e ajuda na construção de identidade, além de promover a interação social e o senso de pertencimento. A visibilidade pública das emoções não só externaliza as angústias internas, mas também cria uma narrativa compartilhada, reduzindo a solidão e fortalecendo a resiliência emocional através do apoio entre pares. (Souza; Cunha, 2019; Bordignon; Bonamigo, 2017). Contudo, ao refletir profundamente sobre a situação gerada pelo banimento da rede social X (Twitter), surge a questão: até que ponto essa necessidade de expressão imediata e pública é realmente saudável? Embora essas plataformas ofereçam um espaço para que os adolescentes se conectem e expressem suas emoções, elas também podem intensificar a dependência da validação externa e a exposição constante, o que pode exacerbar sentimentos de inadequação e ansiedade. A perda de um canal como o X

(Twitter) pode, paradoxalmente, forçar os jovens a confrontarem suas emoções de maneira mais introspectiva e menos imediata, o que, embora doloroso, também pode promover um desenvolvimento emocional mais profundo e resiliente. O desafio, portanto, reside em encontrar um equilíbrio entre a necessidade de expressão pública e a capacidade de processar emoções de forma privada, permitindo que o adolescente desenvolva uma identidade forte e segura, independente das respostas externas.

No entanto, as alternativas para suprir a suspensão da rede social não substituem plenamente o espaço perdido, e a dificuldade em encontrar novas formas de expressão adequadas intensifica o luto psíquico. A incapacidade de direcionar suas pulsões para outros meios pode gerar sentimentos de frustração, ansiedade e desamparo, refletindo a mesma angústia vivida durante o processo de luto na adolescência. O jovem, assim como na transição da infância para a vida adulta, é novamente confrontado com a necessidade de adaptação e reinvenção diante de uma perda significativa, e essa adaptação nem sempre ocorre de maneira suave ou sem conflitos internos. (Correia, 2022; Dantas, 2002; Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009; Nasser, 2021).

A adolescência contemporânea é também marcada por um contexto social e cultural que amplifica esses desafios. A presença constante das redes sociais, por exemplo, cria um ambiente onde a comparação e a busca por validação externa se tornam ainda mais intensas. (Abjaude, 2020). Os adolescentes são bombardeados por imagens e mensagens que moldam suas percepções sobre o que significa ser aceito e amado, o que pode exacerbar a insegurança e a ansiedade. Nesse cenário, a construção da identidade se torna um processo ainda mais complexo, pois os jovens precisam equilibrar suas experiências internas com as expectativas externas que muitas vezes são irreais. (Correia, 2022; Dantas, 2002).

A psicanálise, ao considerar a adolescência como um luto da infância, nos ajuda a entender que essa fase é um momento de perda e ganho simultâneos. O adolescente deve perder seu corpo de criança e o universo familiar no qual cresceu, enquanto conserva suas emoções e sensações infantis e conquista a idade adulta. Essa transição é dolorosa e repleta de ambivalências, mas é também uma oportunidade de crescimento e autodescoberta. O adolescente contemporâneo, portanto, não é apenas um ser que sofre, mas também um ser que assiste à eclosão do próprio pensamento e ao nascimento de uma nova força criativa. (Násio, 2011).

A retirada inesperada da rede social X teve um impacto significativo sobre os adolescentes, que não viam a plataforma apenas como um local de entretenimento, mas como um espaço essencial para moldar e expressar suas identidades e manifestar suas relações, afetos e atravessamentos. Todo o aparato social e o turbilhão de sentimentos e conflitos da adolescência podiam se conectar ali em uma rede de outros jovens, juntamente com um processo de identificação, e serem expressados e acolhidos em frases de no máximo 280 caracteres. Isso para adolescentes que possuem dificuldade de expressão consiste em

um passo significativo em rumo de nuances mais interiores de si. (Abjaude, 2020; Correia, 2022; Dantas, 2002). Dentro da psicanálise, a perda abrupta da rede social X pode ser compreendida à luz do conceito de “objeto transicional” desenvolvido por Winnicott, que originalmente descrevia a transição de objetos físicos utilizados por crianças para aliviar a ansiedade da separação da figura materna. Na adolescência, essa função transicional migra para espaços simbólicos e digitais, como as redes sociais, que se tornam ambientes essenciais para a regulação emocional e o desenvolvimento identitário. O X, assim como outras plataformas virtuais, operava como um espaço seguro onde os adolescentes podiam explorar e experimentar diferentes aspectos de sua subjetividade, ao mesmo tempo que recebiam validação externa. Esse processo de autoexploração e validação desempenha um papel crucial na elaboração psíquica das ansiedades e na formação do eu, especialmente em um período da vida marcado por intensas transformações internas e sociais. (Valdez, 2014).

A retirada desse “objeto transicional” digital coloca o adolescente em uma posição de vulnerabilidade psíquica, similar à descrita por Winnicott em relação à privação do objeto físico na infância. A ausência desse espaço de segurança pode desencadear uma regressão emocional, levando o adolescente a manifestar comportamentos impulsivos ou regressivos, como tentativa de preencher o vazio deixado pela perda. Essa situação expõe a fragilidade da construção identitária em um momento em que o jovem está intensamente envolvido na tarefa de consolidar sua autoimagem e autonomia. A rede social, nesse sentido, não apenas proporcionava um cenário para a expressão de sentimentos e pensamentos, mas também funcionava como um mecanismo de apoio psicológico que ajudava a conter e estruturar a experiência emocional, facilitando a passagem para uma maior independência e maturidade emocional. Sem esse suporte, o adolescente pode experimentar uma desorganização psíquica, que reflete a ruptura de um vínculo simbólico que havia se tornado central para a sustentação de sua identidade em formação. (Valdez, 2014).

Além disso, Freud nos oferece uma compreensão da importância do superego, que nas redes sociais se manifesta através das normas e expectativas reforçadas por likes, comentários e compartilhamentos. A rede social funcionava como um espelho social, no qual o adolescente podia observar o reflexo de suas ações e ajustar seu comportamento conforme as reações dos outros. Com a suspensão do X, esse espelho foi quebrado, removendo um mecanismo crucial de feedback social e deixando o adolescente sem uma bússola para guiar suas condutas. (Násio, 2011; Outros). Isso pode intensificar a sensação de desorientação e angústia, levando o jovem a buscar novos meios de expressão e validação em outras plataformas digitais, como Instagram ou TikTok, ou mesmo recriando o ambiente perdido de maneira criativa e improvisada, como escrevendo “tweets” em blocos de notas. A compulsão para continuar o ciclo de retroalimentação social, mesmo na ausência da rede original, demonstra a necessidade psíquica de manter uma conexão

constante com o mundo externo, que é fundamental para a estabilização emocional nessa fase da vida.

A suspensão abrupta da rede social X não apenas desvela a fragilidade das identidades em formação, mas também expõe a perversidade de um sistema que submete a construção subjetiva dos jovens a dispositivos tecnológicos voláteis e mercadológicos. No cerne dessa dinâmica, reside uma crítica profunda à dependência contemporânea das plataformas digitais como mediadoras da existência e da validação social. A substituição dos laços comunitários orgânicos por algoritmos que regulamentam as interações humanas revela uma sociedade que, paradoxalmente, clama por autenticidade enquanto aprisiona seus indivíduos em uma constante busca por aprovação e reconhecimento virtual. Esse processo de alienação, ao invés de promover a autonomia e a solidificação da identidade, constrange os sujeitos a uma incessante performatividade superficial, fragilizando as bases emocionais e psíquicas de uma geração que, em sua busca por pertencimento, se vê cada vez mais subjugada pelas imposições de um sistema que valoriza a imagem e o consumo sobre a essência e o ser.

Assim, ao refletirmos sobre essa situação à luz da psicanálise, percebemos que a suspensão da rede social X foi muito mais do que um mero incidente técnico. Foi um evento com repercussões profundas na psique adolescente, revelando tanto a fragilidade quanto a resiliência dessa fase do desenvolvimento. A perda de um “objeto transicional” tão significativo trouxe à tona angústias e desamparos, mas também abriu espaço para novas formas de sublimação e crescimento. Essa dualidade, entre o impacto negativo e a resposta criativa, nos oferece uma compreensão mais rica e complexa da adolescência contemporânea, demonstrando como os jovens são capazes de transformar crises em oportunidades de desenvolvimento e expressão.

REFERÊNCIAS

ABJAUDE, Samir Antonio Rodrigues et al. Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 1, p. 1-3, 2020.

BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 310-326, 2017.

CAMPOS, Bárbara Moraes do Amaral. **Os efeitos negativos das redes sociais na adolescência**. 2022. Tese de Doutorado.

CASTRO, Maria da Graça Kern; STÜRMER, Anie; ALBORNOZ, Ana Celina Garcia. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 359 p. ISBN 978-85-363-1993-3.

CORREIA, Geovana Pereira et al. Saúde mental no Twitter: análise de manifestações por meio de mineração de dados. **Novos Olhares**, v. 12, n. 2, p. 116-130, 2023.

DANTAS, Nara Maria et al. **Adolescência e psicanálise: uma possibilidade teórica**. 2002.

MACEDO, Lix. tweets que eu faria se o twitter estivesse funcionando...[@lizx.macedo]. 02 set. 2024. [Video]. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMrKKURsR/>. Acesso em: 03 set. 2024. MURTHY, Dhiraj. **Twitter**. Cambridge: Polity Press, 2018.

NASIO, J. D. **Como agir com um adolescente difícil?**: um livro para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 121 p. ISBN 978-85-378-0694-4.

NASSER, Mariana Arantes *et al*, (org.). **Linha de Cuidado para a Saúde na Adolescência e Juventude para o Sistema Único de Saúde no Estado de São Paulo**. São Paulo: LCA&J, 2021. 385 p. ISBN 978-65-00-27795-1.

NEVES, K. S. S. M. et al. Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das redes sociais. **Revista Ambiente Acadêmico Cachoeiro de Itapemirim**, v. 1, n. 2, p. 119-139, 2015.

SOUZA, Karlla; DA CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 204-207, 2019.

VALDEZ, María Lucía Muro Mesones. **El "objeto transicional" en la adolescencia**. Pontificia Universidad Católica del Perú (Peru), 2014.

VILELA, Luiza; LOPES, André. Fim do X no Brasil? Alexandre de Moraes executa ordem de suspensão da rede social em todo o país. **Exame**, [S. l.], p. Online, 30 ago. 2024. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/fim-do-x-alexandre-de-moraes-executa-ordem-de-suspensao-da-rede-social-em-todo-o-brasil/>. Acesso em: 2 set. 2024.

ENTRE LENÇÓIS E CORAÇÕES: COMPREENDENDO COMO O SEXO INFLUENCIA NA CONEXÃO EMOCIONAL ENTRE PARCEIROS CONJUGAIS

Data de submissão: 19/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Emili Bartmann Neuenfeld

Acadêmica do 9º período do Curso de psicologia do Ugv-Centro Universitário em União da Vitória - PR. Estagiária no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Porto União - SC. Em formação do Curso de Extensão Universitária certificado pelo MEC: Curso psiquê – Terapia Sexual na Prática. União da Vitória / SC / Brasil

Natalie de Castro Almeida

ORIENTADORA

Psicóloga (CRP-08/14288) e neuropsicóloga (CRPPR), Perita em Psicologia do Trânsito, Especialista em Neuropsicologia e Psicologia do Trânsito, Mestra em Educação (UNICENTRO PR), Docente de Ensino Superior (UGV) Curso de Psicologia e Psicóloga Clínica. União da Vitória / PR / Brasil

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que forma as experiências sexuais contribuem para fortalecer a conexão emocional entre parceiros conjugais, com o intuito de melhorar a qualidade dos relacionamentos, promovendo satisfação tanto íntima quanto emocional. Com base na aplicação de

um questionário a oito casais, foi possível coletar dados que corroboram a hipótese de que a intimidade sexual fortalece a conexão emocional. Os resultados obtidos indicam que uma vida sexual ativa e satisfatória tem um papel importante no fortalecimento do vínculo emocional, permitindo maior proximidade e conseqüentemente aumento na satisfação conjugal geral.

PALAVRAS-CHAVE: Conexão emocional. Intimidade. Sexo. Sexualidade. Teoria Reichiana.

INTRODUÇÃO

O sexo, apesar de comumente simplificado a um ato de intimidade pelo senso comum, está diretamente ligado a questões culturais e morais. Levando em consideração que todos os aspectos do funcionamento de uma sociedade estão em evolução e desenvolvimento, a perspectiva sobre o que é aceitável ou não no âmbito sexual também passa por transformações substanciais, considerando as modificações radicais de tudo que envolve o conceito de sexualidade no decorrer da história (Barros; Braz, 2019).

Com o passar dos anos, o sexo foi ganhando cada vez mais espaço como fonte de prazer. Uma vez limitado a sua função reprodutiva, transcende os limites biológicos para ser reconhecido como um momento de intimidade e expressão pessoal. Nessa perspectiva, a Organização Mundial de Saúde (2017) reconhece a saúde sexual como um componente importante para desfrutar da qualidade de vida, sendo o bem-estar físico, emocional, mental e social considerado intrinsecamente ligado à satisfação e ao entendimento da sexualidade.

Rocha e Fensterseifer (2019) em seu estudo apontam que, para além do prazer físico, uma vida sexual ativa está associada a uma série de vantagens tanto de natureza física quanto emocional para a vida do ser humano. A prática sexual ativa está relacionada a níveis mais baixos de ansiedade, agressividade e depressão, gerando efeitos positivos na saúde geral e contribuindo para uma sensação de bem-estar. Rocha e Fensterseifer (2019) expõem ainda que casais que desfrutam de uma vida sexualmente ativa e satisfatória, possuem influência direta para a promoção da satisfação conjugal, fortalecendo a conexão emocional.

A conexão emocional pode ser denominada de diversas formas, como intimidade emocional ou vínculo afetivo, podendo ser conceituada como um vínculo profundo e significativo que se desenvolve entre duas pessoas, baseado em sentimentos, empatia, compreensão e afinidade mútua. Na presente pesquisa, a expressão utilizada para se referir a esse vínculo interpessoal entre o casal será conexão emocional. Essa conexão ocorre quando duas pessoas que compartilham experiências emocionais têm a capacidade de se comunicar e se relacionar de forma saudável, demonstrando apoio emocional mútuo. Isso inclui a capacidade de comunicar-se abertamente, apoiar emocionalmente o parceiro e compartilhar experiências e desafios, tornando-se um componente vital para a intimidade e a durabilidade dos relacionamentos conjugais (Schlösser; Camargo, 2019).

Exposto isso, a pesquisa em questão buscou desenvolver subsídios para compreender a problemática norteadora: como o sexo influencia na conexão emocional entre parceiros conjugais. Com esse intuito, foi adotada uma abordagem quantitativa que envolve análise dos dados coletados a partir do instrumento de pesquisa. Ressalta-se que, embora a OMS (2017) refira-se ao termo “sexo” como características biológicas que definem humanos como mulheres e homens, neste trabalho será utilizado referindo-se a atividades sexuais e à sexualidade individual e conjugal, as quais englobam uma variedade de expressões de intimidade entre parceiros, incluindo penetração, toques, sexo oral, masturbação mútua, entre outras. As atividades sexuais podem variar de pessoa para pessoa e incluem diferentes perspectivas, dependendo das preferências e limites individuais (Vieira; et al., 2016).

Os objetivos desta pesquisa foram delineados de maneira a garantir a coleta meticulosa de dados, os quais consistem na elaboração e aplicação de um questionário que busca identificar como o sexo influencia na conexão emocional entre parceiros conjugais,

dentre uma amostra intencional, composta por oito casais heterossexuais. O questionário foi implementado de forma presencial e individual com cada participante, fornecendo resultados significativos para uma área em constante evolução, este estudo enriquece o entendimento acadêmico da complexa interseção entre sexo, conexão emocional e, por fim, sua relação com a teoria reichiana.

O SEXO NO DECORRER DOS SÉCULOS

O sexo teve variadas manifestações no decorrer da história, estando fortemente ligado aos valores e as normas morais que cada cultura local elaborava sobre o comportamento sexual. Nas civilizações antigas, como a Grécia, o sexo era visto como uma expressão de divindades, mas também como um meio de procriação e continuação da linhagem, onde consideravam possíveis as relações sexuais entre os deuses e dos deuses com os homens. Em contraste, em sociedades e civilizações religiosas, como os Hebreus, limitavam o sexo à procriação dos filhos, cujo qual era uma tarefa destinada por Deus (Barros e Braz, 2019).

No início da Idade Média, até cerca do Século XVII d.C., a sexualidade passou a ser abordada com mais naturalidade, destituída de quaisquer conotações maliciosas. Nessa era, as atividades sexuais eram consideradas como um aspecto da vida humana desprovido da intenção de satisfazer desejos lascivos, o que resultava em discussões abertas e desinibidas sobre o tema. Entretanto, posteriormente, a Igreja Católica passou a exercer grande influência na vida das pessoas, atribuindo à sexualidade uma interpretação de natureza pecaminosa, impura e imoral. Consequentemente, a atividade sexual passou a ser encarada com malícia, sendo considerada algo impuro pela sociedade (Barros e Braz, 2019).

Com a revolução sexual do século XX, ocorreu uma mudança significativa na percepção do tema sexualidade, trazendo à tona temas como a liberdade sexual, a expressão pessoal e o prazer. Além disso, a contracepção moderna e a emancipação das mulheres também desempenham um papel importante na redefinição do contexto sexual, permitindo a exploração da intimidade sexual como fonte de prazer e não apenas como fonte reprodutiva (Barros e Braz, 2019).

FUNÇÕES DO SEXO NAS RELAÇÕES AMOROSAS

O sexo é multifacetado dentro das relações amorosas, indo muito além da reprodução e desempenhando um papel importante na criação e manutenção de vínculos emocionais entre parceiros, já que a satisfação sexual abrange dois principais aspectos: prazer físico e satisfação emocional. A manutenção de um relacionamento amoroso com um parceiro(a) está diretamente relacionada com a satisfação na vida sexual, já que indivíduos satisfeitos

com sua relação conjugal tendem a ser mais saudáveis física e mentalmente. (Souza et al., 2020).

Adicionalmente, é relevante destacar que a atividade sexual não apenas representa uma manifestação íntima de conexão entre o casal, mas também traz consigo uma série de vantagens físicas. Entre esses benefícios, destaca-se a capacidade do sexo em contribuir significativamente para a redução dos níveis de estresse, constituindo um meio eficaz de alívio para as tensões cotidianas. Ainda, a prática regular de atividades sexuais está correlacionada com a diminuição da insônia, promovendo uma melhoria considerável nos padrões e na qualidade de sono (Teixeira, 2009).

Além disso, vale ressaltar que manter uma vida sexual ativa está intrinsecamente associado a benefícios psicológicos significativos. Indivíduos que desfrutam de uma vida sexual saudável tendem a apresentar níveis reduzidos de ansiedade, menor propensão à agressividade e menor incidência de quadros depressivos. Ademais, apresenta benefícios em relação à autoestima de várias maneiras, incluindo a promoção de intimidade emocional, autoconhecimento, sensação de desejo e atratividade, bem como a liberação de endorfinas que proporcionam prazer e bem-estar (Teixeira, 2009; Nascimento et al., 2020).

Portanto, as atividades sexuais não apenas fortalecem os vínculos emocionais entre os parceiros, mas também exercem um impacto positivo abrangente sobre a saúde mental e emocional. Essa interconexão entre aspectos físicos e psicológicos ressalta a complexidade e a importância do sexo como um componente integral do bem-estar geral (Teixeira, 2009).

A CONEXÃO EMOCIONAL

A conexão emocional dentro dos relacionamentos conjugais impacta diretamente na satisfação conjugal e no bem-estar psicológico dos cônjuges. A Teoria do Vínculo, proposta por Bowlby (1969), enfatiza a necessidade humana de formar laços emocionais seguros e afirma que a qualidade desses vínculos influencia diretamente os relacionamentos adultos. Nos relacionamentos conjugais, uma conexão emocional sólida cria uma base segura que promove a confiança, a intimidade e a capacidade de enfrentar desafios conjuntos.

Em suas pesquisas, Schlösser e Camargo (2019) evidenciam que termos que envolvem a conexão emocional, como companheirismo, comunicação, diálogo, afetividade e afins, são essenciais para uma relação conjugal duradoura e saudável. Relacionamentos nos quais a conexão emocional é negligenciada podem experimentar um declínio na satisfação e na intimidade, prejudicando a estabilidade e a durabilidade da relação.

A intimidade sexual é um elemento crucial para estabelecer e sustentar um vínculo emocional duradouro entre parcerias conjugais. Essa perspectiva ressalta a importância da atividade sexual não apenas na fase inicial, mas também ao longo da trajetória do relacionamento, destacando que o sexo desempenha um papel significativo na formação,

na preservação e no fortalecimento da conexão emocional (Schlösser e Camargo, 2019).

OBSTÁCULOS DO COTIDIANO

A qualidade do vínculo emocional e sexual pode ser afetada de diversas maneiras, os obstáculos que se manifestam na rotina diária de um casal podem representar barreiras para a vivência das atividades sexuais conjugais. O estresse, a carga de trabalho excessiva, as responsabilidades familiares e as complicações nos relacionamentos têm o poder de impactar negativamente a esfera da intimidade sexual. No entanto, a avaliação da qualidade dos relacionamentos amorosos abrange uma variedade extensa de componentes, abrangendo fatores individuais, sociais, contextuais e até mesmo elementos financeiros e domésticos que afetam o casal. Essas demandas incessantes do mundo moderno muitas vezes consomem parte da energia e da disponibilidade emocional dos parceiros, tornando desafiador manter uma vida sexual saudável e satisfatória (Souza et al., 2020).

É crucial reconhecer que a qualidade de um relacionamento é uma construção complexa, influenciada por diversos fatores, visto que, a avaliação da qualidade dos relacionamentos conjugais não pode ser resumida apenas à análise da vida sexual, e que o sexo, embora importante, é apenas uma parte desse cenário mais amplo.

DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE O SEXO

As diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito ao sexo são complexas e abrangem diversos elementos de natureza biológica, psicológica e social. Essas diferenças são moldadas por expectativas culturais, configurando-se a partir de experiências distintas sobre como cada segmento da sociedade aborda e vivencia a sexualidade. Fatores como construções culturais, normas sociais e as próprias experiências individuais contribuem para a complexidade desse cenário, evidenciando a necessidade de uma abordagem multifacetada ao compreender como cada um dos públicos aborda e vivencia o sexo (Rocha e Fensterseifer, 2019).

Em estudos de Bozon (2003), concluiu-se que o desejo masculino e feminino não segue um padrão simétrico dentro de um relacionamento. Comumente, uma mulher pode expressar a falta de desejo sem enfrentar uma pressão social significativa, especialmente após se tornar mãe. No entanto, a ausência de desejo por parte do homem pode potencialmente ameaçar sua identidade dentro da relação.

Ademais, considerando as descobertas de Rocha e Fensterseifer (2019), pode-se inferir que o sexo desempenha funções diferentes perante homens e mulheres. Para o público masculino, o sexo não só promove a proximidade entre o casal, mas proporciona principalmente satisfação física. Além disso, para eles, o ato sexual pode representar uma maneira de relaxar e aliviar o estresse. Já para o público feminino, o sexo parece ter uma

função mais voltada ao âmbito psicológico do que fisiológico, sendo relacionado a uma expressão de carinho, atenção, afeto e autoestima.

Apesar de apresentar algumas divergências, o sexo traz consequências positivas para o relacionamento como um todo, exercendo influência direta na qualidade de vida e na harmonia conjugal do casal. Isso ressalta a importância de um diálogo aberto, facilitando a compreensão mútua das necessidades biológicas e emocionais de cada um no contexto sexual.

A RELEVÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

A comunicação é uma ferramenta essencial na vida do ser humano, é a troca entre o ouvir e o falar, onde é expresso opiniões e modos de vida, caracterizando-se como uma função social. A faceta da comunicação não se desvincula do âmbito das relações conjugais. Esse processo dinâmico se faz necessário para que um relacionamento funcione de forma saudável, tanto no dia a dia para evitar conflitos desnecessários, como também na relação sexual deste casal, levando em consideração que cada indivíduo conhece seu próprio mapa de prazer, o qual é singular e pessoal (Bereza et al., 2005).

Para atingir uma vida sexual saudável e satisfatória, é necessário que os parceiros compreendam o que agrada e desagrade o outro. Sem uma comunicação clara, uma das partes do casal pode vir a pensar que tudo vai bem, insistindo em métodos que para seu parceiro são ineficazes. Surge então uma problemática significativa, quando o casal atribui ao outro a responsabilidade de adivinhar o que lhe causa prazer, desencadeando práticas sexuais frustradas, já que cada um cumpre seu desempenho conforme aquilo que agrada a si (Bereza et al., 2005; Costa e Mosmann, 2020).

A comunicação franca e aberta acerca das vontades sexuais, bem como a informação dos próprios desejos e fantasias, constitui um pilar na busca de uma vida sexual plena e satisfatória, levando em consideração que muitas das insatisfações experimentadas no contexto sexual podem ter sua origem na falta de alinhamento das preferências sexuais e dos desejos individuais. É igualmente importante ressaltar que cabe ao cônjuge colocar em prática o princípio da comunicação e dedicar a devida atenção aos desejos do parceiro. Ambos devem empenhar-se na busca de alternativas que promovam o mútuo prazer e a realização conjunta (Bereza et al., 2005, apud Reis, 2001).

ANÁLISE E DISCUSSÕES

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário previamente validado pelos docentes componentes da banca avaliadora de qualificação do projeto de pesquisa, construído pela própria pesquisadora, contendo uma questão de levantamento sociodemográfico e 14 questões objetivas. A aplicação sucedeu de forma presencial, com o

questionário impresso, onde cada participante respondeu seu questionário individualmente, levando em consideração que muitos casais não possuem um diálogo aberto em relação a sua dinâmica sexual, podendo ser um empecilho para a confiabilidade dos resultados.

Para facilitar a identificação da finalidade por trás de cada pergunta, foram eleitos quatro eixos, sendo eles: Eixo um: qualidade e frequência, Eixo dois: influência da conexão emocional, Eixo três: comunicação e experiências sexuais e Eixo quatro: fatores externos.

De acordo com os critérios de inclusão, a amostra intencional consiste em oito casais heterossexuais e monogâmicos. Os casais foram selecionados com base na conveniência da pesquisadora, os quais deviam ter pelo menos três anos de união estável ou casamento civil, com vida sexual ativa e sem diagnóstico de disfunção sexual. Além disso, a aplicação do questionário ocorreu somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No total, 27 casais foram convidados a participar da pesquisa, dos quais oito aceitaram fazer parte da amostra, sendo destacável que o principal fator da recusa dos casais em participar da pesquisa se deu pela resistência do público masculino, visto que as mulheres se mostraram mais dispostas a colaborar com a pesquisa. Inicialmente planejava-se incluir dez casais, mas devido a questões de disponibilidade, a coleta de dados foi realizada com oito casais, totalizando 16 participantes, tendo três anos o casal com período mais curto de união e 22 o com mais tempo de união. A idade dos participantes foi entre 22 e 55 anos. A pesquisa foi realizada de maneira presencial, entre os dias 19 de abril e 19 de maio de 2024 conforme disponibilidade dos participantes e da pesquisadora. Exposto isso, é possível discorrer sobre os resultados da presente pesquisa e ainda manifestar a relação dessa problemática com a teoria corporal reichiana.

No primeiro eixo foi abordado sobre a qualidade da relação íntima dos casais e a sua frequência. O eixo foi composto de três perguntas, onde na primeira observou-se que 87,5% dos casais se envolvem sexualmente de forma semanal indicando uma frequência regular de atividades sexuais

Na segunda questão do eixo um, a pergunta tinha o intuito de saber se os participantes estão satisfeitos com a frequência das relações sexuais no relacionamento, onde 75% dos indivíduos relataram estar satisfeitos e 18,75% muito satisfeitos, o que indica um nível de contentamento com a frequência sexual entre os participantes. A qualidade das relações sexuais também foi avaliada na terceira e última pergunta do eixo um, com 56,25% dos participantes afirmando estar muito satisfeitos e 43,75% satisfeitos. Esse nível de satisfação sugere que, além da frequência, a qualidade das relações sexuais da amostra é percebida como positiva. Segundo Bozon (2001), após alguns anos de relação o casal entra em uma fase de estabilização, onde juntos aprendem a encontrar um ritmo sexual satisfatório para ambos, assim, começam a dar mais atenção a qualidade dessas relações sexuais ao invés da quantidade de vezes que se envolvem sexualmente. Esse feito só é possível se os dois estiverem alinhados e possuírem uma comunicação aberta, para juntos encontrarem esse

equilíbrio relacional e sexual.

O segundo eixo é relacionado a influência do sexo na conexão emocional, composto por três perguntas. A primeira pergunta indaga se o participante considera que o sexo é uma forma de se conectar emocionalmente com seu parceiro, onde 81,25% dos participantes responderam que concordam totalmente e 18,75% responderam que concordam, indicando uma percepção comum de que a intimidade sexual é um componente essencial na construção e manutenção da conexão emocional. Conforme as autoras Santos e Souza (2021) o sexo vai muito além do prazer físico, ele tem influência direta no aumento do vínculo e da confiança entre o casal, o que contribui para a realização pessoal e conjugal, onde exploram e satisfazem suas necessidades.

Na segunda pergunta do eixo dois, 68,75% dos participantes relataram ter passado por períodos de distanciamento emocional que afetaram a vida sexual, este dado aponta para a complexidade das relações conjugais, onde fatores emocionais podem impactar significativamente a intimidade sexual (Santos; Souza, 2021). Além disso, a diminuição da frequência da atividade sexual pode gerar impactos negativos na proximidade e vínculo do casal, podendo afetar a qualidade do relacionamento. Ademais, a última pergunta do eixo dois tinha como objetivo saber a frequência com que os casais participam de atividades não sexuais (como viagens, passeios, encontros) a fim de fortalecer a conexão emocional do casal, 63% dos cônjuges afirmam que participam frequentemente ou muito frequentemente de atividades não sexuais para fortalecer a conexão emocional, demonstrando assim, a importância de diversas formas de intimidade e interação além do sexo.

O terceiro eixo é sobre comunicação e experiências sexuais, composto por seis perguntas. A primeira tem o objetivo de coletar a informação se o casal conversa abertamente sobre preferências individuais em relação a vida sexual e emocional no relacionamento, relatada como ocasional por 50% dos participantes, enquanto 43,75% afirmaram conversar abertamente.

Embora haja uma tendência positiva para a comunicação, ainda há espaço para melhorias. Santos e Souza (2021) mostram em seus estudos que grande parte das queixas de insatisfação sexual é em decorrência da falta de diálogo referente a preferências e desejos individuais, a comunicação mais aberta impacta diretamente em uma relação mais saudável e respeitosa. A segunda pergunta é em relação aos desafios de baixa libido, 75% dos casais relataram ter enfrentado essa questão.

A próxima pergunta do eixo três era apenas para os indivíduos que responderam “sim” na questão anterior, a qual tinha como objetivo identificar se durante esse período de baixa libido houve distanciamento emocional entre o casal. Nessa questão quase todos os casais divergiram nas respostas, onde apenas um casal respondeu de forma semelhante, onde um votou na opção concordo e outro em concordo totalmente. A próxima questão que abordava sobre a importância do sexo para a manutenção de uma relação saudável foi reconhecida por todos os participantes, com 56,25% considerando extremamente

importante e 43,75% importante. Este dado reforça a ideia de que o sexo é um componente essencial para que as relações conjugais se mantenham saudáveis e satisfatórias, indo muito além apenas do contato físico. Segundo Alves (2008), o sexo traz proximidade para o casal, fortalecendo a intimidade emocional e a conexão entre os parceiros, ele serve como expressão íntima de afeto, amor e desejo, promovendo tanto a satisfação pessoal quanto o prazer mútuo.

Ainda sobre o eixo três, a próxima questão buscava compreender a frequência com que os casais se envolviam em momentos íntimos não sexuais, como abraços, beijos, carícias e afins. Os resultados mostraram que 56,25% dos participantes indicaram ser muito frequente, enquanto 43,75% indicaram ser frequente. Esse dado se faz relevante pois conforme os estudos de Silva, Borges e Debrot (2022), o contato físico é importante para manter as relações mais próximas, sendo uma forma de expressar cuidado e afeto. Os autores propõem que indivíduos que tocam com frequência em seus parceiros tendem a sentir mais segurança, satisfação e mais intimidade do que parcerias que não se tocam comumente. A última pergunta do eixo três visava identificar se os indivíduos achavam que tinham visões diferentes quanto à função do sexo dentro do relacionamento. 37,5% dos participantes responderam que discordam totalmente, 18,75% discordam, 31,25% não concordam nem discordam, e 12,5% concordam.

O último eixo abordou a influência de fatores externos como trabalho, filhos e atividades domésticas na relação sexual. Os resultados mostraram uma distribuição variada, onde 25% dos participantes responderam que isso ocorre muito frequentemente, 12,5% frequentemente, 25% eventualmente, 25% raramente e 12,5% nunca. Os fatores externos podem trazer sobrecarga para a vida dos casais, a extensão desse impacto varia de pessoa para pessoa e pode trazer ou não prejuízos ao relacionamento. Destaca-se novamente a importância de o casal ter um diálogo aberto para juntos encontrarem uma forma saudável e satisfatória de se relacionar.

A última questão era destinada a casais que possuem filhos, sendo que apenas três casais se encaixam nessa descrição, dentre esses seis participantes, 66,67% concordou totalmente que os filhos afetam a relação sexual, enquanto 33,33% discordaram. Conforme Santos e Souza (2021) a presença de filhos pode representar um desafio adicional para manter a intimidade sexual diante das alterações emocionais do casal e biológicas da mulher, principalmente durante o período da gestação, parto e amamentação.

É possível discutir inúmeros dados perante esses resultados, mas de forma geral, pode-se dizer que a comunicação aberta e frequente sobre preferências e desafios sexuais emerge como um elemento essencial para a saúde do relacionamento, embora ainda exista espaço para melhorias nesse aspecto. Além disso, a capacidade dos casais de equilibrar fatores externos com suas necessidades emocionais e sexuais também se mostrou crucial para a manutenção de um bom relacionamento conjugal. A diversidade nas respostas destaca a importância de considerar a individualidade de cada casal ao analisar a dinâmica

sexual e relacional, visto que cada indivíduo possui sua forma de se relacionar conforme seus limites pessoais e os limites do casal.

Com base nos dados expostos, os resultados da pesquisa corroboram a hipótese de que o sexo é uma forma de intimidade física que pode fortalecer o vínculo entre os parceiros. Quando a falta de sexo persiste, a conexão emocional e a intimidade podem ser afetadas, podendo resultar em distanciamento emocional e insatisfação conjugal.

POR FIM: RELAÇÃO DA TEORIA REICHIANA, SEXO E CONEXÃO EMOCIONAL

A terapia reichiana, desenvolvida por Wilhelm Reich, é uma abordagem que se destaca por sua compreensão integrada do corpo e da mente, enfatizando a importância da energia vital e da expressão sexual na saúde emocional e física dos indivíduos (Politano; Silveira e Santos, [s.d.]).

Reich argumentava que a sociedade impõe restrições à sexualidade que resultam em uma acumulação de tensões no corpo, as quais ele chamou de "courageas". Essas tensões são vistas como bloqueios de energia que prejudicam a saúde física e mental. A terapia reichiana busca liberar esses bloqueios através de técnicas corporais e de respiração, permitindo que a energia vital flua livremente (Politano; Silveira e Santos, [s.d.]), o que se alinha com a noção de que uma vida sexual satisfatória contribui para a saúde emocional e física, visto que a expressão sexual é uma forma de aliviar essas tensões e que a saúde mental está relacionada com a capacidade do indivíduo em se entregar nas atividades sexuais (Reich, 1975 apud Alencar, Volpi e Volpi, 2017).

A evolução da percepção sobre o sexo, desde as antigas civilizações até a revolução sexual do século XX, reflete uma mudança na aceitação das ideias de Reich sobre a importância da liberdade sexual para a saúde. A pesquisa detalha como o sexo é multifacetado dentro das relações amorosas, não apenas como um meio de reprodução, mas como um componente fundamental para a satisfação emocional e a manutenção dos vínculos conjugais, afirmando as ideias de Reich sobre a interconexão entre expressão sexual e saúde emocional.

Além disso, os obstáculos cotidianos que afetam a vida sexual dos casais, como estresse e responsabilidades familiares, aspectos que a teoria reichiana considera importantes na formação de tensões e bloqueios energéticos, Reich, (1975) defendia que a liberação dessas tensões através da sexualidade saudável e do trabalho corporal é essencial para superar esses obstáculos (Lowen, 1988). A pesquisa também evidencia a importância da comunicação aberta sobre preferências e desafios sexuais, um aspecto importante para a saúde dos relacionamentos. A falta de comunicar o que sente pode levar a frustrações e insatisfações que, segundo Reich, contribuem para a formação de courageas.

Em suma, a terapia reichiana de Wilhelm Reich oferece uma lente para entender

as interações entre sexualidade, saúde emocional e física, destacando a importância de uma expressão sexual livre e satisfatória para o bem-estar geral. A pesquisa explorada reforça essas ideias ao mostrar como a satisfação sexual e a conexão emocional são interdependentes, influenciando significativamente a saúde e a qualidade dos relacionamentos conjugais. As práticas reichianas de liberação de tensões e bloqueios através da sexualidade e do trabalho corporal se mostram pertinentes na promoção de uma vida sexual saudável e na melhoria do bem-estar emocional, reforçando a necessidade de uma visão holística da saúde que integra corpo e mente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cristian. Estruturas de caráter e sexualidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>

ALVES, Andréa Moraes. GÊNERO, AMOR E SEXO. **Gênero, Niterói**, v. v.9, p. 271-291, 24 jul. 2008. Acesso em: 21 jun. 2024.

BARROS, Jean Carlos Miranda; BRAZ, Márcia Graminho Fonseca. Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural. **Acta Biomedica Brasiliensia**, [S. l.], 2019. Disponível em <https://actabiomedica.com.br/index.php/acta/article/view/363/0>.

BEREZA, E.A.; MARTINS, J.P.; MORESCO, L.; ZANONI, S.H.M.S. A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, Umuarama, jan./abr., 2005. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/216>.

BOWLBY, John. Apego e Perda. **Basic Books**, Nova York, Vol. 1, 1969.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, Paris, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/TGMxcsTRw96XHV9SN8jJLJz/abstract/?lang=pt#>.

COSTA, Crístoper Batista da; MOSMANN, Clarisse Pereira,. Comunicação conjugal negativa e aberta: modelo interdependente de efeito ator/parceiro no ajustamento conjugal. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 14, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S168842212020000220212&lng=es&nrm=iso>.

LOWEN, A. Amor e orgasmo: guia revolucionário para plena realização sexual. São Paulo: **Summus Editorial**, 1988.

NASCIMENTO, Beatriz Caroline Conceição do et al. Sexo, Sexualidade, Autoestima. **Conedu**, Maceió-AL, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA7_ID7866_01102020201521.pdf>.

Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2017. ONU - Organização das Nações Unidas.

ROCHA, Fabricio de Andrade; FENSTERSEIFER, Liza. A função do relacionamento sexual para casais em diferentes etapas do ciclo de vida familiar. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 560-583, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822019000200009&lng=pt&nrm=iso.

SANTOS, Muriele Alves Dos; SOUZA, Nicolli Bellotti De. INSATISFAÇÃO SEXUAL NA VIDA CONJUGAL: fatores psicológicos envolvidos. **Uniatenas**, 2021. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/INSATISFACAO_SEXUAL_NA_VIDA_CONJUGAL_fatores_psicologicos_envolvidos.pdf.

SCHLOSSER, Adriano; CAMARGO, Brígido Vizeu. Elementos caracterizadores de representações sociais sobre relacionamentos amorosos. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 105-118, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200009&lng=pt&nrm=iso.

SILVA, Clara Teixeira e; BORGES, Vicente Cassepp-; DEBROT, Anik. Toque e Sua Relação com Bem-Estar e Satisfação com a Vida. **SciELO**, [S. l.], p. 179-188, 20 jul. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v26n1/v26n1a13.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, Grazielle Cássia Alves de et al. Relações entre satisfação sexual e qualidade do relacionamento conjugal em universitárias. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 34, p. 133-141, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2020000200005&lng=pt&nrm=iso.

TEIXEIRA, RICARDO A. Alguém ainda tem dúvida que sexo faz bem à saúde? **Conhecendo melhor o seu cérebro**, [S. l.], p. 2-5, 3 fev. 2009. Disponível em: <https://icbneuro.com.br/paginas/pdf/artigos/sexo.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

VIEIRA, K. F. L. et al.. Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 2, p. 329–340, abr. 2016.

PSYCHOSOCIAL EXPERIENCES OF ADOLESCENT MOTHERHOOD IN SOUTHEASTERN MEXICO

Data de submissão: 02/10/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Sinuhé Estrada-Carmona

Autonomous University of Campeche
<https://orcid.org/0000-0002-9605-8148>

Gabriela Isabel Pérez-Aranda

Autonomous University of Campeche
<https://orcid.org/0000-0002-9918-3921>

Liliana García Reyes

Autonomous University of Campeche
<https://orcid.org/0000-0001-5404-3100>

Miguel Àngel Tus Sierra

Autonomous University of Campeche
<https://orcid.org/0000-0003-1584-7725>

ABSTRACT: The purpose of this research is to identify the situations faced by adolescent women in the city of Campeche, in southeastern Mexico, in situations of pregnancy and maternity. The approach is qualitative from the perspective of adolescent mothers where we can know how they have coped with this process from the news of being pregnant and being mothers, the reaction of the partner, the family, classmates, society, among others. A semi-structured interview was used. The data were analyzed under a phenomenological qualitative approach, and categories of

analysis were created by methodological triangulation. The findings describe experiences around the family, the couple and the social challenges experienced by adolescents.

KEYWORDS: Teenage pregnancy, young women, sexual health, reproductive health.

RESUMEN: La presente investigación tiene el propósito de identificar las situaciones que enfrentan las mujeres adolescentes de la ciudad de Campeche, en el sureste de México, en situación de embarazo y maternidad. El abordaje es cualitativo desde la perspectiva de las madres adolescentes donde podemos conocer cómo han afrontado este proceso a partir de las noticias de embarazo y madres, la reacción de la pareja, la familia, los compañeros de clase, la sociedad, entre otros. Se utilizó una entrevista semiestructurada. Los datos se analizaron bajo un enfoque fenomenológico cualitativo, las categorías de análisis se crearon mediante triangulación metodológica. Los hallazgos describen las experiencias en torno a la familia, la pareja y los desafíos sociales que experimentan los adolescentes.

PALABRAS CLAVE: Embarazo adolescente, mujeres jóvenes, salud sexual,

salud reproductiva.

INTRODUCTION

Adolescent pregnancy is a social phenomenon that has captured the attention of researchers, educators and policymakers around the world. In Mexico, and particularly in the state of Campeche, the pregnancy rate in young people is alarmingly high. Campeche faces a significant challenge in terms of reproductive health. According to data from the National Population Council (CONAPO, 2020), the fertility rate in adolescents aged 15 to 19 in Campeche is 75.4 per 1,000 women, exceeding the national average of 66.1 per 1,000. This phenomenon is due to multiple factors, including the lack of comprehensive sex education and limited access to health services.

One of the main causes of teenage pregnancy in Campeche is the lack of information and sex education. According to a study by Martínez et al. (2021), 60% of the young people surveyed mentioned not having received adequate sex education in their schools. This lack of knowledge contributes to misinformation about contraceptive methods and sexual health.

In addition, socioeconomic factors play a crucial role. Poverty and gender inequality are realities that affect many adolescent girls in the region. According to the Ministry of Health of Campeche (2022), adolescents from rural communities are more likely to become pregnant than those from urban areas, due to the scarcity of resources and accessible health services.

Teenage pregnancy not only affects the physical health of young women, but also has social and economic repercussions. Pregnant adolescents often drop out of school, which limits their future job opportunities. According to a UNESCO report (2020), 30% of adolescent girls who become pregnant do not return to formal education, perpetuating the cycle of poverty in their families.

In addition, teenage pregnancy is associated with an increased risk of complications in childbirth. The World Health Organization (WHO, 2021) points out that adolescent girls are at higher risk of obstetric complications, which can lead to maternal and infant mortality.

To address this problem, it is essential to implement comprehensive sex education programs in schools. These programs should include information on contraception, reproductive health, and decision-making skills. As Pérez (2022) points out, adequate sex education can empower adolescents to make informed decisions about their sexual and reproductive health.

In addition, there is a need to improve access to health services for adolescents, ensuring that they have access to contraception and medical care. Awareness-raising campaigns are also crucial to destigmatize contraceptive use and foster an open dialogue about sexuality (Climent, 2006; Alarcón, et. al., 2009; García, et. al., 2015)

In the case of an unwanted pregnancy, the answer is overwhelming, especially

in the case of women, making a contradiction clearer – at least in appearance – since they (almost half) do not talk about sexuality with anyone, but in the face of a problem of this magnitude, their first intention is to go to their relatives, but the confrontational situation that this represents is predictable; little communication, an activity carried out clandestinely, conservative parents, among others, are the factors that surround the action of communicating a premature pregnancy to parents (Márquez, Pérez, & Sibaja, 2004).

Pregnancy during adolescence is a major problem, since preventing pregnancy at this age contributes to a decrease in maternal and infant mortality. However, adolescence is seen as a transitory stage with little risk, but precisely for this reason, special attention should be paid to this stage of life, mainly with regard to reproductive health, since the future of our society will depend in part on this (Acosta & Cárdenas, 2012).

The main characteristics of young pregnant women stand out: a great diversity of accumulated social adversities, biological aspects (early sexual maturation and premature sexual activity), the region they live in (mainly rural or suburban), uses and customs, religion, and low educational level. These authors mention that, in the face of the establishment of Adolescent Pregnancy, adolescents face another very serious dilemma: to continue with the pregnancy or to suspend it. However, the reasons that drive an adolescent to continue the pregnancy until the birth of her child may be the same as those that led her to become pregnant, and of them the following stand out: marriage at an early age and the establishment of the gender role that is traditionally assigned to women, the practice of unprotected sex, peer pressure to have sex, insufficient sex education, consumption of alcoholic beverages or other drugs (Loredo, et al., 2015; Gómez & Martín, 2013).

Complications from illegal abortions fall into two fundamental categories: the first is related to wounds caused by the procedure itself; The second category is given by infections and blood loss associated with incomplete abortion. Women who have opted for abortion have a number of long-term complications. When adolescents find themselves with their child in their arms, they sometimes present depressive and anxiety symptoms, they have ambivalent feelings with the baby, which sometimes cause rejection (Langer, 2002; Landoni & Della, 2003).

METHOD

The type of study is qualitative, this is carried out by dealing directly with the main factor, in this case with young pregnant women, a data collection was carried out with the help of a semi-structured interview based on different factors and based on this, questions were formulated as the answers were obtained, these allowed to know more deeply the central study topic. an interpretative analysis was carried out by triangulation of researchers (Pérez, 2000).

Participants

The sample was made up of 24 adolescents between the ages of 17 and 19 years, who are in the fourth semester of high school and were in a gestation period of between 6 and 8 months.

Instruments

The instrument used on the sample was a semi-structured interview, where topics related to the factors involved in the topic were addressed, such as economic, social, family, school, among others; in which, based on the answers given by the adolescents, other questions were formulated and so on, obtaining 19 questions with a duration of approximately two hours of interview with the young women.

All participants and their legal guardians read and signed a personal data protection document and an informed consent.

ANALYSIS OF RESULTS

Definition.	Parents do not wait for the news that their children will become pregnant at a young age, but they still provide them with the necessary support during the process.	
Subcategory	Definition.	Example
Dads will be grandparents	The crucial moment in which the adolescent plans how to tell their parents that they are pregnant, experiencing emotions such as: fear, anguish, sadness and joy, as well as thoughts about their reaction.	“I didn’t even tell her but she found out from a friend, I mean, first I told my friends but I was already about two months old and I was thinking about having an abortion, so I don’t know, my friend says that she told her that because it was so that she wouldn’t do something stupid and things like that... I was very angry because she found out from someone else and not from me and she told me that how could I have more trust in my friends than in her and all that”
Mom, dad, do you support me?	The role played by parents when they know that they will be grandparents, they are somewhat confused, they tend to support more economically, despite the fact that the responsibility is their children’s.	“He worked only on Saturdays and we don’t have enough for the expenses we have, his parents are the ones who give him money than the ultrasound, medication and so on.”

Table 1. Category: “My parents’ reaction generates uncertainty for me”

Definition.	At which time both parties found out about the pregnancy.	
Subcategory	Definition.	Example
I see it and I don't believe it, I'M GOING TO BE A MOM!	The reactions and emotions, such as joy, despair, fear, nervousness, among others, that adolescents experience when the pregnancy test was positive and they realize that they will be mothers.	"I got nervous, because how was my mom going to get pregnant, and why do I receive a pension for my studies, I was more scared because of that because they can take it away from me"
Am I going to be a dad?	The groom's reaction when he found out that the pregnancy test came out positive.	"And it came out positive and I told him and what are we going to do and the first thing he told me was that if I was going to abort it, at that moment I said yes, then I said no and then I said yes and then I told him I don't know what to do and that's it, He was not very excited, on the contrary, he was very afraid, "you are of legal age, I can file a complaint if you do not want to have it."
Mom in the Making	The responsibilities of adolescents, regarding this new "challenge" of being a mother, is something new and for such, they had to make many decisions that are part of this process, so maturation is part of them	"I think that if it helped me a little to mature not everything but more because I think because I carry the belly and I don't think he has matured in everything"
If I could do it, you too	Empathy they feel when they learn about the experience of others and thus help them to cope with their fears	"You allowed him to beat you, I would never have allowed that and I don't really know how, I don't know I say no, I can't, I'm not like that..."
I called it honey	Within the relationship not everything is rosy, since some are victims of abuse by the boyfriend but when they find themselves in love they do not realize until after the violence received.	"He did mistreat me, in fact with the pregnancy he hit my belly, he slapped me and things like that, and my mom found out, it was when he forbade me to walk with him, even so I decided to continue with him and it was that a month later I got pregnant"

Table 2. Category: "My boyfriend and I think and feel differently"

Definition	Despite all the consequences of life, adolescents manage their process of being a mother well, without ceasing to dream of their goals and objectives that they have set for themselves.	
Subcategory	Definition.	Example
I'm happy and I'm fine, I don't care about others	Even after the news, the people she considered important in her life were those who left them alone along the way, however, this did not discourage them from continuing the process of being a mother.	"They questioned me that you are very young and that you are studying, many people criticized me the same about my family, but they are people who have never supported me and I don't care what they say"
Do not give up	Pregnancy has not been an obstacle for adolescents and even less a reason to surrender to their dreams	"I'm going to continue studying, and not because, I don't want to be told one day apart from that you got pregnant, no, I don't want to be someone else there who got pregnant and stayed in the attempt to finish studying never"
And my dreams?	When you are a young adolescent, you think about many things you want to achieve in the future, you set certain goals, such as having fun, finishing school, continuing to study, working, etc., when at an unexpected moment comes a responsibility as great as that of being parents, it depends a lot on them how they face it or carry it.	"Limit things to go out... but limiting myself with things that I thought very soon I didn't, I feel that I can still achieve it and I do not like no, now for you more so that they don't say that because of you your mother didn't get ahead or because of you or things like that no"
I can be a mother and a father at the same time	Adolescents after the news of the pregnancy, face several situations, one of them is that the partner leaves them without the necessary support and they dissociate themselves from the responsibility of being a father, and as a result of this they assume that role.	"It's been about 3 months since I know anything about him why he had problems with my parents so they hate each other and my parents don't want me to get close to him and in fact they told me no, we're going to take care of the baby but on the condition that you don't approach the baby's father again"
Rain of emotions	Adolescents do not matter at what point of pregnancy they are, they feel an indescribable emotion for wanting to meet that being they carry inside their womb.	"I feel that it is going to be very beautiful, I already want to see it know what it is like, more than anything and that I do not feel that I am going to feel very happy and at the same time very sad, very strange, I am going to be very nervous because I am not going to know what to do"
Coping with my fear	In this new role of being mothers for adolescents entails new fears that they did not believe, and that they know they will experience, most of them lead to the way of parenting and education that they will be given.	"My biggest fear apart from that it is going to come out of me and I am afraid because it is already approaching and I get very nervous is not knowing how to raise him, not knowing how to teach him, that I am not yet fully mature... I'm afraid to learn because I don't have the support of my parents and that's what scares me."

Alone but not forgotten	The girls get what they need for their pregnancy process on their own together with the support that their family gives them to get ahead.	"I was the one who got the insurance, I saw that he had it by the school and I looked for him and there I did the check-ups, he has only paid for two ultrasounds and he is very ... she questions you, what for, that it is not necessary and that makes me angry, so I try to get things by myself"
My teammates understand me	Moral support from her classmates has been important in this process.	"They have always supported me in what fits and takes care of me and it moves and this and that... they give me little things, they are on the lookout if they see that I grab my belly they all ask me if it is moving, and so girls wait I was just touching myself, everyone accepted them well as far as it goes"

Table 3. Category 3 "I can do it!, my dreams are bigger than my fears"

DISCUSSION

A very important aspect in young people is the development of decision-making, the will and responsibility they have with respect to their sexual and reproductive health. As Langer, Zimmerman, Warheit, and Duncan state, as well as Gage (in Vargas et al., 2007), in adolescence they face the responsibility of making decisions that have important consequences for their health and that of their partners. These decisions are usually made within the framework of a social network and are aimed at maintaining meaningful relationships with members of the reference group.

In the sexual sphere, adolescents must decide whether or not to have a romantic relationship, to have sexual relations or not, to use or not to use methods of protection, to get pregnant or not; in short, to take control of his life. Each of these decisions brings with it others of increasing complexity and importance for the development of the tasks of adolescence. Therefore, as De Santiago (2021) mentions, considering this possibility of voluntarist thinking and practice among adolescents is essential for the construction of sex education programs, which not only seek to provide scientific information" to boys and girls, but also enable the exercise of their decision-making capacity, and therefore of their sexuality, not as something dark and guilty, but free and with satisfaction. Nowadays, sexuality is something most common among adolescents, therefore it is almost impossible to tell them not to do it, rather it is to tell them to do it, but in a safe and responsible way.

Within the research, different variables can be seen that are influenced within the process of being an adolescent mother. The main and relevant factor is the family, since being teenagers they encounter fear and what their parents will say. At first adolescents are afraid to express this news, because of how they will react, however after the news in fact some parents were surprised, others were angry and others simply avoided, as mentioned by Rangel, et al., (2004) the appearance of pregnancy in the family of an adolescent forces the restructuring of the functions of its members, since new needs are created around

this binomial, requiring the mobilization of the system to find again the state of family homeostasis that, initially, can be rejected, creating surprise and frustration. In other studies (Vázquez, et.al., 2005) when the adolescent informs the family of her pregnancy, she is usually reprimanded by her parents or other relatives, who blame her for feeling disappointed by her action. In this way, she is emotionally and, sometimes, physically attacked. At times she can also be assaulted by her partner. It is very difficult for adolescents to go through this process of acceptance and hear those words that hurt the most, however many of them look for a source to move forward and not be influenced, Although as time goes by the news on many occasions the parents are the ones who take responsibility for a large part of their grandchild despite the fact that this should be the adolescents, this is a very common occurrence in Campeche, where parents take care of the grandchildren. Loredo et al., (2015) believe that it is necessary to point out and consider that the negative effects for new parents will depend on family customs and the social environment. In many places, Teenage Pregnancy is seen as a mistake that has severe social criticism. Therefore, the situation of risk of the young pregnant woman is latent and permanent; Its magnitude will basically depend on whether the two families and society understand that this new condition can present clear oscillations, where the starting point is a rejection or reprimand, then its acceptance and protection and, finally, in some cases there may be sporadic reproaches. However, as I mentioned, Campeche is a place where parents give acceptance and support, even if it is difficult for them.

The young adolescent can also present emotional alterations during pregnancy, since she must assume a multiplicity of adult roles, especially motherhood, for which she is not psychologically mature since she continues to be a child cognitively, affectively and economically, this being even more acute in the case of early adolescence. This is how the adolescent mother at a psychological level can present emotional problems such as depression, maternal failure syndrome, feeling of loss of youth and even suicide (Noguera & Alvarado, 2012). However, we find that after that moment of the news the decision is in the hands of the adolescents, many may make the easiest decision and decide to have an abortion even after knowing all the risks and consequences that this could have on them, however many more accept the responsibility and decide to have the baby thinking positively about the fact of being able to get out of any problem and despite the responsibility that this demands they have adopted as an experience for them. For such is the effort that they make in this type of situation, continuing their lives without ceasing to dream of their goals and objectives only modifying it to their resources and possibility, and although many people left them alone on the road as their partner or a family member, they have always had that feeling of moving forward and not giving up, Perhaps the best influence is the support of friends and parents who make them see the learning of this situation, and despite being in a sea of emotions they have learned to cope with their fears. From all that has been observed, it is admirable the degree of will and responsibility involved in this type of decision

and above all that they make them thinking about it in detail and not impulsively, so that their safety and health is their priority.

On many occasions those who dissociate themselves from all responsibility are adolescent boys, since for them it is easier to say it is not mine or simply to say abort it, instead of accepting that responsibility and “giving up many things”, and this is a very disappointing issue for adolescent mothers since they often expect the support of their partner, and more because of the selfishness with which they think of them alone. The fact that young women decide to go ahead with the pregnancy even with many of these barriers often shows how they are determined to be mothers and fight for that little boy or girl they carry in their womb. This process is valuable for many young girls since sometimes they tend to suffer physical or psychological violence from their partner and do not realize until they notice the damage it does to her and their baby and until they notice this they decide to move away, although many others even with the damage are still there. As Loredó, et. al., (2015) it is essential to consider that the consequences of Adolescent Pregnancy affect both members of the couple, although it is probably the woman who suffers the most. Of these, they highlight the strong emotional charge as a result of their physical change and the influence, usually negative, of the environment where they live.

Teenage Pregnancy has other consequences in addition to hormonal changes, the emotional nature of the adolescent comes into play. Their emotional formation process is altered, their self-confidence is violated by not knowing if they will be able to overcome the stage they are living and this, among other things, can affect their physical, psychological and social health (Quesada, et. al., 2010; Sechel & Contreras, 2014; Loredó et al., 2015). That is why it is very important to teach young women in general to love themselves and their body above all things, knowing each other among a group of people who are going through the same situation helps them to reflect that they are not the only ones who are going through that situation and that they can move forward with self-love, will and responsibility as evidenced in another study carried out in other areas of the State of Campeche (Estrada, Pérez, Mis & Estrella, 2017).

CONCLUSION

As has been found in this research and many others, many adolescent girls have become pregnant from a very early age and the question is why there are still so many teenage pregnancies if conferences or workshops about sexuality to get to know their body and the usefulness of many contraceptive methods abound and are very constant. As a result of this question and others, it is considered that there are many factors, but for this research it is important to teach responsibility and will both at home and at school. Through the phenomenological study carried out, it was obtained that many girls are already aware of their sexuality and responsible for it and with those who share it, however, it is found

that sometimes they leave in the hands and responsibility of the man the fact of using or not using a contraceptive method, so the pregnancy takes them by surprise for one reason or another, the method used did not work and at that precise moment when it was used, They find out about the pregnancy The responsibility is of the young women to think about having it or not and depending on the situation they are experiencing this type of strong decisions are the ones they face when anticipating their actions, the young women are responsible for making the decision they want because they are aware of the virtues and/or consequences of their actions. In Campeche it is observed a lot the fact that parents give them in large amounts of support and in this way they do not make them make their own decisions and become responsible for everything, but nevertheless the act of perseverance to get ahead to become independent shows the maturity in which they want to get ahead. Therefore, this study highlights the importance of responsibility and will as a method of teaching adolescents.

FINANCING

This study was funded from our own resources.

THANKS

We thank the Faculty of Humanities of the Autonomous University of Campeche for their collaboration and support in the realization.

REFERENCES

Acosta, M., & Cárdenas, V., (2012). Pregnancy in adolescents. Sociocultural factors. *Medical Journal of the Mexican Institute of Social Security*. 50 (4), pp. 371-374

Alarcón, R., Coello, J., Cabrera, J., & Monier, G., (2009). Factors that influence teenage pregnancy. *Cuban Journal of Nursing*. 25 (1-2).

Climent, G. I., (2006) Social representations, values and educational parental practices: perspective of mothers of pregnant adolescents. *The window*. 23, pp166.

National Population Council (CONAPO). (2020). Fertility statistics in Mexico.

De Santiago, N. (2021). How to teach willpower to a teenager. *hacerfamilia.com*. Retrieved from: <https://www.hacerfamilia.com/adolescentes/noticia-ensenar-adolescente-tener-fuerza-voluntad-20121105011430.html>

Estrada, Pérez, Mis and Estrella (2017). Behavior and Sexual Responsibility in Adolescent Students from the Municipality of Tenabo, Campeche, Mexico. *International Review of Social Sciences*. 5 (12), pp 618-624

- García, L., Espinoza, A., & Correa, F., (2015). Psychological significance of adolescent pregnancy in five municipalities of Guanajuato, Mexico. *Intercontinental Journal of Psychology and Education*. 17 (2), pp. 149-166.
- Gómez, O., & Martín, J., (2013) How to Promote Autonomy and Responsibility in Our Sons and Daughters. Spanish Confederation of Associations of Parents of Students (CEAPA). Recovered in <https://redined.educacion.gob.es/xmlui/bitstream/handle/11162/131264/Guia%20Como%20fomentar%20la%20autonomia%20y%20responsabilidad%20en%20nuestros%20hijos%20e%20hijas%20CEAPA.pdf?sequence=1>
- Landoni, A. & Della, M., (2003). Use of contraceptive methods and sexual information in relation to abortion history to a sample of pregnant adolescents. Retrieved November 15, 2016, from: <https://www.researchgate.net/publication/26602605>
- Langer, A. (2002). Unwanted pregnancy: impact on health and society in Latin America and the Caribbean. *Pan American Journal of Public Health*, 11(3), 192-205.
- Loredo, A., Vargas, E., Casas, A., González, J., & Gutiérrez, J., (2015). Teenage pregnancy: its causes and repercussions on the dyad. *Rev Med Inst Mex Seguro Soc*. 55(2), pp 223- 229.
- Márquez, M. L.; Pérez, L. & Sibaja, B. (2004). Being a Man, Being a Woman in Adolescent Sexuality. *Journal of Psychology*. 13 (2), 47.
- Martínez, J., López, A., & Sánchez, R. (2021). Sex education in adolescents: A study in Campeche. *Mexican Journal of Public Health*, 63(2), 120-130.
- Noguera, N., & Alvarado, H. (2012). Pregnancy in adolescents: a view from nursing care. *Colombian Journal of Nursing*, 7(1), 151-160. <https://revistas.unbosque.edu.co/index.php/RCE/article/view/1459/0>
- World Health Organization (WHO). (2021). Adolescent pregnancy: Consequences and risks.
- Pérez, J. (2000). Analytic triangulation as a resource for the validation of recurrent survey studies and replication research in Higher Education. *RELIEF*, v. 12, n. 2. Retrieved January 26 from http://www.uv.es/RELIEVE/v12n2/RELIEVEv12n2_6.htm
- Pérez, M. (2022). Empowerment and sex education: Keys to reducing teenage pregnancy. *Education and Health*, 45(3), 256-270.
- Quesada, M., Romero, M., Prieto, M., & Rodríguez, C., (2010). Social characterization of pregnancy in adolescence. *Medical Archive of Camagüey*. 14 (3).
- Rangel, J., Valerio, L., Patiño, J., & García, M., (2004). Family functionality in pregnant adolescents. *Journal of the UNAM Faculty of Medicine*. 47 (1), pp. 24 – 26.
- Sechel, L., & Contreras B., (2014). Education towards new masculinities: a proposal for the prevention of adolescent pregnancy. *Culture of Guatemala/Rafael Landívar University*. 11, pp 80 – 98.
- Ministry of Health of Campeche. (2022). Report on reproductive health in adolescents.
- UNESCO. (2020). Education and Adolescent Pregnancy: A Global Analysis. Retrieved from [URL]

Vargas, E.; Henao, J. & Gonzales, C. (2007). Sexual and reproductive decision-making in adolescence. *Acta colombiana de psicología*. 10 (1), 49-50.

Vásquez, M. L; Argote, L. A.; Castillo, E.; Mejía M. E. & Villaquiran, M. (2005). Education and the responsible exercise of sexuality in adolescents. *Colombia Médica*. 36 (3), 35.

SENTIMENTO DE CULPA E O SUPORTE SOCIAL NO AUTOCUIDADO DAS CUIDADORAS INFORMAIS FAMILIARES

Data de submissão: 05/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Lisneti Castro

Associação de Apoio a Cuidadores
de Pessoas Dependentes- APACID-
Portugal

Dayse Cristina Neri de Souza

Centro Universitário Adventista de São
Paulo- UNASP- Brasil

Anabela Sousa Pereira

Departamento de psicologia- Universidade
de Évora- Portugal

RESUMO: Devido às exigências da tarefa de cuidador informal é imprescindível dotá-lo de competências, não só para o cuidado, mas orientá-lo para o autocuidado. O objetivo do presente estudo foi o de analisar a conduta das cuidadoras familiares face ao sentimento de culpa e à necessidade do suporte familiar no autocuidado. Utilizando uma metodologia de cariz qualitativo e paradigma interpretativo. Participaram nove cuidadoras informais, selecionadas por conveniência. A pesquisa realizou-se em duas fases distintas: a primeira com entrevista e aplicação de escala e a segunda com a realização de 10 sessões de intervenção psicoeducativas,

operacionalizadas através de dinâmicas de grupo. A intervenção psicoeducativa mostrou ser eficaz na medida que contribuiu para que as cuidadoras desenvolvessem competências pessoais/sociais necessárias para a manutenção do seu autocuidado. O estudo reforça a necessidade de autocuidado como um aspeto a ser valorizado nas intervenções junto aos cuidadores informais familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidador informal familiar, competência, psicoeducação, autocuidado.

FEELING OF GUILT AND SOCIAL SUPPORT NOT SELF-CARE OF INFORMAL FAMILY CAREGIVERS

ABSTRACT: Due to the informal caregiver task demands it is crucial to provide him competences, not only for the care but also to guide him to the self-care. The objective of the present study was to analyze the female familiar caregiver's behavior towards the guilt feeling and the need for familiar support in the self-care. It was used a qualitative nature study, interpretative paradigm. Nine female familiar caregivers participated in the study, they were selected by convenience. The research took part into

two different stages: the first with an interview and a scale implementation and the second with the accomplishment of 10 psycho-educational intervention sessions carried out through group dynamics. The psycho-educative intervention proved to be effective since it contributed to the development of personal/social competences needed for the caregivers' self-care maintenance. The study reinforces the self-care need as an element to be valued in familiar informal caregivers.

KEYWORDS: Familiar informal caregiver, competence, psycho-education, self-care.

O acentuado aumento do envelhecimento ao nível mundial, tem sido visto pela comunidade científica como um dos maiores desafios do século XXI. De acordo com as Nações Unidas, a população sénior numa perspetiva mundial que em 1950 era de 8% e em 2013 alcançou 12% (United Nations, 2013). Nos Estados Unidos em 2013, a população sénior já representava 14,1%. Em 2040 esse índice deve alcançar 21,7% e em 2060, deverá atingir 98 milhões de pessoas (Administration on Aging, 2015) .

Na União Europeia em 2014, a proporção de pessoas com 65 anos ou mais, já atingia a marca de 18,5% e, as projeções para 2080 são que atinja 30% no conjunto de países que fazem parte desse bloco económico europeu, sendo que um em cada oito indivíduos, terão 80 anos ou mais o que representará 12,5% da população dos países que fazem parte da União Europeia (Eurostat, 2015)

Em Portugal entre 2009 e 2014 a proporção era de 141 idosos para cada 100 jovens, esses números tenderão a aumentar devendo atingir a proporção de 307 idosos para cada 100 jovens em 2030 (INE, 2014).

Embora envelhecer não seja sinónimo de doença, dificilmente um indivíduo chegará a esta faixa etária gozando de boa saúde (Figueiredo, 2007). Dependendo da patologia adquirida, o indivíduo pode ter em risco a sua autonomia, o seu autocontrolo e como consequência depender de cuidados específicos de saúde e de longa duração que deverão ser efetuados no domicílio (Machado, 2012). É neste contexto que surge o cuidador informal familiar que ficará responsável pela prestação de cuidados, seja ao nível instrumental, seja ao nível emocional (Lage, 2005; Neri & Sommerhalder, 2006; Sequeira, 2010).

A tarefa de cuidador informal além de complexa é exigente e tem impacto na vida pessoal, familiar, laboral e social dos cuidadores (Sequeira, 2010). Com a sobrecarga do cuidar, frequentemente manifestam sintomas de tensão, fadiga, frustração, redução de convívio, além da diminuição da autoestima (Martins, Ribeiro, & Garrett, 2003). Todo este impacto, resulta geralmente do facto do cuidador informal, ao assumir a tarefa de cuidar, não receber formação/informação específica para desempenhar essa tarefa (Pereira, 2013; Sequeira, 2010).

Face às exigências inerentes à tarefa de cuidador, torna-se imprescindível dotá-lo não só de conhecimentos sobre a doença do familiar que cuida, mais fundamentalmente dotá-lo de competências para que possa estar devidamente orientado não só para o cuidado

com o seu familiar, mais sobretudo o cuidado consigo próprio. Este artigo é um recorte da investigação denominada “Programa de Intervenção Psicossocial aos Cuidadores Informais Familiares: o cuidado e o autocuidado”. Para efeito de análise deste artigo, optou-se por analisar o contributo dos participantes relacionados com o cuidado e o autocuidado. Assim sendo definiu-se como objetivo: avaliar a existência de uma maior consciencialização por parte das cuidadoras informais familiares inscritas na Unidade de Saúde Familiar de São João de Ovar, sobre a importância do autocuidado no desempenho da tarefa de cuidador após realização da intervenção psicoeducativa.

MÉTODO

Para o cumprimento do objetivo proposto, este artigo caracteriza-se por ser de natureza qualitativa e paradigma interpretativo. A opção por esta abordagem metodológica adveio em virtude da necessidade de descrever e compreender situações concretas vivenciadas no contexto social (Coutinho, 2013) e, ser flexível quanto ao uso de várias fontes de dados (Bryman, 2012). O paradigma interpretativo, permite compreender e interpretar complexidade de dados que um estudo qualitativo oferece através da descrição detalhada da realidade (Aires, 2011; Anthony & Jack, 2009).

Participantes

Nove cuidadoras informais familiares, com idades entre 40 e 80 anos, casadas com vínculos parentais de esposas filhas e neta e com primeiro ciclo de ensino completo. Foram selecionadas por conveniência, pela equipe de enfermagem da Unidade de Saúde de São João de Ovar Portugal. O convite para participarem do estudo, foi realizado através de chamada telefónica e presencialmente. O contato e a realização das etapas do estudo ocorreu na própria Unidade de Saúde.

Instrumentos

Os relatos foram recolhidos por meio de Exercícios de Dinâmica de Grupo orientado para este fim. As sessões foram gravadas em vídeo e áudio.

Procedimentos

O estudo ocorreu em duas fases distintas. Na primeira fase foram realizadas entrevistas por formulário e aplicação das escalas para caracterizar as participantes e diagnosticar às suas realidades como cuidadores informais. Na segunda fase, objetivo deste artigo, ocorreu a intervenção que foi constituída por 10 sessões psicoeducativas operacionalizadas através de exercícios de dinâmica de grupo. Nas primeiras três sessões,

foi evidenciada a integração grupal, informação sobre as doenças que os cuidadores estavam a cuidar, e de seguida foi abordado o que é ser cuidador informal familiar. Da quarta à nona sessão, foram dadas a conhecer as competências pessoais/sociais entre as quais: Autoconhecimento, Empatia, Autoestima, Assertividade, Resiliência e Suporte social. A décima e última sessão teve como objetivo avaliar os conhecimentos adquiridos e constou de 16 frases com temas relacionados com cuidado e o autocuidado. De seguida foi solicitado para que as cuidadoras manifestassem as suas perceções e opiniões acerca de cada tema apresentado. A pesquisa foi realizada no período de março a outubro de 2015. Os dados foram analisados com o apoio do software webQDA versão 2.0 e a análise de conteúdo foi suportada pela técnica de (Bardin, 2000).

RESULTADOS

Cuidar em contexto domiciliário significa principalmente responsabilidade e envolvimento total com a tarefa, fato que pode contribuir para que o cuidador na maioria das vezes negligencie o seu autocuidado.

Relativamente ao resultado da segunda fase deste estudo, embora tenha sido utilizada dezasseis frases para reflexão, análise e emissão de opinião por parte das cuidadoras informais, será apresentado a análise qualitativa das frases relacionadas com os seguintes temas: o sentimento de culpa, limitações do cuidador, envolvimento familiar nos cuidados e tempo próprio para o autocuidado.

Sentir-se ou não culpado (a)

Frase – Vou aprender a não me sentir culpada pelos erros que eu possa a vir cometer involuntariamente

C.1-1 – “É assim, eu já *tento* não errar e fazer sempre o meu melhor, mas mesmo na minha inocência eu erro. Se errar tento corrigir, não podemos nos culpar, não somos perfeitos”

C-1-2 – “*Tento não repetir o mesmo erro. Não vamos ficar bem com o erro que cometemos não é? Mas vamos tentar não repetir o mesmo*”

C.1-3 – “*Errar é humano. Errar um dia, outro dia é levantar a cabeça*”

O membro familiar quando assume a tarefa de cuidados terá que desenvolver uma série de atividades novas desconhecidas e imprevisíveis o que pode desencadear no cuidador sentimentos como medo, culpa, receio de fazer algo errado, além de incertezas diante da nova realidade de cuidados (Cardoso, 2011). Neste sentido Sequeira (2010) defende que o cuidador deve ser alvo prioritário de medidas de intervenção que devem ter como objetivo não só a aprendizagem de novos conhecimentos, mas também a aquisição de novas competências para que o cuidador sinta-se suficientemente seguro para lidar com a realidade de cuidados no domicílio bem como também possa valorizar o seu autocuidado

(Cardoso, 2011).

Limitações do cuidador

Frase – Vou aprender a dizer não de forma adequada todas as vezes que a tarefa de cuidar exigir acima dos meus limites

C.1-1 – *“As vezes deixo estar acima dos meus limites, as vezes consigo e faço a minha irmã vir e não sei o que mais, mas devia dizer mais vezes, muitas vezes não consigo reconheço isso.”*

C.1-2 – *“Isso é difícil, nós todos temos limitações, são familiares que não vêm, netos*

que não querem nem saber do avô. Quem vem é a minha filha e os filhos dela. Os outros nem um telefonema fazem.”

C. 1-3 – *“Não consigo dizer não, quando não tenho quem me ajude”*

C.1-4 – *“Eu consigo dizer em casa, pois qualquer coisa meus filhos e meu esposo estão prontos para me ajudar.”*

O contexto de cuidados domiciliários é exigente na medida que impõe ao cuidador um incremento de responsabilidades que deverão estar em conformidade com as necessidades da pessoa cuidada, o que faz com que despolette situações que no dia-a-dia podem ser difíceis de gerir (Pereira, 2013). Quando o cuidador aceita cuidar do seu familiar, tenta de todas as formas dar o seu melhor para que o desempenho da tarefa seja efetuada de forma eficiente, esquecendo-se que tem fragilidades e limitações e que estas se não for levado em conta, poderão ter implicações na qualidade do serviço prestado (Figueiredo, 2007; Pereira, 2013).

Envolvimento familiar nos cuidados

Frase – Vou promover reuniões familiares, para que todos tomem conhecimento acerca da evolução do quadro de saúde do nosso familiar, ao mesmo tempo que darei informações sobre as minhas necessidades

C.1-1 - *“Já faço, meu irmão estava no Algarve e eu cá e nós já havíamos telefonado para ele e ele veio imediatamente. Sempre estamos todos em contacto.”*

C.1-2 – *“Eu aviso a família quando podem vir ou se for muito necessário.”*

C.1-3 – *“Minha família sempre ajudou quando necessário.”*

C.1-4 – *“Tenho tido ajuda também.”*

C.1-5 – *“Eu dou conta de fazer o que for preciso, a minha família não quer saber. Da parte da família dele eu não tenho apoio. Toda gente diz tu é que foste busca-lo. Agora toma conta.”*

Assumir o papel de cuidador informal, implica na existência de uma transição

em vários níveis, porém, geralmente será apenas um membro familiar que conseguirá desenvolver estratégias para o desempenho da tarefa (Schumacher & Meleis, 1994).

Neste sentido faz-se necessário orientar e estimular o cuidador para que não assuma sozinha esta responsabilidade e que de alguma maneira consiga negociar com seus familiares a divisão de responsabilidades sobre os cuidados.

Tempo próprio para o autocuidado

Frase – Vou organizar a minha vida para que tenha mais tempo para mim e para fazer as coisas de que gosto.

C.1-1 – *“Como é que vou organizar se ela precisa de mim o tempo todo.”; “Vou permitir que outras cuidem sem eu ter que interferir.”*

C.1-2 – *“Quando eu comecei essa formação eu coloquei em mente que era preciso tirar um tempo para mim. Pois, precisava tirar e eu vou no café, nem que seja 10 minutinhos só para conversar, é o nosso tempo.”*

C.1-3 – *“Eu também não faço.”*

As intervenções para os cuidadores, além de informarem sobre a doença que é cuidada, também precisam orientá-los para a necessidade de terem um tempo para si próprio, de forma que possam utilizar algumas horas de seu tempo para fazer aquilo que lhes dá prazer, efetuando desta forma o seu autocuidado.

Discussão

Os resultados deste estudo revelam que as intervenções psicoeducativas podem ser uma estratégia pertinente no auxílio do cuidador familiar na gestão do cuidado. Estudos de Figueiredo, Guerra, Marques e Sousa (2012) e Lopes e Cachioni (2012) sublinham que as ações psicoeducativas possibilitam tendencialmente aos cuidadores familiares aumentar o seu sentido de competência, uma vez que se sentem melhor preparados para lidar com a doença que cuidam, além de provocar forte impacto no cuidador informal, na medida que este tipo de ação não só orienta sobre como cuidar da doença, mas também ensina os cuidadores a regularem suas emoções.

CONCLUSÕES

Uma das consequências de maior impacto resultante do aumento da longevidade é o cuidado de longa duração efetuado no domicílio. Executar a tarefa de cuidador informal familiar não é tarefa fácil, uma vez que o familiar responsável pelos cuidados na maioria das vezes não recebe formação para o exercício desta tarefa. Através dos resultados obtidos na segunda fase deste estudo, nomeadamente acerca do desenvolvimento de competências para o autocuidado, constatou-se que o objetivo do presente estudo foi atingido, na medida

que foi possível observar que as cuidadoras denotaram maior sensibilização quanto a importância do seu autocuidado. Com isso verifica-se que quando os cuidadores informais são devidamente informados/capacitados sobre tudo que envolve o manejo do cuidado, tendem a demonstrar que para além da consciencialização e sensibilização em relação a tarefa que desempenham, tem assegurado o seu bem-estar físico e psicológico o que se repercutirá na melhoria da qualidade do serviço que prestam.

Portanto, orientar o cuidador familiar por meio de intervenções psicoeducativas não só para saber lidar com a doença, mas também para a importância do seu autocuidado, deve ser um meio pelo qual os profissionais de saúde devem ajudar cuidadores informais familiares a cuidarem com qualidade ao mesmo tempo sensibiliza-los para o autocuidado

REFERÊNCIAS

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e prática de investigação educacional*. Universidade Aberta. Lisboa

Anthony, S., & Jack, S. (2009). Qualitative case study methodology in nursing research: An integrative review. *Journal of Advanced Nursing*, 65, 1171–1181. <http://doi.org/10.1111/J.1365-2648.2009.04998.x>

Administration on Aging.. (2015). *Aging statistics*. Retrieved from http://www.aoa.acl.gov/Aging_Statistics/index.aspx

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Lta.

Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4th ed.). New York: Oxford.

Cardoso, M. J. S. P. (2011). *Promover o bem-estar do familiar cuidador: Programa de intervenção estruturado* (Tese de Doutoramento),. Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa.

Coutinho, C. P. (2013). *Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2ª Ed.). Coimbra: Almedina.

Eurostat. (2015, September 29). 1 out of every 8 persons in the EU could be 80 or above by 2080: Elderly people less at risk of poverty or social exclusion. *Eurostat Newsrelease*. Retrieved from http://europa.eu/rapid/press-release_STAT-15-5727_en.htm

Figueiredo, D. (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi Editores.

Figueiredo, D., Guerra, S., Marques, A., & Sousa, L. (2012). Apoio psicoeducativo a cuidadores familiares e formais de pessoas idosas com demência. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15, 31–55.

INE (2014). *Estatísticas demográficas*. Lisboa: INE.

Lage, I. (2005). Cuidados Familiares a Idosos. In C. Paúl & A. Fonseca (Eds.), *Envelhecer em Portugal*. (pp. 203–229). Lisboa: Climepsi Editores.

- Lopes, L. O., & Cachioni, M. (2012). Intervenções psicoeducacionais para cuidadores de idosos com demência: Uma revisão sistemática. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 61, 1–10. <http://doi.org/10.590/S0047-208520120004009>
- Machado, S. C. G. (2012). *Avaliação da sobrecarga do cuidador informal, no desempenho de suas funções, à pessoa idosa dependente, no concelho de Santana* (Dissertação de Mestrado). Centro de Competência de Tecnologia da Saúde, Universidade da Madeira.
- Martins, T., Ribeiro, J. P., & Garrett, C. (2003). Estudo de validação do questionário de avaliação da sobrecarga para cuidadores informais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 131–148.
- Neri, A. L., & Sommerhalder, C. (2006). As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In *Cuidar de idosos no contexto da família* (2ª Ed, pp. 9–58). Campinas (SP): Alínea Editora.
- Pereira, H. R. (2013). *Subitamente cuidadores informais: Dando voz(es) às experiências vividas*. Loures: Lusociências, Edições Técnicas e Científicas, Ltda.
- Schumacher, K. L., & Meleis, A. I. (1994). Transitions: A central concept in nursing. *Journal of Nursing Scholarship*, 26, 119–127.
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lisboa: Lidel-edições técnicas, Lda.
- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, P. D. (2013). *World population ageing 2013* (No. ST/ESA/SER.A/348). Retrieved from <http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/ageing/WorldPopulationAgeingReport2013.shtml>

PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA: O DESAFIO DA DISPOSIÇÃO PARA A SERENIDADE NAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Data de submissão: 27/08/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Sonia Nukui

Psicóloga, mestre pela Universidade Metodista, Coordenadora auxiliar do Curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP/Sorocaba
<https://orcid.org/0009-0006-5330-3701>

Cybele Moretto

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela PUC-CAMP, Professora Titular e Supervisora da Universidade Paulista – UNIP/Sorocaba
<https://orcid.org/0000-0001-6383-0878>

Luiz Felipe Martelini Müller dos Santos

Psicólogo formado pela UNIP-Sorocaba/SP
<https://orcid.org/0009-0003-5940-1124>

Luiz Gustavo da Silva Prado Pinheiro

Psicólogo formado pela UNIP-Sorocaba/SP
<https://orcid.org/0009-0000-1384-3347>

Uma dessas inovações foi o surgimento do Plantão Psicológico como modalidade de atendimento clínico, ofertado pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1969, e idealizado por Oswaldo de Barros Santos e Rachel Lea Rosenberg.

De acordo com Mahfoud (1987 apud Rebouças; Dutra, 2010) mediante a ausência de recursos públicos para a saúde e a imensa demora para o agendamento de atendimentos, ocasionaram-se imensas filas. É nesse contexto que surge o Plantão Psicológico visando oferecer atendimento para as pessoas que necessitavam de cuidados emergenciais. Tal prática, se iniciou tendo os seus atendimentos baseados sob viés da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, que compreendia o homem como detentor de um organismo digno de confiança.

Assim foi se desvelando o sentido e a práxis do Plantão Psicológico que, diferentemente da psicoterapia tradicional da época, não visava o controle e

INTRODUÇÃO

Frente aos novos desafios do mundo contemporâneo a práxis da clínica tradicional precisou passar por inovações para dar conta dessa nova realidade social.

adaptação do sujeito, mas sim almejava oferecer a escuta e o acolhimento, bem como oferecer a disponibilidade de estar presente com o outro, atitude essa que demonstra cuidado. Ou, em outras palavras, de acordo com as considerações de Andrade (2008) no Plantão Psicológico nota-se uma superação da percepção tradicional que entendia o desenrolar de um atendimento dentro de uma temporalidade extensiva e cronológica para uma percepção marcada principalmente pelo campo das intensidades.

Corroborando com as ideias supracitadas Evangelista (2016, p.255) aponta que *“o Plantão Psicológico pode ser entendido como mais do que um serviço, como um acontecimento”* dentro do tempo kairós – termo grego que significa tempo decisivo e oportuno – e não mais cronológico marcado por uma substancialização da existência.

Certamente há de se considerar que o objetivo do Plantão Psicológico, em plena era da técnica, em que o ter se sobressai em relação ao ser, o homem acaba não tendo tempo e espaço para si, podendo então através do encontro que ocorre entre plantonista e paciente, tecer suas histórias e ser ouvido, possibilitando encontrar um novo sentido para elas. Conforme Braga e Custódio (2009) é através do espaço seguro ofertado pelo Plantão Psicológico que o sujeito pode falar e ser ouvido sem ser julgado, possibilitando assim a criação de um território de questões, reflexões e novas construções de sentidos.

Em Heidegger (1959) é apresentado como o homem se relaciona com o pensamento calculador e com o pensamento meditativo-reflexivo. Compreendemos que o pensamento calculador acaba por predominar nos tempos atuais, e o meditativo-reflexivo, por alguns momentos acaba sendo rejeitado, tendo o homem na atualidade se dirigido para cada vez mais longe de manter uma relação mais próxima consigo mesmo, bem como com as demais pessoas com as quais convivem.

No mundo da técnica o pensamento calculador mostra-se de grande serventia, o qual pode auxiliar a usar para o nosso melhor benefício os recursos advindos da natureza, no entanto este tipo de pensamento tem um caráter específico de servir para o avanço da ciência, já o meditativo-reflexivo é visto como algo que não está pautado em uma eficiência, mas que tem como propósito auxiliar o homem na busca por sentido e significado de sua existência.

Acreditamos que o perigo se encontra quando o pensamento calculador é posto a frente do ser do próprio homem e, conseqüentemente, podendo vir a causar certa objetificação na sua relação com o mundo e com todos os objetos que o compõem. Tendo isso em vista Heidegger propõe que façamos uso dos objetos técnicos, porém com cuidado não nos aprisionando a eles, fazer com que estes objetos residam em coisas que não ultrapassem o limite de nos servir, para não nos tornarmos cegos e dependentes ao mundo da técnica e aos seus objetos.

Desse modo, por todo o exposto, atestamos que a disposição para serenidade surge como um porto seguro, ofertando ao homem a possibilidade de habitar o mundo transitando de forma equilibrada entre o pensamento que calcula e o pensamento que medita e reflete.

Por todas as considerações realizadas até o momento não poderíamos deixar de recorrer às contribuições do poeta Fernando Texeira de Andrade, pois tais palavras desvelam exatamente o que compreendemos dessa prática psicológica- Plantão Psicológico sob o viés da serenidade, ouçamos o poeta:

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre a margem de nós mesmos.

APRESENTANDO UMA PRÁTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ATENDIMENTOS REALIZADOS

Evidencia-se que a prática psicológica denominada como Plantão Psicológico se transforma em cada instituição que a exerce, e foi através da experiência enquanto estagiários do último ano do curso de psicologia de uma universidade particular sob a supervisão clínica sob o viés da abordagem fenomenológico-existencial que se pretende expor no presente trabalho a importância da serenidade nos encontros que se mostraram únicos.

A perspectiva da psicologia fenomenológico-existencial visa a escuta e o acolhimento como um espaço terapêutico que possibilita compreensões acerca de seu modo de ser e estar com outros, isentos de qualquer necessidade de explicações sobre os fenômenos compartilhados durante os encontros (Morato, 2006).

Ao considerar os atendimentos realizados com todas as questões existenciais apresentadas, tais como: luto não elaborado; relações abusivas e violentas dentro e fora da família; exploração vivenciada no trabalho; medo/pânico da finitude; ansiedade para dar conta das expectativas dos outros; preconceitos contra população LGBTQIA+; violência institucional contra a mulher; sentimento de abandono em relação aos pais/cuidadores; violência como meio de sobrevivência em um mundo hostil; pensamentos suicidas; constante busca pela produtividade de forma adoecedora; questionamentos sobre a forma de ser e de interagir com o mundo e com as outras pessoas, seguem algumas considerações.

As compreensões clínicas obtidas por meio das supervisões, bem como as compreensões realizadas por meio das pesquisas científicas evidenciaram o desafio de mantermos a disposição de serenidade que surgiu no decorrer do estágio não somente por entrar em contato com as questões existenciais dos pacientes nos encontros, mas também por nos encontrarmos no último ano da faculdade cheio de expectativas e ideais que criamos ao longo do curso. Ou seja, estávamos imersos pelo pensamento calculador.

Serenidade de acordo com o dicionário significa: “Característica da pessoa serena, tranquila, de quem age com calma diante de situações complicadas, perigosas, traumáticas; mansidão, placidez.” (Dicio, 2024, online). Observa-se então que a serenidade é a predisposição que o plantonista deve apresentar durante o encontro com o outro, para

tanto é necessário que o profissional/estagiário psicólogo também saiba esperar.

Podemos apontar que realizamos atendimentos/encontros terapêuticos pautados pela disposição de Serenidade sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Portanto, fomos convidados a estarmos abertos a quaisquer coisas que vinham aos nossos encontros, sem querer classificá-las ou explicá-las, abrindo espaços para atenções livres de quaisquer violências subjetivas.

Há de se considerar que esses posicionamentos se revelaram em nosso fazer clínico, pautados em sua principal ferramenta, promissora de um campo de transformações, afetos e ressignificações - o diálogo - que por sua vez, caracterizou-se por suas duas principais ferramentas; a fala e a escuta. Diálogo, fala e escuta longe de seu mero significado, passaram para seu significado pleno, que se caracterizou por toda presença de sentimentos, emoções e afetos em torno de um mundo repleto de significados. Portanto, a narrativa se mostrava essencial no tecer dessas vivências.

Vale ressaltar, em consonância com Bilbao (2013), que o discurso é uma narrativa, portanto ele está sempre carregado de sentidos e significados, ou seja, quando o paciente narra também (re)vivencia aquela situação verbalizada e mostra ao estagiário terapeuta seus paradigmas de vida, sua forma de enxergar o mundo. Se narrar é recordar os significados e sentidos, então pode ser também um momento de ressignificações.

Desse modo, as falas de nossos pacientes deixavam de ser falas corriqueiras, de serem falas do cotidiano, nutridas pelo impessoal e se apresentavam enquanto falas poéticas, que por suas vezes, apresentavam-se disponíveis para uma escuta daquilo que não estava totalmente desvelado, possibilitando os descobrimentos e recriações de novos modos de serem-no- mundo.

Assim, por meio das escutas atentas e do nosso disponibilizar-se, que os nossos clientes puderam sentir-se ouvidos, e puderam ouvirem-se a si mesmos, e esse poder ouvir, possibilitou que eles se apropriassem do que eram deles e assumissem suas responsabilidades com os cuidados de suas próprias existências. Abaixo apresentamos alguns recortes dos casos clínicos atendidos.

Um adolescente veio em busca do atendimento por estar com dificuldades em compreender a si mesmo e se angustiando ao lidar com as expectativas dos outros. Diante de tais questões o poder disponibilizar um espaço no qual ele pudesse falar sobre todas as questões que permeavam sua existência, se mostrou de grande importância, pois ao longo das sessões sua visão sobre si se mostrou completamente diferente da qual ele tinha apresentado na primeira sessão. Após ter a oportunidade de se debruçar sobre suas questões, por meio da fala ele pode articular melhor sobre sua forma de ser que faria mais sentido para ele naquele momento.

O Sr°. D procurou o plantão e explicou que estava acima do peso que o levou a desenvolver intensa preocupação sobre sua finitude, manifestando, inclusive, sintomas de ansiedade. Durante os encontros que se seguiram o paciente foi narrando como era sua

forma de habitar o mundo e, em conjunto com o estagiário plantonista, foi evidenciado o quanto ele se assemelhava ao falecido pai, nesse momento explicou que o patriarca morreu aos 47 anos e que ele mesmo – o próprio paciente – já estava com 45 anos, portanto próximo da idade da morte do pai. Essa aproximação temporal entre as partes suscitou novas recordações e percepções no paciente, e ele começou a chorar e a falar mais intensamente sobre o pai, contando o quanto que não pôde vivenciar o luto por ter se feito o único responsável para lidar com os sofrimentos dos outros (acolher irmãos e mãe) e questões físicas da morte (velório, patrimônio etc.), mas que na sessão pôde reviver e dar início a uma ressignificação do vivido abrindo espaço para elaborar o luto.

Em outro atendimento que ocorreu em uma única sessão um paciente (46 anos) procurou atendimento por ter sentido que suas crises de ansiedade haviam se intensificado há algum tempo. Diante do espaço seguro ofertado pelo *setting* terapêutico o paciente relatou que experienciava episódios de depressão e ansiedade há 7 (sete) anos e fazia uso de medicamentos, inclusive, explicou que teve que parar de tomar as medicações novas prescritas pelo médico psiquiatra, pois estava passando mal. Somente ao final da sessão o estagiário terapeuta pesquisou sobre as medicações e verificou que os dois remédios prescritados não poderiam ser usados em conjunto, no entanto nunca teve a chance de orientar o paciente para levar tal questão para o seu psiquiatra. Há 7 (sete) anos também teve início o histórico de perdas consecutivas, o paciente perdeu pai em decorrência de um câncer em estágio avançado, uma tia, a avó e um de seus amados cachorros, bem como a separação do companheiro. Todavia, o paciente já havia vivenciado desde muito cedo – aos 10 (dez) anos – o luto, sua mãe faleceu em decorrência de um AVE (acidente vascular encefálico), além da perda da infância uma vez que teve que cuidar de seus irmãos mais novos. Além disso, explicou que quando tinha 7 anos expôs para a família que era homoafetivo.

Relembrando esse caso compreende-se que devia ter sido mais bem explorado sobre como foi essa exposição para a família, assim como ter dado maior importância para o número 7 (sete) que tanto se repetiu em sua vida. Talvez a sessão única tenha auxiliado ele a se sentir melhor, talvez tenha dado continuidade em sessões com outro estagiário, talvez tenha trocado a medicação, muitas possibilidades se fazem possíveis, contudo, a serenidade se fez e se faz imprescindível não só durante a sessão como também após ela: serenidade para lidar com o que fica após o término do encontro.

Outro recorte de um caso clínico atendido se revelou por meio do compartilhar da Sra. F. evidenciou-se que sua vida era voltada para as tarefas domésticas e para ajudar a sua família, durante o dia ela fazia todas as tarefas de sua própria casa e ainda arrumava a casa de uma de suas filhas, já na parte da noite ela ajudava uma outra filha com sua loja de açaí, estando sempre trabalhando e ajudando aos outros, sem tempo para cuidar de suas questões existenciais. Ao explorar um pouco mais a queixa foi visto que previamente ela trabalhava como enfermeira, e que tinha decidido se afastar de sua função por conta

da carga extremamente cansativa de sua rotina no trabalho, chegando a ter episódios em que sua pressão caía e acabava se sentindo mal por conta de sua rotina. No entanto se ausentar do trabalho não se mostrou a solução de seus problemas, já que mesmo estando fora do trabalho ainda assim estava sofrendo com uma rotina extremamente cansativa, se aproximando do estado que ela se encontrava enquanto trabalhava.

Ao considerar o recorte acima compreende-se que o plantonista possibilitou que uma clareira surgisse quando ele ajudou a paciente a compreender em seu discurso, e em sua história de vida como certas atitudes estavam contribuindo para o seu adoecimento e, portanto, ao utilizarem-se do pensamento meditativo-reflexivo outras maneiras de existir menos prejudiciais e mais saudáveis puderam ser contempladas. Também é importante levar em conta como aquele espaço do Plantão Psicológico é um dos poucos momentos em que o paciente está buscando um cuidado para si, esse é um momento delicado, pois é naquele lugar onde certas questões serão encaradas, e entender como elas estão sendo prejudiciais não se trata de um processo simples, já que uma mudança demanda muito de nós e do nosso interagir com os outros, por vezes será mais “confortável” se manter naquela mesma posição, pois a atitude de mudar certas estruturas relacionais com os outros e com nós mesmos, pode soar ainda mais ameaçador.

Indubitavelmente por meio dessas trocas que são muito mais que apenas “ouvir e falar” acontece uma relação de confiança que se se faz sustentada por uma interpretação compreensiva. A fala autêntica e a escuta atenta provocam as afetações, e nesse campo surge à possibilidade da compreensão de si, que permite o pensar a própria vida, a própria existência, eis o pensamento meditativo-reflexivo.

De acordo com Critelli (2012), o ato reflexivo, o desvelamento e desnaturalização do cotidiano, pode abrir espaço para encontrar a essência humana, ou seja, aquilo que há de mais genuíno no ato humano. Dessa forma a autora diferencia os tipos de pensar: **a) pensar como pensamento** está relacionado ao ato do desvelamento, da reflexão em busca de uma essência e que nada tem de interesse prático em seu processo; **b) pensar como conhecimento**, se caracteriza por sua racionalidade, visa em seu processo de conhecer a realidade que nos cerca e estabelecer verdades objetivas e duráveis; **c) pensar como compreensão**, se assemelha ao pensamento, entretanto está voltado para a resolução de um problema pertinente ao cotidiano, contextualiza o pensamento para que auxilie em uma determinada situação.

Portanto, observa-se que a hermenêutica da práxis do Plantão Psicológico só acontece diante da disponibilidade tanto do plantonista quanto do sujeito em sofrimento de serem capazes de pensar compreensivamente a respeito da existência humana. E, assim compreendemos que pensar a própria existência possibilita o rompimento daquilo que está por detrás dos escudos que criamos, e que se tornam invisíveis ao longo do tempo impedindo que sejamos os nós mesmos, o eu-próprio, singular.

Estivemos abertos diante daquilo que se apresentou, e essa abertura, esse contato

que vivenciamos durante os atendimentos, bem como durante as supervisões clínicas nos tocaram profundamente. E nos fizeram compreender que, quando envolvidos nessa relação, somos afetados pelas palavras, pelos pensamentos, e pelas tonalidades dos sentimentos que nos permitem ser mais abertos ao processo de mudança. Ou, em outras palavras, nos possibilita almejar, desejar e nutrir-se de esperança por algo inovador.

As considerações expostas acima apresentam-se em consonância com ideia de Angerami (2015, apud Nukui, 2015) ao apontar que a origem da palavra esperança é esperar algo, assim esperança se relaciona com uma força que não se vê, mas se sente e faz mover para frente, ou seja, a esperança faz o sujeito aguardar/acreditar num novo momento de paz, harmonia, de menos sofrimento. E a esperança nos acompanhou em cada atendimento realizado, tornando-se nossa aliada nesse caminho de construção via Plantão Psicológico

Compreendemos que há também de se relacionar a esperança não apenas com o esperar, mas também com o fazer acontecer como sabiamente exposto por Freire (1992):

Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, n.p.)

A práxis do plantonista deve estar sobre a égide da serenidade, do esperar e do esperar. Durante o encontro, o plantonista deve saber esperar o período de narrativa do paciente, bem como aguardar e abrigar serenamente não só o discurso como também as emoções/sentimentos – muitas vezes intensos – expressos pelo sujeito em sofrimento. E, diante desse encontro, a plantonista oferta um esperar, uma possibilidade de o devir de um novo habitar no mundo, através do encontro o próprio paciente já está exercendo seu esperar, já está imbuído de uma força que o move para fazer algo a respeito de suas questões existenciais.

Dessa forma, notamos a imprescindibilidade de trabalhar primeiramente estas questões afastando-nos daquilo que é nosso para poder habitar o mundo do outro tal como é, acolhendo o seu sofrimento emergencial que nos é apresentado. Para tanto, buscamos dar um passo atrás da escuta e acolhimento compreendendo que estes são melhor desempenhados quando deixamos daquilo que é nosso para imergir no mundo deste que está diante de nós, atitude essa aqui entendida como a **disposição de serenidade**, que se relaciona com o exposto por Heidegger (1995 apud Evangelista, 2016, p 224) nessa nova conduta do estagiário/psicólogo/plantonista, somos uma: “Testemunha fenomenológica existencial, zelando para que o acontecer histórico-biográfico do outro possa aparecer tal como é”.

O plantonista se dispõe naquele momento para o outro que busca por ajuda em um momento delicado de sua vida, onde aquela demanda psicológica tão emergente se transborda e é naquele espaço de acolhimento e escuta daquele que procura que então

estas mesmas questões irão poder se desaguar e ser mais bem enxergadas por um terceiro e até por si próprio.

A Serenidade se faz essencial por parte do plantonista, pois é apenas junto daquele que buscou pelo atendimento que os significados do fenômeno em questão irão surgir, para isso é preciso aguardar para que aquilo que estiver obscurecido por outras coisas possa surgir de forma livre, espontânea e não direcionada para qualquer objeto.

E se não respeitarmos este processo, acabaremos por atropelar toda e qualquer oportunidade de o sujeito elaborar e ressignificar seu sofrimento utilizando de seus próprios recursos, o que não auxilia na melhora da questão em si, apenas se trata de uma forma de o profissional que está ali envolvido na relação terapêutica poder se livrar da sua angústia causada pela necessidade de oferecer uma resposta rápida para as questões que se apresentam. Se o psicólogo não estiver atento a essa atitude e não se guiar pela disposição de Serenidade certamente eliminará qualquer chance de o paciente exercer o pensamento meditativo-reflexivo.

Outro ponto importante sobre a disposição de serenidade no modelo do Plantão é de que as sessões em sua grande parte não possuem um objetivo em si e não há uma prévia sobre os casos que chegarão para as sessões, sendo assim, é preciso ter serenidade sobre nossos próprios sentimentos e angústias sobre as incertezas que surgem em tal modalidade, sendo abertura para receber de modo sem julgar ou se adiantar aquilo que vem ao encontro. O modo de ser abertura, tem relação com o estar pronto para o que vier, mas buscando se afastar da atitude natural, algo quase que automático para nós, ainda mais quando levamos em consideração a era da técnica na qual vivemos, onde os resultados e conclusões são mais desejados do que o processo em si.

Nas obras de Heidegger é discorrido como a existência humana é caracterizada pela tendência para o autoesquecimento e para a auto-objetivação. Usamos como compreensão de nós mesmos a mesma descrição e explicação que usamos para objetos e eventos intramundanos, assim objetificando e coisificando nossa subjetividade. Zahavi (2019) traz como a investigação fenomenológica é marcada por uma certa violência, pois é necessário realizar um desentranhamento de nosso ser, havendo uma confrontação com a nossa compreensão natural, que é guiada pela cotidianidade e afastada da apropriação e responsabilização de nosso ser. O movimento da *epoché* auxilia na quebra desta automaticidade.

Dentro do método fenomenológico se faz uso da *epoché*, suspender ou neutralizar um determinado posicionamento em relação ao mundo, dirigindo o olhar para o fenômeno em si, a coisa como ela mesma. Somente por meio dessa suspensão é que o ser do mundo se mostra acessível. E, indubitavelmente acontece a disposição de serenidade tão aclamada nesse trabalho.

Ainda de acordo com as considerações de Zahavi (2019) é indispensável suspender nossa concordância com o posicionamento natural, o que não significa expurgá-lo, o

que não seria possível, já que somente a suspensão já demanda de certas preparações metodológicas, expurgar algo tão cotidiano de nossas vidas seria uma tarefa impossível, no entanto é preciso estar atento a estas questões.

Este exercício surge como uma maneira de acessar o sentido das coisas; a atitude corriqueira não dá espaço para essa consciência. Portanto, o método fenomenológico se configura enquanto um convite para uma mudança de atitude, entendendo que as coisas são fenômenos e que esses fenômenos estão em relação conosco e com o mundo. Sendo assim poderemos perceber o mundo e seus objetos de uma maneira nova e surpreendente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar das vivências que nos atravessaram durante os atendimentos psicológicos realizados na modalidade do Plantão Psicológico várias questões foram se desvelando. Portanto, íamos nos certificando que o pensamento calculador se mostrava fortemente enraizado, de forma que éramos cobrados a mostrar caminhos, a mostrar soluções e, principalmente, a elaborar diagnósticos. É importante frisar como essas cobranças são advindas de diversos pontos, certas vezes podendo ser do paciente, de forma direta ou indireta, mas em grande parte, sendo proveniente do próprio plantonista, que principalmente se tratando de um estágio que se aproxima do final de sua trajetória de formação, a pressão de saber se estará realmente pronto para o dia a dia da sua prática profissional após o término da graduação traz angústias e inquietações sobre si mesmo.

À medida que as supervisões clínicas aconteciam certamente nos clareava o desejo e o compromisso de poder auxiliar os pacientes a lançarem mão de recursos fundamentados no pensamento meditativo-reflexivo, pois a intenção era ajudá-los a se relacionarem consigo mesmos, bem como com todas as outras questões que os atravessavam de forma mais tranquila e saudável. Fomos trilhando um caminho que exigiu o tempo da espera, da contemplação e indubitavelmente da serenidade.

Pode-se apontar que os pacientes demonstravam desejos de serem ouvidos a respeito de suas trajetórias existenciais. Desse modo, as narrativas se mostraram angustiantes e solicitavam soluções mágicas para os problemas existenciais. Nesse tecer de experiências se quebravam as expectativas dos plantonistas, pois o que chegava era sempre algo que não se imaginava, por vezes um silêncio em lágrimas dolorosas e marcantes, por vezes uma fala interrompida e agonizante ou ainda, uma fala sem coesão ou um desarranjo de nexos.

A experiência vivida nos convida a refletir que a prática psicológica Plantão Psicológico por meio do acolhimento e da escuta diferenciada que foram oferecidas puderam proporcionar o desvelamento de outros sentidos e outras possibilidades.

Por fim, o resultado dessa experiência foi conceder aos pacientes o direito de serem ouvidos sem juízo de valores, sem preconceitos, permitindo a abertura de novas

possibilidades dentro da historiobiografia de cada um, e também uma experiência única para o plantonista, que também é um psicólogo em formação que tem a oportunidade de ajudar e participar dos diferentes processos de cada um que busca pelo Plantão Psicológico. Portanto, concluímos que esta experiência serviu como promoção de saúde ao oferecer a escuta e o acolhimento a todos que procuraram o atendimento psicológico. Ou em outras palavras, referenciando Clarice Lispector (1998, n.p.) “*A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.*”

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. N. **Atenção psicológica e agoridade**. VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição. São Paulo, USP, 2008.

BRAGA, T.B.M.; CUSTÓDIO, E.M. O sentido da prática clínica para uma clínica do sentido: A formação no contexto Psicológico em Instituições. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (Coord.) **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009 pg 101-118.

CRITELLI, D. M. **História pessoal e sentido da vida**: historio biografia. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012,

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de Serenidade**. 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/serenidade/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

EVANGELISTA, P. **Psicologia fenomenológica existencial – A Prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá, 2016

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 1959

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MORATO, H. T. P. Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES, 2006.

NOBRE, Jaderson Gonçalves. **Serenidade em Heidegger: UM DIÁLOGO ENTRE A TÉCNICA E A ARTE**. 2015.

NUKUI, S. M. M. O. Encontros terapêuticos na proposta do plantão psicológico sob a perspectiva fenomenológico-existencial. In: Angerami, Valdemar Augusto. (Org.). **Psicoterapia Fenomenológico-Existencial**. Belo Horizonte: Artesã Editora. LTDA, 2017, v., p. 07-420.

REBOUÇAS, M.S.S; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Rev. Abordagem Gestalt**. Vol.16 nº1, Goiânia, jun, 2010

ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. Tradução: Marco Antonio Casanova. 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

EDUCAÇÃO EMANCIPADORA, IDENTIDADES ADOLESCENTES E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO: UMA PROPOSTA DE ATUAÇÃO PARA PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA

Data de submissão: 18/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Cybele Moretto

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela PUCCAMP; Professora Titular e Supervisora de Estágio da Universidade Paulista, (UNIP/Sorocaba)
<https://orcid.org/0000-0001-6383-0878>

Ana Lúcia Titotto

Graduanda em Psicologia pela UNIP Sorocaba
orcid 0009-0008-8505-7503

Leonardo Arcene Popst Munhoz

Graduando em Psicologia UNIP Sorocaba
orcid 0009-0001-7252-3615

Pesquisa Apoiada pela Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UNIP, no Programa “Iniciação Científica e Tecnológica”.

RESUMO: Apesar da temática escolar e suas dinâmicas serem comuns as trajetórias dos indivíduos, seja pelo acesso ou não às instituições de ensino, os processos articulados durante o aprendizado de adolescentes ainda não são totalmente atravessados por debates em busca de uma educação emancipadora de pressupostos sociais. Tem-se como objetivo

neste estudo pesquisar sobre como os processos psicossociais dessas dinâmicas da educação contribuem para a formação e desenvolvimento das identidades e subjetividades, além do pensamento crítico de adolescentes, a partir do embasamento teórico da psicologia sócio- histórica e da contribuição de alguns conceitos psicanalíticos. Dentre os resultados, refletiu-se sobre alguns pontos de intersecção, buscando compreender como os adolescentes desenvolvem uma visão emancipadora frente aos pressupostos e paradigmas sociais presentes na contemporaneidade. Discutiu-se, ainda, o papel do profissional de psicologia diante dos desafios e problemáticas do ser adolescente hoje, em busca de uma prática ética, livre de pressupostos e orientada ao apoio da apropriação crítica e identitária dos sujeitos. Concluiu-se a partir deste estudo a importância da contribuição da Psicologia no contexto escolar relacionado a luta para que os adolescentes não sejam tratados de forma culpabilizadora, não sendo considerados os únicos responsáveis de eventuais problemas escolares e dificuldades de desenvolvimento, buscando por fim uma compreensão contextualizada de um processo multifatorial e sócio-

histórico. Ser “saudável” também é existir de maneira contestadora da ordem social por uma existência libertadora, a partir de sujeitos apropriados das suas realidades históricas, tomando-se capazes de transformá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Identidade; Psicologia; Educação Emancipadora; Dialética.

ABSTRACT: Despite the common theme of education and its dynamics in individuals’ trajectories, whether related to access or lack thereof to educational institutions, the processes involved in the learning experiences of adolescents are not fully engaged in debates seeking an emancipatory education from social assumptions. This study aims to research how the psychosocial processes within these educational dynamics contribute to the formation and development of adolescents’ identities, subjectivities, and critical thinking, based on the theoretical foundation of socio-historical psychology and the contribution of some psychoanalytic concepts. Among the results, reflections were made on certain intersection points, aiming to understand how adolescents develop an emancipatory perspective in the face of social assumptions and paradigms present in contemporary society. The role of psychology professionals in addressing the challenges and issues faced by adolescents today was also discussed, seeking an ethical practice free from assumptions and oriented towards supporting the critical and identity appropriation of individuals. Based on this study, it was concluded that the contribution of psychology in the school context is essential in the fight against the stigmatization of adolescents, where they are not solely held responsible for any school problems or developmental difficulties, but rather understood within a contextualized and multifactorial socio- historical process. To be “healthy” is also to exist in a questioning manner against the social order, striving for a liberating existence, with individuals empowered by their historical realities and capable of transforming them.

KEYWORDS: Adolescents; Identity; Psychology; Emancipatory Education; Dialectic.

*“Jacaré mordendo a minha pólo da lacoste
Observa a fome, entra em devaneios pra pensar
Se nós tá junto, não precisa de revólver
Não é questão de sorte
Basta nós saber se organizar
Que os cara chega, quase sempre maquinado
Apimentado, com a cintura ignorante
Se você não entende, tamo fadado
Crucificado nesse modus operandi
Tamo pensando em um por um, que revolta cada um
Linha do tempo pode nos comprometer
Se te incomoda esse jejum, temos dores em comum
Basta nós saber reconhecer
E olhar pro lado, o que nos fez andar distante
São lados diferentes do mesmo lado
Dá pra saber pelo semblante
Jacaré mordendo a minha pólo da lacoste
Se pá, molotov, e os meus companheiros a caminhar
Se nós, tá junto não precisa de revólver
Bope fica em choque quando vê a revolta popular*

*Se eu te contar, se eu for te contar
Eu posso me comprometer
Quando geral se unir, reivindicar
Patrão não vai sobreviver
Vejo jacaré que enforca vários porcos de lacoste
Não fica em choque com a revolta popular
Se nós entende que não existe Super-
Homem que salve da fome
Nós vai ter que se articular
Se organizar no modo de pensar
Vai dar conforto pra viver
Quando a classe se unir e arquitetar
Fazer o que tem que fazer”
Música “Jejum” do rapper brasileiro Yago OPróprio*

1 | INTRODUÇÃO

O ambiente escolar e suas dinâmicas compõem a existência de quase todos os indivíduos, seja pela ausência e falta de acesso, seja pela presença num desdobramento diverso, que pode percorrer caminhos que foram ou são traçados pela emancipação destes indivíduos quanto a formação de um olhar crítico à sociedade ou não. A complexidade do tema já transborda nos nomes atribuídos à área da Psicologia dedicada ao estudo das dinâmicas escolares e seus sujeitos, são diferentes terminologias como: psicologia da educação, psicologia na educação, psicologia escolar e ainda psicologia educacional. Apesar da terminologia conter posicionamentos sobre o tema, nosso papel neste estudo é o de ir além do nome que se dá às coisas, para o campo de estudos do fazer na dinâmica escolar quanto à uma práxis libertadora, conceito abordado por Paulo Freire [1968] (2023), para adolescentes frente a constituição de um pensamento crítico. Para dar um contorno inicial ao que chamamos de pensamento crítico, recorreremos ao seguinte trecho:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2023, p. 45).

Sendo assim, propomos neste estudo um caminho de pesquisa e análise sobre como estes diálogos estão se traduzindo na dinâmica escolar, seja por um caminho não libertador e que recorre ao simples repetir e assimilar não crítico de ideias, ou pelo caminho de diálogos emancipadores dos adolescentes junto a liderança educadora, resultando num processo com aspectos democráticos, que reflita sobre as realidades e estruturas sociais vividas por esses jovens.

Paulo Freire [1979] (2013) aborda sobre a construção e a importância dessa conscientização, que não seja tão somente uma apreensão da realidade exterior de forma pronta e sem avaliação crítica. Neste processo de conscientização, trata o que chama de

teste de realidade, vital para a existência do indivíduo apropriado de si mesmo, uma vez que sem diferenciação do que deve ou não ser apropriado por esse sujeito, acaba por seu interior não se diferenciar do exterior. Freire propõe essas duas realidades, exterior e interior, que devem equilibrar-se, pela coexistência em uma dialética histórica e cíclica. Complementar a conceituação de conscientização de Freire (2013), o termo *crítico* também é abordado por ele trazendo uma possível relação com o educando:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. (FREIRE, 2013, p. 34).

Há então uma maior articulação dos conceitos, elucidando um pensamento crítico como a possibilidade do educando de conseguir realizar sua *conscientização* do que o mundo exterior lhe traz e conseguir avaliar de forma crítica se aquilo lhe faz sentido. Deixando de partir de um saber imposto, os indivíduos então poderão experimentar um explorar e um desenvolver natural, encarando e analisando o mundo perante uma *curiosidade epistemológica*, realizando a construção de quem são de forma crítica e emancipadora, como prevê o ensino de Paulo Freire (2023).

É importante lembrarmos que no ano de 1962 com a Lei de número 4.119 a Psicologia é regulamentada como profissão no Brasil. Na época, problemas sociais ainda eram reduzidos a um espectro psiquiátrico e cabia a psicólogas e psicólogos um papel bastante técnico nas escolas, reduzidos a um ajustamento e fiscalização de educadores e educandos. Coube a nossa profissão, inspirada por Paulo Freire e outros teóricos, criticar a si mesma neste fazer, culminando numa Psicologia Escolar atual mais crítica e com olhar diverso sobre a sociedade e a história política que cerca os diferentes sujeitos envolvidos nessa dinâmica. Uma busca por um fazer crítico e não patologizante, que não reprima e sufoque àquelas e àqueles que já costumam ser atravessados por estes processos diante de uma sociedade pautada em paradigmas e desigualdades. Uma busca pelo caminho oposto, tendo por objetivo, a mudança na percepção de nossas realidades:

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura. (...) A percepção ingênua da realidade, da qual resultava uma postura fatalista – condicionada pela própria realidade –, cede seu lugar a uma percepção capaz de se ver. (FREIRE, 2013, p. 50).

Somado a Psicologia Escolar e Social de Paulo Freire, nos propomos a intersecção com os conceitos de Sigmund Freud e da psicanálise. Herrmann (2015) define que após interpretar vários casos e materiais de pacientes diferentes, a teoria psicanalítica formou-se a partir de um plano de similaridades com esquemas que se repetem com certa regularidade

quanto aos aspectos fundamentais dos sentimentos humanos, ações e pensamentos. Contudo, tais regras não eram apenas lógicas e havia de ter um lugar ou uma explicação, sendo através disso que o autor elucida a hipótese do inconsciente por parte da teoria psicanalítica.

Nos valem também da abordagem histórico-cultural de Vygotsky (2007) que propõe o ser humano como multifacetado no seu desenvolvimento, não tão somente interno ou externo, não tão simplesmente padronizado e simples, mas complexo, histórico e socioculturalmente localizado, articulando inclusive com a proposta de “contexto escolar”, de não ser apenas uma instância que influencia o desenvolvimento desse indivíduo, mas um contexto.

A distância entre o nível de desenvolvimento atual determinado pela resolução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação ou em colaboração com parceiros mais capazes. Vygotsky (1987, p. 211; 1998b, p. 202, apud. CHAIKLIN, S, 2011)

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) aborda a obrigatoriedade do aprendizado via relação de um sujeito mais competente em algo e outro menos. A conceituação de Vygotsky sobre a multifacetação do indivíduo, pode ser compreendida por Chaiklin (2011) diante da interpretação de um trecho de *A Formação Social da Mente* (2007, p.190), que trata sobre a construção material- mental e social-pessoal, que são partes indissociáveis e em constantes troca e interferência um com o outro, uma sendo a parte mais ontológica da dinâmica e a outra mais sociocultural daquele indivíduo em seu momento histórico. O conceito de *situação social de desenvolvimento* por Chaiklin (2011), aborda a relação do real e potencial desenvolvimento psicológico básico e orgânico do indivíduo frente às demandas e contexto sócio-histórico que ele se situa, que por sua vez pode não lhe interessar e/ou não fazer sentido em sua construção de mundo, material-mental e social-pessoal.

Um exemplo deste processo na cultura popular brasileira é a música “Pedagoginga” do rapper, educador popular e pedagogo, Thiago Elnino (2017) que aborda a relação entre alunos e professores na escola, onde traz perspectivas de falta de vínculo por conta do distanciamento do “mundo” da escola e do “mundo” dos estudantes:

Eu não quero mais estudar na sua escola. Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro (...). Ela explicava, explicava, querendo que eu. Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu. (ELNINO, THIAGO. 2017. Música Pedagoginga).

No campo da psicanálise, Freud [1929] (2011) trata sobre uma sensação de “eternidade”, que ele chama de “sentimento oceânico”. Essa sensação foi compreendida pelo teórico como a fonte de pressupostos que igrejas e religiões se pautam para tratar da fé, sendo um sentimento de comunhão com o mundo exterior. Aborda também sobre

o quanto entendemos ou não ser seguro nosso sentimento de nós mesmos, do nosso Eu autônomo, unitário e demarcado do todo. Esse Eu se prolonga para dentro de nós, sem uma fronteira nítida por uma entidade inconsciente, denominada Id. A relação entre Eu e Id não tem limites precisos, e são nesses limites somados aos limites com o mundo externo que as patologias se manifestam, sendo os sentimentos que atravessam o Eu não permanentes e sujeitos a transtornos. Aprender a distinguir o que é interior, que pertence ao nosso Eu, do que é exterior, vindo do mundo externo, é a formação do princípio da realidade. Inicialmente nosso Eu interioriza os conteúdos e depois aprende a separar o que é seu do mundo externo, destacando traços do nosso sentimento oceânico sobre fazer parte de um todo maior nessa dinâmica. Essa noção do princípio da realidade para nós, é o processo primário e fundamental para formação do pensamento crítico nos sujeitos.

No âmbito psíquico é frequente que o primitivo seja conservado junto ao que é transformado a partir dele. Tudo que se fez, não pode acabar, sempre permanece de alguma maneira e pode ser trazido à superfície nas circunstâncias adequadas. Na verdade, o que passou, pode ficar conservado na vida psíquica e não precisa necessariamente ser destruído. Mas a conservação do passado é a regra, não a exceção. Sendo assim, em muitos de nós permanece o sentimento oceânico, primitivo, assim como permanecem os paradigmas e pressupostos sociais daqueles que nos atravessaram durante a formação do nosso princípio de realidade que apesar de intensificado na infância, nunca deixa de permear o que somos.

Freud (2011) também aborda sobre outro conceito de finalidade da nossa vida, lugar que a religião por vezes ocupa um lugar social da busca por. Na verdade, a ideia de funcionalidade de vida geralmente atende a um sistema religioso. Gostaríamos de ir além do papel da religião para compreender como outra instituição, a escola, pode tratar dessa finalidade. Talvez pelo caminho de repetir as perguntas feitas por Freud a partir da ótica da dinâmica escolar: o que desejamos da vida? Para ele, buscamos a felicidade, a permanente felicidade, a total ausência da dor, do desprazer e a vivência de fortes prazeres. Sabemos que Freud considerou que o homem é neurótico porque não conseguiu suportar a privação que o convívio em sociedade lhe impõe. Para o homem, dominar a natureza não é a sua única condição de felicidade, somando também o esforço cultural ou progresso da técnica e economia. A civilização é a soma de tudo que nos afasta de sermos animais, então nos protege contra a nossa própria natureza e rege os vínculos estabelecidos entre nós. Porém, o grande desafio apontado por ele e que também nos cerca nesta pesquisa, é como nós seres humanos encontramos o equilíbrio entre aquilo que nos traz felicidade e as exigências do nosso convívio em grupo. Acrescentamos o pensamento crítico ao que entendemos como felicidade e os porquês das exigências dos grupos que fazemos parte.

Por fim, como referencial teórico, recorreremos a Picho-Rivière [1983] (2023), com sua teoria de grupos operativos, por meio da psicanálise, que entende por uma nova ótica a maneira como os sujeitos significam aspectos da vida, denominando de interjogo dos

papeis de um grupo social no ambiente em que se manifesta. O teórico definiu a existência de imagens internas, formadas a partir de conceitos externos e dedicou-se a desenvolver um pensamento dialético que abordou este processo num campo onde o indivíduo não se faz sozinho, mas também é fruto de um contexto social e da sua família. Somou em sua obra, a investigação psíquica a social, objetivo comum a esta pesquisa, negando as comuns dicotomias: interior-exterior, indivíduo- sociedade, mente-corpo e outras, propondo uma relação dialética de corpo, mente e mundo, deixando o sujeito de ser estritamente compreendido da ótica intrapsíquica, passando a ser reconhecido pelas suas relações interpessoais. Pelas relações e assimilações que estabelece com os objetos externos, cria seu mundo interno pela introjeção e projeção. Moretto e Terzis (2012), explicam:

Sob o prisma dialético, Pichon vê a conduta humana como estrutura e estruturante, introduzindo o conceito de "interação dialética de modificação mútua", no qual existe uma inter-relação intrassistêmica e intersistêmica. Desta forma, entende que um ser humano é uma totalização, na medida em que há uma relação de seu mundo interno e de seu mundo externo, de tal forma que a saúde e a doença estarão relacionadas aos conflitos presentes nesta inter-relação. (MORETTO E TERZIS, 2012, p. 52).

Considerando seu Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO), parte da teoria de Grupo Operativo, Pichon-Rivière (2023) dedicou-se a defender a ideia de que um grupo é pautado numa finalidade, numa tarefa, sendo ela o centro de um grupo operativo: aprender algo, tratar uma dificuldade, etc. O foco não é a teoria, não é o produto final, mas sim a tarefa que permeia os participantes do grupo. Neste contexto, considera que qualquer tarefa executada em grupo é atravessada por processos terapêuticos pois transborda pensamentos e sentimentos elaborados pelo psíquico. Sua proposta para o funcionamento de grupos operativos nos mostra uma oportunidade de pesquisa no contexto de dinâmica escolar e aprendizado. Atualmente, o processo de ensino nas escolas é por vezes fundamento no alcance de bons desempenhos em vestibulares e provas de teste de conhecimento, portas de entrada das grandes universidades do país. Neste processo, além da desigualdade presente na diferença de recursos das instituições públicas e particulares, fica evidente também o não foco na tarefa deste grupo, que poderia ser o processo de aprendizado e não estritamente o conteúdo.

2 | OBJETIVO GERAL

Estudar a respeito das questões psicossociais relacionadas a adolescência, a partir da psicologia sócio-histórica e alguns conceitos psicanalíticos da escola latino- americana.

3 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o processo de desenvolvimento do indivíduo quanto a si mesmo

e o coletivo, diante da importância de uma educação emancipadora e inclusiva.

- Discutir sobre a atuação de psicólogas e psicólogos frente a temática.

4 | JUSTIFICATIVA

Estudar o processo de desenvolvimento individual e grupal ao longo da educação, buscando uma proposta de dinâmica pela liberdade individual e exercício criativo de um existir crítico para os adolescentes, evitando uma partilha passiva de conhecimentos, sem considerar conhecimentos prévios e sociais destes adolescentes, pautado na importância social do ambiente escolar formar jovens apropriados de sua existência e identidade.

Trazar a importância do contexto escolar na luta para que a Psicologia não trate os sujeitos de uma forma culpabilizadora, não tendo os jovens como únicos responsáveis de eventuais problemas escolares e dificuldades de desenvolvimento. Buscando em contrapartida uma compreensão contextualizada de um processo multifatorial e sócio-histórico, utilizando-se de conceitos psicanalíticos e da psicologia sócio-histórica como bases epistemológicas que conceituam este homem inserido num contexto educacional e social.

Aprofundar o entendimento das relações de formação e de vivência desses indivíduos, buscando compreender a multifatorialidade de contextos com que se desenvolvem, e através deste entendimento buscar uma conclusão interventiva ou elucidativa das problemáticas e demandas do ensino brasileiro, concomitante as possibilidades e potencialidades que há nesse processo de contexto escolar.

5 | METODOLOGIA

O método dessa pesquisa foi exploratório com foco na revisão bibliográfica. Por meio da revisão bibliográfica buscamos um ponto de intersecção do tema entre esses autores, respeitando os caminhos de suas obras. Essa busca por essa intersecção se dará pela tônica comum aos processos grupais, formação do pensamento crítico, o poder emancipatório da educação e a formação de caráter em termos psicanalíticos.

A metodologia compreendeu uma pesquisa qualitativa, onde os objetivos foram exploratórios e descritivos, através de levantamento bibliográfico para esclarecimento dos conteúdos abordados. Tomando por base os conteúdos da psicanálise, da psicologia social e da psicologia sócio-histórica, recorreu-se aos autores clássicos que seguem: Freire (1968/2023, 1979/2013 e 1996/2019), Vygotsky (1960/2007), Freud (1929/2011), Davydov (1988), Leontiev (1978/1981 e 1978/2004), Pichon-Rivière (1983/2023), Herrmann (2015) e Patto (2015-2022).

Ainda sobre as referências, no âmbito contemporâneo recorreu-se a autores: , Rego (2002), Souza (2007-2020), Souza (2002), Chaiklin (2011), Moretto e Terzis (2012), Pereira (2019), Fribida, Faccil e Barroco (2021), Silva e Alberti (2022), Elnino (2017) e Arinelli

(2022). Por fim, recorreu-se a legislação e manuais que seguem: lei federal de número 13.935 do ano 2019 e Conselho Federal de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas - Crepop (2019).

Foram utilizadas as bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), através das palavras chaves: adolescentes, identidade, Psicologia, educação emancipadora e dialética. O critério de período para seleção dos artigos foi a publicação a partir de 2011.

Para a análise dos dados bibliográficos levantados foi utilizado o método de pesquisa da análise de conteúdo fundamentado pela psicóloga Laurence Bardin (2008). Para Bardin, o centro do seu método é a análise do conteúdo por um olhar crítico a partir de diferentes fontes de informação e dados com foco na linguagem, ou seja, buscar o significado que está por trás das palavras.

De acordo com Moretto e Terzis (2012) a análise bibliográfica foi feita por meio de análise vertical das obras, onde cada um dos integrantes leu e analisou diversos artigos selecionados de maneira apartada mas com sinergia à temática de estudo. Após este processo, por meio da análise horizontal, buscou-se os pontos de intersecção chegando ao conteúdo final deste estudo.

6 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta de dados, foram tomados como resultados entender algumas convergências e divergências que a pedagogia emancipadora, grupos operativos e a psicologia sócio-histórica podem apresentar, e pensar nas potencialidades de trabalhá-las em conjunto com o propósito de validar um formato democrático e dinâmico para os indivíduos e grupos envolvidos em seus contextos sociais. Além de articular propostas para um melhor entendimento da condição de desenvolvimento multifacetada desses indivíduos e seus grupos, e pensarmos assim caminhos assertivos em seu desenvolvimento individual e social. Compreender as possibilidades e potencialidades que essas teorias convivem, aprofundando esse vínculo, trazendo clareza a um formato que pode ser trabalhado na dinâmica escolar, com respeito e potência, esse desenvolvimento dos envolvidos, e não somente como indivíduos separados da sociedade, mas criticamente posicionados diante do mundo ao qual constroem e que fazem parte. Dentre os resultados, sintetizou-se as temáticas a seguir:

6.1 A adolescência: compreensões psicossociais

É preciso compreender os caminhos que o adolescente estrutura sua personalidade na sociedade, para então propor uma dialética em busca de dinâmicas de uma existência atravessada pelo pensamento crítico. Ao tratarmos de uma adolescência, não falamos

de um lugar de generalização do indivíduo e nem mesmo partimos do pressuposto de que os adolescentes formam suas personalidades e objetivos de vida de maneira única e homogênea. Ao contrário, nossa proposta é abordar caminhos para estabelecer pontes que permitam o reconhecimento singular de cada indivíduo.

Silva e Alberti (2022) abordam a questão da individualização e do *aluno problema* partindo de conceitos da psicanálise freudiana, traduzida no conceito de que indivíduos são múltiplos e que sintomas e dificuldades fazem parte de sua construção subjetiva. Também a partir de Freud (apud Silva, Alberti, 2022, p.6) abordam sobre a dificuldade de apropriação e integração das crianças e adolescentes, uma vez que a “civilização” reduz e limita os impulsos das pulsões sexuais dos indivíduos, não permitindo que possam atingir a completude da satisfação, gerando incômodos e frustrações, podendo ocasionar quadros de neurose, muitas vezes exemplificados em questões no processo educacional desses indivíduos. Compreende-se a partir disso, que a fundamentação teórica da subjetividade pulsional abordada pelas autoras mostra-se como um cenário de estudo e potencial diálogo entre as dinâmicas de comunicação dos saberes das escolas e as contribuições pulsionais da psicanálise, elucidando as subjetividades e sua importância para a construção de um ensino que mobilize o aprendizado e desenvolvimento dos adolescentes.

Nessa perspectiva, Pereira (2019) traz uma contribuição sobre a psicologia sócio-histórica e o adolescente brasileiro. Ressalta a mudança de perspectiva da própria adolescência, onde até o século XVII, crianças de sete anos já participavam de todas as atividades adultas, cenário transformado pelo aumento do acesso à escolarização e outras políticas públicas, além da própria construção social do conceito de adolescência. O processo de adolescência vem durante séculos tomando formas e definições diferentes, uma vez que surgiu a distinção de criança e adolescência entre os séculos XIX e XX. Diante dessa distinção, a autora também aborda que foi preciso atribuir características sobre o que é ser adolescente e ainda hoje há uma perspectiva patológica ou determinista por parte da ciência quanto a este conceito.

De acordo com Leontiev (1978) e a partir da psicologia sócio-histórica, compreende-se o desenvolvimento do sujeito frente a uma combinação de fatores, que são influências filogenéticas (orgânico, da espécie), ontogenéticas (influências específicas da história de vida do sujeito) e culturais (construídos na história humana, cristalizando em objetos materiais como quadros, ou imateriais como cânticos), tendo o sujeito um papel ativo quanto a estes fatores, podendo ser transformado, mas também transformando o mundo.

Sobre os processos de conhecimento e formação de indivíduos nas instituições de ensino, ou simplesmente escolas, Arinelli (2022) aborda que estes ambientes pode ser reprodutores de opressão por parte de seus atores, todos dentro da dinâmica escolar e atuantes nela, pelas condições que não possibilitam aos estudantes explorar suas potencialidades, estando muitas vezes somadas a falta de acesso as essas escolas.

Pela intersecção destes conceitos, compreende-se que historicamente e em

diversas áreas sociais, deu-se, e ainda se dá, o pensamento de que crianças são adultos inacabados, humanos incompletos e recipientes para despejar conhecimentos, uma tábula rasa que pode ser escrita e rasurada. O ambiente escolar ou qualquer outro ambiente que proponha uma dinâmica de aprendizado de algum tipo de conhecimento, geralmente tem como papéis, os que detêm o conhecimento a ser compartilhado e os que pretendem ter acesso a esse conhecimento. Nessa dinâmica é comum que os que detêm o conhecimento assumam uma postura protagonista de fala e apresentação de ideias, enquanto os que terão acesso ao conhecimento, assumam uma postura de ouvintes. Este processo é bem conhecido pela maioria dos sujeitos que já se propôs a aprender ou ensinar algo e foi denominado por Freire (2023), como educação “bancária”, onde há um depositário e um depositante.

As obras de autores como Vygotsky, Leontiev, Davydov e outros, abordam através de uma psicologia sócio-histórica o desenvolvimento da subjetividade e do pensamento como uma complexa trama permeada pelas contextualizações dos indivíduos, podendo ser possibilitadoras ou limitadoras. Nesse sentido, é importante enfatizar que o processo de apropriação e de consequente aprendizado é construído segundo Vygotsky (apud Arinelli, 2022, p.105), por uma lógica que compõem conteúdos antes interpsicológicos que demandam uma apropriação do indivíduo para intrapsíquicos, e nesse processo novamente não como passivo receptor, mas sim ativo e transformador, tomando para si o que a humanidade construiu e realizou, apropriando-se do que já foi feito e elaborado, mas também reelaborando conteúdos. Arinelli (2022) aborda em sua tese o desenvolvimento potencial de capacidade de ação que existe no adolescente, tratando que a adolescência é um momento singular do desenvolvimento humano para o sujeito frente à dinâmica sociocultural de sua época e de sua comunidade pela relação indissociável que este transforma e é transformado.

O ensino básico científico é importante para o desenvolvimento de uma capacidade elevada de abstração por parte do indivíduo que proporciona a sua formação efetiva e a consequente potencialidade de desenvolver um pensamento crítico perante a sociedade, como é descrito por Davydov (apud Firbida; Facci e Barroco, 2021, p.128-129). O pensamento crítico é um tipo específico de conhecimento que se constroi de forma elaborada e é através deste conhecimento sistematizado que se pode entrar em contato com o mundo por uma ótica crítica e atenta ao não óbvio, com maior propriedade de ação. Neste contexto, a formação efetiva, ou a possibilidade de desenvolvimento de conhecimentos sistematizados e de um pensamento crítico são intrinsecamente ligadas com o afeto mobilizado pelo conteúdo em relação aos adolescentes. Vygotski (apud Firbida; Facci e Barroco, 2021, p.22) aborda sobre essa unidade afetivo-cognitiva dos estudantes, trazendo que é indissociável o pensamento do afeto. É possível que existam contextos que não movam o adolescente neste fazer, uma vez que determinado assunto não faça sentido para este e tenha por consequência a não apropriação dos conteúdos propostos, mas sim expressando uma falta

de mobilização para aprender o que se propõe, sendo casos estes por vezes enquadrados como fracasso escolar. Nessa mobilização afetiva, e consequente apropriação, é preciso de uma vinculação entre a real necessidade do indivíduo e a atividade estimuladora que é proposta.

Uma parte vital e intrínseca a esse conhecer é a construção cultural abordada por Fribida, Facci e Barroco (2021) que refletem a respeito da conceituação de cultura através do desenvolvimento dos seres humanos e de suas vivências, em especial o trabalho, onde produzem e cristalizam essas práticas e vivências em produtos materiais e intelectuais (obras de arte, músicas). Para as autoras, dentro da teoria de Leontiev (2004), é preciso se atentar que a mobilização efetiva por parte do indivíduo não acontece em relação à atividade se esta não gera identificação frente ao seu contexto cultural. Portanto, para realizar uma atividade que é oriunda de uma identificação dos conteúdos externos ao indivíduo é necessário que ocorra semelhança/diálogo com os conteúdos internos somados às necessidades individuais e culturais. Um exemplo que ilustra este processo, é a música de Thiago Elnino (2017) Pedagoginga, já citada neste estudo, que ilustra perfeitamente a não mobilização do eu lírico em relação às propostas da escola, uma vez que essa não fala de seu “mundo”, seu contexto cultural.

6.2 O adolescente hoje: articulações possíveis entre a psicologia sócio-histórica e a escola latino-americana de Psicanálise

Paulo Freire propôs em toda sua obra literária e atuação como educador, uma dinâmica diferente a partir de conceitos primários do oprimido e do opressor. Entendemos que o opressor é aquele detentor do poder predominante na sociedade, estabelecendo para o oprimido o papel desumanizado de coisa que não deve agir ou reagir para além da assimilação das ideias predominantes em prol da manutenção do status quo. Assim como em outras áreas da sociedade, o opressor acaba por transbordar sua dominância também nos espaços de educação, fazendo com que suas ideias e objetivos, geralmente ligados a manutenção do poder, prevaleçam na subjetividade dos processos de conhecimento, deixando ao oprimido o estático papel que desempenha, em detrimento de uma educação emancipadora.

É um engano acreditar que o oprimido é um sujeito a ser resgatado, Freire (2023) defende que a pedagogia do oprimido se dá com ele e não para ele, sendo essa uma luta pelo contato com sua humanidade. É comum neste caminho, que o oprimido, numa reação de liberdade, se torne opressor, tendo este como sinônimo de sucesso social. Outro caminho distorcido deste processo é o medo de liberdade e conscientização que pode atravessar o oprimido, que ao descobrir-se parte deste ciclo de miséria e exploração, por vezes se sente angustiado, assustado ou ainda, impotente. Por um lado, os opressores buscam manter a ordem social de desumanização dos oprimidos e do outro os oprimidos

despertos a isso, lutam pela humanização:

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultados de uma “ordem” injusta que gera violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 2023, p.41)

Para Freire (2023), essa é a grande tarefa dos oprimidos através da pedagogia, libertar-se a si mesmos e também aos opressores. Ele defende que o oprimido deve entregar-se a práxis libertadora, pois a realidade social não se transforma sem ação direta, assim como a equação do opressor é ação direta do homem, a equação por uma realidade social justa a todos, também se dá pelo homem. Esse processo se dá em dois momentos, primeiro pela revelação do mundo opressor e sua transformação e depois pela permanência da libertação, quando vencida a realidade opressora.

Compreende-se a importância de refletirmos que boa parte da educação e formação de jovens no Brasil assume um papel de formação da força de trabalho, bastante pautada numa visão materialista do existir humano, sendo o capital a medida da sociedade. É inegável, dada a construção social contemporânea, que o dinheiro é ferramenta, não singular, de bem-estar social para os sujeitos, porém reconhecer que esse fenômeno também pertence a tônica do opressor é fundamental para a pedagogia do oprimido. Não se tem como objetivo desqualificar a importância do trabalho para os jovens estudantes, mas sim qualificá-lo ao papel de instrumento de mudança social e não ao papel de provedor de lucros aos detentores dos meios de produção e do capital.

Freire (2023) aborda em sua obra o pensamento de que ao conviver com os opressores, os oprimidos compreendem sua forma de ser e comportar-se a partir dos primeiros. Cita uma dualidade existencial, pois os oprimidos também são atravessados pela sombra dos opressores, podendo ser um e outro ao mesmo tempo. Esse conceito pode ser compreendido a partir de uma intersecção com a pulsão de vida e pulsão de morte, uma ânsia por destruição, concebida por Freud:

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-Eu, e que, como consciência, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma Severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. (FREUD, 2011, p.69).

Outro ponto abordado por Freire (2023), trata do efeito prático da pedagogia do oprimido, que transpõe os limites do diálogo chegando à ação e reação sem uma estrutura dicotômica. Para isso, uma liderança revolucionária que se pauta numa pedagogia humanizadora é elemento fundamental para a formação de um pensamento crítico do oprimido. Trata que quando o homem é impedido de exercer suas plenas capacidades, isso gera sofrimento. Este sofrimento nos remete às dificuldades recorrentes que adolescentes

enfrentam nas escolas, refletidas em fenômenos como a violência no ambiente escolar, desinteresse pelos conteúdos, evasão e ainda questões de *bullying*. É neste contexto que este estudo propõe mais a frente uma intersecção com os grupos operativos de Pichon-Rivière (2023), teórico que desenvolveu seu trabalho tomando por base conceitos psicanalíticos, campo este considerado por ele também como psicologia social.

Pichon-Rivière (2023), teve como pano de fundo de sua obra o desvelamento da inter-relação dialética entre o sujeito e seu meio. Para ele, em sua prática, tornou-se óbvio a existência do que chamava de *objetos internos* nos sujeitos, fruto de um processo de internalização de conteúdos externos. Sobre essa ótica, sendo uma definição fundamental para a compreensão de sua obra, trata do conceito de vínculo:

A indagação analítica desse mundo interno levou-me a ampliar o conceito de "relação de objeto", formulando a noção de *vínculo*, que defino como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processo de comunicação e aprendizagem. Essas relações intersubjetivas são dirigidas e estabelecem-se com base em necessidades, fundamento motivacional do *vínculo*. (PICHON-RIVIÈRE, 2023, p.35)

Para Pichon é essa estrutura vincular que atravessa a concepção de mundo e impreterivelmente conduz a Psicologia a uma Psicologia social. Neste processo de papel ativo e aprendizado da realidade, o indivíduo saudável, geralmente consegue compreender o objeto, mas também transformá-lo, assim como a si mesmo, numa relação dialética, processo chamado de *interjogo dialético*. Dessa maneira, o que costumamos denominar de saúde mental é essa infinita equação do interjogo dialético, onde o sujeito confronta-se com o mundo, aprende, modifica, integra e o transforma. Neste processo, o teórico entende que cada indivíduo estabelece de maneira singular este processo a partir das estruturas biológicas e das estruturas do seu ego, soma-se a isso uma linha secundária grupal, selando a escolha final. Essa duplicidade de fatores, só se faz compreender a partir de uma Psicologia diversa, com olhar multifacetado para a história e estruturas sociais. Ao internalizar o outro, incluímos conteúdos não de maneira isolada, mas sim com fatores adicionais que alimentam nosso esquema corporal. Diante disso, no fazer de grupos operativos, diferentes papéis são propostos em busca do rompimento de pressupostos e estereótipos. Assim somos invadidos por outro conceito central à obra de Pichon que é o conceito de *tarefa*. A *pré-tarefa*, junto a *tarefa* e o *projeto* podem ocorrer em toda espiral dialética de aprendizado. Na *pré-tarefa*, nos deparamos com as resistências, pautadas em medos e mobilizadas por ansiedades de perda de preconceitos da realidade, ou seja, é uma evitação em adentrar na *tarefa*. Já a *tarefa*, busca trazer à superfície o subjetivo, acessando o objeto após vencido o impedimento da aprendizagem na fase da *pré-tarefa*. Pichon define:

Seria esquemático resumir, sob a noção de tarefa, tudo o que implica modificação em dupla direção (a partir do sujeito e para o sujeito), envolvendo assim a constituição de um vínculo. Trata-se de estabelecer uma noção que

englobe, ao examinar um sujeito, sua relação com os outros e com a situação. (PICHON-RIVIÈRE, 2023, p.36)

Pichon trata do termo *experiência*, partindo do entendimento que as estruturas vinculares se dão a partir de experiências do objetivo, do sujeito e suas relações. Ao realizar essa substituição, não abdica do conceito do domínio da *fantasia inconsciente*, pois a compreende a partir da dialética entre os objetos internos e o mundo exterior. Essa interação somada aos mecanismos de defesa forma um grupo interno gerador de conteúdo da fantasia inconsciente. Dessa maneira, a psicoterapia tem como papel fundamental transformar situações inicialmente frontais em situações dialéticas, entrando no ciclo de espiral de aprendizagem pela *tarifa*. Na verdade, este teórico bastante ligado ao estudo de pacientes psiquiátricos, entendia como um erro considerar a cura quando um sujeito é capaz de adotar boas maneiras sociais, pois assim a alienação é retomada. Podemos compreender que tanto para Pichon (2023), quanto para Freire (2023), o sujeito contestador de sua ordem social é na verdade o estado saudável de uma existência libertadora e ainda, que o conceito de interjogo dialético do primeiro pode ser observado por um olhar de intersecção com a práxis libertadora do segundo. Mostrou-se fundamental a articulação compreendida a partir dos homens que colocam-se no desafio na tomada de consciência, apropriando-se das suas realidades históricas, tomando-se capazes de transformá-las, ou seja, é no interjogo dialético proposto por Pichon que os homens desenvolvem com seu meio que se dá a práxis libertadora proposta por Freire.

6.3 Atuação do profissional de Psicologia por uma educação emancipadora

É importante ressaltar que o direito básico e universal à educação básica está incluso na Constituição Federal de 1988. Apesar de passadas algumas décadas, a perspectiva social sobre este acesso pouco mudou. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2019) é um compromisso ético da Psicologia transmitir e democratizar seus conteúdos sobre a prática educacional. A qualidade dessa educação é intrínseca à efetiva apropriação das crianças e adolescentes a quem são garantidos a educação básica. Nesse sentido, a Psicologia pode por meio de sua base epistemológica-teórico-prática suportar a construção de um processo educacional mais democrático e acessível para todas e todos:

“Na direção de contribuir para a melhoria da qualidade da educação em todos os níveis, **nossas ações devem pautar-se em tornar disponível um saber específico da Psicologia para questões da Educação** que envolvam prioritariamente o fortalecimento de uma gestão educacional democrática que considere todos os agentes que participam da comunidade escolar, e de formas efetivas de acompanhamento do processo de escolarização” (Conselho Federal de Psicologia, 2019, p. 44, *grifo nosso*)

Compreende-se como fundamental localizar a Psicologia Escolar em territórios que sua potência seja efetiva. Sua potência coloca-se pelo questionamento crítico e não

respostas padronizadas e prontas. Muitas vezes, essa postura é constituída num panorama de um sistema educacional sufocado e cerceado por regras, normas e interesses diversos, inclusive do poder público, que podem derivar num ambiente autoritário e com dinâmicas verticais, para educadores e alunos. Dessa maneira, esse público acaba por sentir e compreender não haver espaço e apoio para questionar e refletir sobre este contexto. Sendo assim, é fundamental que a Psicologia afaste-se do papel de resolução de problemas e de uma visão de individualização de processos complexos e multifacetados que atravessam a escola.

Numa sociedade em que a educação não se faz emancipadora, a injustiça social e constantes desafios são obstáculos permanentes à atuação do profissional de psicologia escolar. De acordo com Patto [2015] (2022), para compreender este contexto é fundamental atentar-se à história, marcada por uma produção social que inferioriza a muitos. Para a autora, revisitar a história do povo brasileiro é deparar-se com a formação de estereótipos populares, como a figura do caipira, do negro e do pobre, além da aceitação majoritária de uma ordem social que torna comum uma desigualdade econômica onde alguns moram em mansões e aos outros resta a opção compulsória de morar em barracos. Neste contexto, defende a fundamentalidade de um olhar direcionado para aqueles compreendidos como humildes: escola, pais e alunos, transformados em humilhados e desprovidos de amparo social. A escola que deveria ser do povo, na verdade é uma estrutura murada que por vezes conta com um corpo docente e funcionários que veem nos jovens e crianças periféricas estereótipos e preconceitos. Professor não vê aluno, aluno não vê professor. Essa desconexão de realidade acaba por gerar um desinteresse de ambas as partes. Apesar do cenário, é possível considerar que há espaço para transformação por meio de um sujeito socialmente ativo, jamais dominado. Através de sua prática por meio da escuta, apoio e observação, Patto (2022) retrata o angustiante ciclo do chamado fracasso escolar, muitas vezes permeado por sentimentos de ilegitimidade das famílias e alunos, além de um projeto de escola que desconsidera a subjetividade do diferentes sujeitos que compõem este espaço e suas relações sociais.

O rendimento escolar das camadas mais populares acabou por encobrir outros fatores envolvidos neste cenário, como instalações inadequadas, excesso de alunos por turma, salários das professoras e professores, evasão escolar e outros, além da tardia garantia, ainda falha, de apoio psicológico a este público por meio da Lei de número 13.935 do ano 2019, que determina que escolas da rede básica de ensino público devem contar com profissionais de Psicologia e assistentes sociais. Se a sociedade tem oportunidade de sucesso, como defende as classes dominantes, o fracasso de alguns só poderia se dar pela incapacidade destes. As ciências sociais, como a Sociologia e Antropologia, assim como a Psicologia na área da saúde, muito contribuíram para reverberar este ponto de vista, patologizando e estigmatizando os indivíduos dados como fracassados, potencializando assim um este discurso meritocrata, cruel e ainda atual a sociedade. Apesar da garantia

legal da presença de profissionais de Psicologia na escola, a prática deve ser revisitada constantemente para não ocupar novamente (ou mover-se para não ocupar) o lugar de patologização dos alunos e alunas, por meio de uma atuação crítica e que não se subtraia da relevância de compreender os sujeitos através de um olhar sócio-histórico e não reducionista. Compreende-se que mover-se na discussão do projeto político pedagógico das escolas, além de outras práticas, mostra-se como potente território de discussão democrática entre os sujeitos sobre maneiras e possibilidades de um projeto de escola que seja permeado pelo pensamento crítico dos envolvidos, além de uma estrutura horizontal de representatividade dos anseios e identidades de todos.

Para Souza [2007] (2020), na atuação no contexto escolar é fundamental o investimento em aperfeiçoamento e formação de psicólogas e psicólogos, com o objetivo de visitar um caminho historicamente patologizante da Psicologia. A atuação da Psicologia por vezes não dá conta do sofrimento individual dos sujeitos envolvidos, e por isso, deve aproximar-se e reestabelecer-se para compreender as relações ali vividas. O caminho da dialética revela uma relação diferenciada para este trabalho, pois coloca Homem e Sociedade como interdependentes, capazes de fortalecer-se e complementar-se. Para a autora, ao se investigar a queixa escolar apresentada, é essencial investigar também a dinâmica escolar e seus funcionamentos, além da dinâmica familiar dos sujeitos.

Abordar questões sociais, como raça, religião e classe social, se mostra potente e relevante no processo de compreensão da queixa. É a partir deste fazer que Freller e Souza (2020) representando a equipe do Serviço de Psicologia Escolar da USP, articulam uma abordagem chamada Orientação à Queixa Escolar. A abordagem coloca como sujeito da investigação a rede escolar e as relações que seus integrantes constroem. O objetivo é movimentar-se nessa rede em busca do caminho que traga desenvolvimento a todas e todos, contextualizando a queixa escolar de maneira coletiva e por fim autônoma. A intervenção se dá no concreto, em todos os envolvidos e não apenas no sujeito central da queixa escolar.

A Orientação à Queixa Escolar ancora-se nos princípios técnicos de colher e problematizar as versões de cada um dos envolvidos; promover a circulação de informações e reflexões; identificar, mobilizar e fortalecer as potências. As etapas que se articulam neste fazer são a *triagem de orientação* onde a queixa é ouvida a partir dos relatos dos envolvidos formatando assim um processo de investigação e compreensão dos fenômenos que permeiam a queixa. A etapa seguinte foca nos encontro com a criança ou adolescente, para conhecer a queixa a partir da ótica dos estudantes, valorizando sua condição de sujeito de sua história, refletindo junto a criança sobre o que ela não tem poder para determinar ou mudar, acolhendo suas necessidades, cultivando a esperança, acolhendo seus sofrimentos e dificuldades e apoiando a manifestação de suas capacidades e potencialidades. Cerca de dez encontros podem ocorrer com a criança, semanalmente, seja de maneira individual ou grupal. Materiais diversos podem ser utilizados, como: jogos, brinquedos, livros, canetas,

papel, lápis, borracha etc.

Outra etapa relevante é a interlocução com a escola que geralmente se dá no meio e no final do processo. Solicita-se um relatório à escola, mas que por vezes não é apresentado, o que não impede o trabalho proposto. Agenda-se um encontro com o professor da criança e alguém da direção escolar. A presença da segunda figura ajuda a viabilizar possíveis estratégias de intervenção propostas para a escola. Neste fazer é importante buscar uma relação horizontal com os educadores, ter atenção a pressupostos e preconceitos já existentes em alguns terapeutas quanto a educadores, ouvir a versão dos educadores quanto à queixa, valorizar os esforços da escola e sugerir estratégias que também contribuam para os educadores. Por fim, são realizadas as entrevistas de fechamento com a criança ou adolescente em conjunto aos pais, ou separadamente. Busca-se construir uma releitura de tudo que foi feito, inclusive da queixa, porém a partir das novas informações e perspectivas abordadas no trabalho feito em conjunto. O processo e seus efeitos são avaliados. Um novo contato é agendado para cerca de um mês e meio depois, para acompanhamento das adaptações sugeridas.

Diferentes possibilidades de atuação são apontadas pelo CFP (2019) para psicólogas e psicólogos no contexto da educação básica. Uma delas mostra-se na crítica e construção do projeto político-pedagógico, buscando planejar, desenvolver e avaliar novas formas de intervenção junto aos educadores e alunos, por meio de um novo olhar, desprovido de estereótipos e preconceitos, para constituir os fluxos e dinâmicas de ensino e aprendizado, ressignificando o papel do conhecimento científico somado a subjetividade existencial dos sujeitos, focando não apenas nas dificuldades dos sujeitos, mas também em suas potencialidades. Outra frente de atuação, mostra-se na formação de educadores, atentando-se a visão e prática pedagógica do corpo docente, assim como questões interpessoais que permeiam este público. A Psicologia pode contribuir como agente contestador de verdades naturalizadas no processo de ensino e aprendizagem, por meio de diferentes ações de intervenção junto aos professores, protagonistas nesta questão.

O CFP (2019) também levanta que a luta dos profissionais de Psicologia deve sustentar um campo de indagações que crie um espaço de reflexão sobre a dicotomia ensinar x aprender, realizando coletivamente questionamentos à educação bancária, unilateral e despreocupada com a construção sócio-histórico-política dos envolvidos.

Ressalta-se que é indissociável a cognição do afeto e para se ter movimentação afetiva dos sujeitos é imprescindível que esses conteúdos respeitem e dialoguem com sua construção de mundo. A educação nesse sentido precisa ser um convite à curiosidade permanente sobre o mundo e os conhecimentos produzidos pela humanidade. A apropriação desses conhecimentos pelos alunos é fator vital para a efetiva construção de ferramentas e formas para a compreensão e transformação da realidade deles.

Levanta-se, porém, que tal compreensão e transformação não ocorrem de forma descontextualizada, mas sim tecida em meio a uma complexa teia de construção

sócio-histórica. Rego (2002) aborda sobre a indissociabilidade das histórias singulares, das relações sociais e mobilizações familiares e culturais em relação ao processo de escolarização dos alunos. Nesse sentido, Souza (2002) aborda a importância de encarar de forma realista o processo de escolarização, uma vez que o cenário brasileiro é marcado pela desigualdade social que não deve ser considerada como acessória a subjetividade humana, mas sim como elemento constituinte. Soma-se a este contexto a importância da presença da Psicologia enquanto ciência, capaz de articular a esfera subjetiva de indivíduos, grupos e comunidades presentes na constituição do contexto escolar.

É importante frisar a potência da Psicologia como possibilidade de um olhar atento à constituição dos processos de escolarização, uma vez que pode-se buscar constituir ações que enfrentam situações e obstáculos às possibilidades de aprendizado. Com a ampliação da percepção sobre como as dificuldades de escolarização se formam, é possível através de ações de intervenção, desenvolver novas formas de encarar as situações enfrentadas no dia a dia do contexto escolar, numa força conjunta entre psicólogas e corpo docente.

Salienta-se a importância da construção do conhecimento de forma crítica para todos os sujeitos que compõem o processo educacional, incluindo os alunos. Arinelli (2022) trata sobre construção de futuro, unilateralmente definido e reduzido sobre o que esses jovens precisam ou não ser, ou ainda construir em sua vida. Para Stetsenko (2017) apud Arinelli (2022), a compreensão do presente e do passado cria condições para que se possa imaginar e almejar o futuro, frente a uma realidade pautada e constituída de forma interpessoal e histórico-culturalmente. Dessa forma, é fundamental para o desenvolvimento desses jovens, o direito do desenvolvimento do pensamento crítico e consequente conscientização sobre sua realidade.

O CFP (2019) também levanta através dessa ótica a importância de viabilizar o desenvolvimento do pensamento crítico para os alunos, uma vez que é intrínseco para a constituição da possibilidade de enxergar e encarar sua realidade e mundo de formas diferentes, tomando consciência do lugar e forma, transformadora ou não, que ocupa. Reflete-se assim que a efetiva participação da Psicologia nos diálogos e fazeres de novas maneiras de articular a escola no Brasil, encontra-se num momento fundamental para romper com o ciclo de formação de jovens e crianças furtadas da possibilidade de uma existência crítica, estando atualmente fadadas a um sistema provedor de mão de obra massificada a uma sociedade capitalista.

7 | CONCLUSÃO

Tomando por base o objetivo central deste trabalho acadêmico sobre estudar a respeito das questões psicossociais relacionadas a adolescência, a partir da psicologia sócio-histórica e alguns conceitos psicanalíticos da escola latino-americana, dentre os resultados, verificou-se alguns pontos de intersecção entre as teorias citadas, principalmente

na compreensão dos adolescentes e o desenvolvimento de uma visão emancipadora somado às suas subjetividades frente aos pressupostos e paradigmas sociais presentes na contemporaneidade dentro do contexto escolar.

Verificou-se a relevância de propostas de intervenção no contexto escolar por uma dialética em busca de dinâmicas que potencializam que as subjetividades dos sujeitos sejam atravessadas pelo pensamento crítico. Observou-se a comunicação dos saberes das escolas, somado às contribuições pulsionais da psicanálise e a relevância do afeto no desenvolvimento sócio-histórico como possibilidades de elucidação dessas subjetividades e sua importância para a construção de uma escola que mobilize o aprendizado dos adolescentes. Neste contexto, a formação efetiva, ou a possibilidade de desenvolvimento de conhecimentos sistematizados e de um pensamento crítico são intrinsecamente ligadas com o afeto mobilizado pelo conteúdo em relação aos adolescentes. Compreendeu-se também a dualidade existencial presente na *pedagogia do oprimido*, pois os oprimidos também são atravessados pela sombra dos opressores, podendo ser um e outro ao mesmo tempo, ampliando-se este conceito a partir da intersecção com a *pulsão de vida e pulsão de morte* freudianas.

Apontou-se como caminho de compreensão, que o sujeito contestador de sua ordem social é na verdade o estado saudável de uma existência libertadora e ainda, que o conceito de *interjogo dialético* pode ser observado por um olhar de intersecção com a *práxis libertadora*. Mostrou-se fundamental a articulação compreendida a partir dos homens que colocam-se no desafio na tomada de consciência, apropriando-se das suas realidades históricas, tomando-se capazes de transformá-las, ou seja, é no *interjogo dialético* que os homens desenvolvem com seu meio a *práxis libertadora*.

Discutiu-se, ainda, o papel do profissional de Psicologia diante dos desafios e problemáticas do ser adolescente hoje, em busca de uma prática ética, livre de pressupostos e orientada ao apoio da apropriação crítica e identitária dos sujeitos. Foi possível compreender a partir deste estudo a relevância do processo de desenvolvimento individual e grupal ao longo da educação, como proposta para novas dinâmicas pela liberdade individual e exercício criativo de um existir crítico para os adolescentes. Verificou-se também a importância da contribuição da Psicologia no contexto escolar relacionado a luta para que os adolescentes não sejam tratados de forma culpabilizadora, para que não sejam considerados os únicos responsáveis de eventuais problemas escolares e dificuldades de desenvolvimento, buscando por fim uma compreensão contextualizada de um processo multifatorial e sócio-histórico. Comprova-se a partir dessa pesquisa, a relevância do processo de apropriação e de consequente aprendizado por sujeitos ativos que apropriam e reelaboram conteúdos.

É importante pontuar que apesar da vasta teoria disponível sobre a psicologia escolar e o trabalho árduo, crítico e muitas vezes militante de alguns teóricos, o campo ainda mostra-se fértil como território de novas pesquisas que articulem o pensamento

crítico dentro do contexto escolar. Compreende-se os grandes desafios enfrentados por pesquisadores, psicólogas e psicólogos no contexto brasileiro do fazer teórico, como falta de apoio do poder público ou até mesmo falta de reconhecimento da sociedade sobre a relevância da pesquisa científica. Neste panorama, é importante destacar que a ciência deve ocupar um lugar de caminho, potência e suporte ao pensamento crítico inclusive da nossa própria profissão e sociedade.

Apesar do esforço e dedicação a este estudo, destacamos que as compreensões aqui alcançadas não esgotam em nenhuma instância outras possibilidades de produção de conhecimento neste campo. Embora tenhamos mantido o rigor científico neste estudo, ressaltamos que ainda há potencial de novas descobertas e contribuições. Promovemos a relevância de uma postura curiosa e da constante atitude de principiante como eternos estudantes dos sujeitos e de suas subjetividades.

Por fim, compreendemos a potência de uma *liderança educadora revolucionária* que se pauta numa pedagogia humanizadora e constitui-se como elemento fundamental para a formação de um pensamento crítico do oprimido. Sujeitos são diversidades, são subjetividades, são fazeres, são críticas. Essa multiplicidade de fatores, só se faz compreender a partir de uma Psicologia diversa, com olhar multifacetado para a história e estruturas sociais. Dessa maneira, os diálogos e fazeres da Psicologia, devem afastar-se do reducionismo patologizante e aproximar-se de diálogos emancipadores dos adolescentes junto a *liderança educadora*, resultando num processo com aspectos democráticos, que reflita sobre as realidades e estruturas sociais vividas por esses jovens.

REFERÊNCIAS

ARINELLI, G. S. **“A nossa voz importa”: promovendo a capacidade de ação de adolescentes do ensino médio público.** 2022. 192 folhas. Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SC, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16506>>. Acesso em: 25 de setembro de 2023.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo.** Edição revista e atualizada. 1ª edição. São Paulo/SP: Edições 70, 1977-2008.

CHAIKLIN, S. **A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino.** Revista Psicologia em Estudo, Maringá/PR, volume 16, número 4, página 659–675, outubro de 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/pj/pe/a/fjCGfKbkrHPCr8KyZD4xjB3C/?format=pdf&lang=pt->>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica / Conselho Federal de Psicologia.** 2a. edição. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop).- Brasília/DF: CFP, 2019.

DAVYDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico.** 1a. edição. Moscou/Rússia: Editorial Progreso, 1988.

ELNINO, Thiago. Pedagogia. In: **Pedagogia**. [S.l.]: Laboratório Fantasma, 2017. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/thiago-elnio/pedagogia-part-sant-e-kmkz/>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 1a. edição. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1979-2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2a. edição. Rio de Janeiro/RJ: : Paz e Terra, 1996-2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17a. edição. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1968-2023.

FREUD, S. **O mal-Estar na civilização**. 1a.edição São Paulo/SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 1929-2011.

FIRBIDA, F. G. B.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. (Orgs.). **O desenvolvimento das funções psicológicas superiores na psicologia histórico- cultural: contribuições à psicologia e à educação**. 1a. edição. Uberlândia/MG: Navegando Publicações, 2021.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não**. 14a. edição. - São Paulo/SP: Blucher, 2015.

LEONTIEV, A.N. **Actividad, Conciencia y Personalidad**. Ediciones Ciencias del Hombre. Buenos Aires: Argentina, 1978-1981. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4905267/mod_resource/content/5/Actividad_Conciencia_Personalidad.pdf>. Acesso em: 20 janeiro de 2024.

LEONTIEV, A.N. **O Homem e a Cultura**. In: **LEONTIEV, A. N. N. O desenvolvimento do psiquismo**. 2a. edição. - Lisboa/Portugal: Horizonte, 1978- 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7877469/mod_resource/content/1/O%20HO MEM%20E%20A%20CULTURA%20-%20LEONTIEV.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

MORETTO, C.C. e TERZIS, A. **Contribuições teóricas e grupo operativo com pré-adolescentes**. Revista Adolescente Saúde volume 9, número 4, página 49- 57: Rio de Janeiro/SP, outubro-dezembro de 2012. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/129777530/Contribuicoes-teoricas-e-grupo-operativo-com-pre-adolescentes>>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

MORETTO, Cybele Carolina; TERZIS, Antonios. **Experiências de uma equipe interdisciplinar de saúde mental**. Revista SPAGESP, Ribeirão Preto/SP, volume 13, número 2, página 68-76, fevereiro de 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702012000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2015-2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587596334> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/932. Acesso em: 01 de março de 2024.

PEREIRA, A. P. **Adolescência e juventude: contribuições e desafios de escritos soviéticos para a análise da realidade brasileira**. Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica, volume 3, número 3, página 1–25, outubro de 2019. Disponível: <<https://doi.org/10.14393/OBv3n3.a2019-51706>>. Acesso em: 01 de março de 2024.

REGO, T. C. **Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos.** Revista Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo/SP: Moderna, 2002. página 47-77.

RIVIÈRE-PICHON E. **O processo grupal.** 4a. edição São Paulo/SP: Martins Fontes, 1983-2023.

SILVA, J. DE P. E. ; ALBERTI, S. **Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise.** Revista Psicologia: Ciência e Profissão, volume 42, e240187, página 1-16. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/fj/pccp/a/7LVzHVfyYd5J4pctZW8rTRJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 01 de março de 2024.

SOUZA, B.P. (Org.) **Orientação à Queixa Escolar.** São Paulo/SP: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1a. edição 2007. página. 11-12. E-book. Disponível em: <<https://orientacaoqueixaescolar.ip.usp.br/livro/livro-oqe/>>. Acesso em: 10 abril de 2024.

SOUZA, M. P. R. **Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico- crítica em Psicologia.** In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; SOUZA, D. T. R. (Orgs.). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo/SP: Moderna, 2002. página. 177-195.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** 4a. edição. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1960-2007. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf>. Acesso em: 25 setembro de 2023.

GERAÇÃO ANSIOSA: IMPACTOS DO USO DEPENDENTE DE SMARTPHONES NA ANSIEDADE DE JOVENS/ADULTOS DE MARABÁ-PA

Data de submissão: 15/10/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Daniele Dias dos Santos

Roberson Geovani Casarin

RESUMO: Esta pesquisa foi do tipo quantitativa e exploratória e teve como objetivo analisar a relação entre a dependência de *smartphones* e a ansiedade de jovens/adultos da região de Marabá-PA. Participaram da pesquisa 73 pessoas, todos com idade entre 18 e 26 anos, que possuíssem *smartphones* e residissem em Marabá/PA. Foram utilizados dois questionários para a pesquisa, o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI) e o Inventário de Dependência de *Smartphone* (SPAI- BR). Os questionários foram divulgados por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*, convidando participantes voluntários. A análise dos dois questionários foi realizada por meio do teste Exato de Fisher. Foi utilizada para análise uma amostra de 73 participantes, sendo 72 dos respondentes de ambos os gêneros (feminino e masculino) e um respondente que afirmou não se identificar com nenhum dos gêneros. Foi analisado que existe uma prevalência de dependência em *smartphone* em 86,3%

dos participantes totais e que, dos 22 respondentes que apresentaram ansiedade severa, 95,5% possuem pré-disposição à dependência. Assim, foi concluído que existe relação entre ansiedade e dependência em *smartphones* entre o público jovem/adulto de Marabá-PA.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade; dependência; *smartphones*; jovens/adultos; Marabá-PA.

ABSTRACT: This was quantitative and exploratory research and aimed to analyze the relation between smartphone addiction and anxiety among young/adults' people in the region of Marabá-PA. 73 people participated in the research, all aged between 18 and 26 years, who owned smartphones and lived in Marabá/PA. Two questionnaires were used for the research, the Beck Anxiety Inventory (BAI) and the Smartphone Addiction Inventory (SPAI-BR). The questionnaires were disseminated through the social networks WhatsApp and Instagram, inviting volunteer participants. The analysis of the two questionnaires was performed using Fisher's Exact test. A sample of 73 participants was used for analysis, with 72 of the respondents of both genders (female and male) and one

respondent who stated that he did not identify with either gender. It was analyzed that there is a prevalence of smartphone addiction in 86.3% of the total participants and that of the 22 respondents who presented severe anxiety, 95.5% have a predisposition to dependence. Thus, it was concluded that there is a relationship between anxiety and addiction to smartphones among the young/adult public of Marabá-PA.

KEYWORDS: Anxiety; addiction; smartphones; youth/adults; Marabá-PA.

1 | INTRODUÇÃO

Com a evolução das novas tecnologias, cada vez mais se tornou essencial o seu uso no cotidiano na vida de um indivíduo. Mattoso (2010) destaca que, com os processos de automação da tecnologia, isso consequentemente levou as pessoas a um papel de comodismo, afinal, a rapidez e flexibilidade na aquisição de informações promovem uma diminuição no esforço das pessoas de buscar fontes alternativas de lazer, trabalho e estudo.

Diante disso, é importante discutir sobre a falta de independência que muitas vezes isso promove e os impactos físicos, cognitivos e sociais que desencadeiam. Diniz e Moreira (2015) afirmam que a internet possibilita uma sociabilidade de uma forma nunca vista antes, a qual oferece espaços que promovem a formação de relações, elevam as interações entre as pessoas, sejam elas conhecidas ou desconhecidas, e estimulam interações entre grandes públicos. No entanto, isso além de possibilitar um afastamento de interações realizadas fora do ambiente virtual, também promove um uso contínuo dessa tecnologia, uso esse muitas vezes motivado pela necessidade de se permanecer “online”.

No mundo recente, a popularização do uso das novas tecnologias como *smartphones* e computadores é muitas vezes justificada pela necessidade de seu uso entre o público em geral, principalmente após o período da pandemia pela Covid-19 em 2020. A delimitação da quarentena potencializou a utilização desses aparelhos tecnológicos como uma forma de remediar o déficit que o isolamento social provocou na relação social e entre os setores educacionais, de trabalho, etc. Assim, a era atual é caracterizada pela inevitável rápida adaptação do público a novas metodologias de trabalho, lazer e estudo, as quais consequentemente tornam o público consumidor cada dia mais dependente de inovação (Ipea, 2020).

Paiva e Costa (2015) determinam que a utilização indiscriminada de tecnologias provoca um desequilíbrio cognitivo, potencializando, assim, os transtornos de atenção, ansiedade, depressão e entre outros. Diante disso, é importante se atentar aos fatores que promovem uma dependência desses aparelhos, pois são altas as probabilidades de obtenção de algum transtorno no futuro. Um dos principais transtornos presentes em casos de pessoas com dependência em aparelhos tecnológicos, como *smartphones*, são os de ansiedade, que apesar de ser uma resposta normal do nosso corpo ao perigo ou ao desconhecido iminente, também é algo que, se tiver em exagero, pode evoluir para uma patologia, interferindo, assim, na sua qualidade de vida (Castillo, 2020).

Desse modo, o presente estudo tem como foco estudar a relação entre o uso dependente de *smartphones* e a ansiedade entre o público jovem/adulto, já que é uma geração relativamente próxima a essa difusão das novas tecnologias e que possivelmente possuem maior tendência da sua utilização inconsciente.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Tecnologia, contemporaneidade e *smartphones*

É bastante perceptível que no mundo atual o surgimento das novas tecnologias facilita consideravelmente a vida do ser humano, seja no ambiente de trabalho, ambiente acadêmico ou em atividades de lazer. Historicamente, a palavra tecnologia possui sua origem na junção das palavras gregas *techné*, a qual significa saber fazer, e *logos*, se referindo ao uso da razão. Desse modo, a tecnologia possui o significado original da razão do saber fazer (Rodrigues, 2001). Ou seja, o uso da tecnologia foi e é até hoje influenciado pela necessidade do homem em obter maior praticidade nos seus afazeres.

Um dos principais benefícios que a tecnologia proporciona para a vida humana é a facilidade na comunicação. Foi principalmente durante o período da chamada revolução digital, no começo da década de 1960, que surgiu a microinformática e, assim, os primeiros computadores do mundo (Coutinho, 2014). Consequentemente, apenas em 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, é que foi normalizado ter uma tecnologia focalizada mais na área de comunicação, seja por rádios, televisões, cinemas, etc. (Lemos, 2013).

Com a chegada de softwares e computadores, esse novo mundo tecnológico comunicativo teve sua popularização no Brasil, principalmente nos anos de 1990 (Ribeiro, 2016). É importante salientar que nem todos possuíam as condições exigidas na época para a obtenção de tais instrumentos, mas com o passar dos anos e consequentemente com o passar da evolução tecnológica, o surgimento de aparelhos tecnológicos acessíveis para todos os consumidores foi se tornando mais presente, desencadeando uma massificação de consumo do aparelho tecnológico mais comum e popular entre o público populacional atualmente, o *smartphone*.

O primeiro celular que de fato pode ser considerado um *smartphone*, foi desenvolvido no ano de 1992, mas foi somente no ano de 2000, que o termo *smartphone* foi propriamente dito com a criação de um aparelho. Diante disso, de acordo com Finotti *et al.* (2018, p. 128), um *smartphone* seria “[...] um telefone celular móvel de alta tecnologia. É um aparelho que oferece uma alta capacidade de processamento de dados e serviços através de aplicativos disponíveis para um sistema operacional”.

Ou seja, em uma tradução literal, esse aparelho seria um “telefone inteligente”, o qual oferece recursos avançados, considerados similares ao de um notebook, mas com a praticidade de ser de fácil mobilidade. Borges (2022) afirma que é inegável a praticidade

e rapidez dos *smartphones* em promover uma facilitação na execução de tarefas simples do cotidiano, como no trabalho, nas escolas/faculdades, etc., e que, por questão disso, em muitas ocasiões o aparelho acaba se tornando indispensável na vida de um indivíduo.

É justamente por causa dessa facilidade móvel que os telefones celulares são os aparelhos tecnológicos mais comumente utilizados no mundo, principalmente na contemporaneidade. Tapscott (1999) afirma que a juventude vive e respira inovação e é precisamente devido a isso que eles são tão engajados em manter uma constante conexão com a internet, pois é um lugar facilitador que corrobora com a necessidade desse público de poder não só se comunicar com os demais de forma medida, como é também um dos principais meios em que eles possuem uma maior liberdade de se autoafirmar e se expressar (Igarza, 2009 *apud* Miranda, 2015, p. 47).

No entanto, é possível que o público geral ainda não saiba diferenciar quando o uso desse aparelho passa de uso por necessidade para uso vicioso. De acordo com um levantamento feito pela AppAnnie - uma plataforma de análise de dados, a qual fornece informações sobre o desempenho de aplicativos por todo o mundo -, em 2021, a população brasileira foi considerada o segundo público que passava mais tempo por dia no celular, perdendo apenas para a população da Indonésia. Tais dados apontam para o caminho a respeito da possível falta de conscientização que os usuários possuem da prejudicialidade que o uso exacerbado de aparelhos celulares pode causar na qualidade da sua vida.

2.2 Dependência de sempre estar conectado

As mudanças tecnológicas têm desencadeado vários estudos sobre as variadas definições de vício, sendo não apenas referenciada em questões de drogas, ou abuso de substâncias, mas também incluindo em questões como jogos de internet ou uso excessivo de *smartphone* (Boumosleh; Jaalouk, 2017). Fidalgo (2018) afirmou que a geração atual, por crescer rodeada de tecnologia, é conseqüentemente o público mais sujeito a uma pressão inerente para se estar não só sempre disponível, como também envolvidos nas redes sociais e sentirem pertencentes a algo, o que pode culminar em um uso compulsivo e problemático destas redes no futuro. Muitos jovens possuem a tendência de se sentirem mais “livres” no ambiente virtual, pois ainda existe a segurança de uma tela ou, muitas vezes, do anonimato. Bauman (2010) afirmou que essa facilidade de expressão na internet está relacionada ao fato de as relações virtuais contarem com as teclas de “excluir” e “remover spams” para proteger seus usuários de conseqüências inconvenientes que uma interação mais profunda exige fora do ambiente virtual.

O termo “dependência em internet” é comumente caracterizado pelo consumo multidimensional associado a passar tempo *online* sem qualquer atividade específica (Patrão; Sampaio, 2016). Desse modo, a dependência por meios comunicativos, especialmente aparelhos celulares, tem crescido paralelamente às tecnologias de comunicação, sendo

as redes sociais interativas do mundo atual, como: *Instagram, Twitter, WhatsApp, etc.*, os meios que possuem uma maior tendência de desencadear hábitos dependentes ao público geral (Rincker; Bessi, 2015). Transtornos devido a Comportamentos Aditivos, segundo o CID 11, podem ser definidos como síndromes as quais são reconhecidas e clinicamente significativas, associadas à angústia ou à interferência em funções pessoais, resultando em comportamentos repetitivos de recompensa (Nascimento *et al.*, 2020).

Quando um indivíduo possui um uso constante de aparelho celular, a falta de uso pode promover uma abstinência, já que uma dependência se apresenta primariamente como uma falha recorrente para resistir não só aos seus impulsos (Zhang *et al.*, 2017), como também resistir a seu consumo recompensatório. Desse modo, torna-se necessário que haja um maior monitoramento do seu uso abusivo, para que assim não haja consequências futuras (Guedes *et al.*, 2016).

2.3 Ansiedade X Dependência em *smartphones* X Jovens

Segundo a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- 5), da Associação Americana de Psiquiatria, o transtorno de ansiedade generalizada pode ser caracterizado quando o indivíduo apresenta: 1- ansiedade e preocupação excessivas, ocorrendo na maioria dos dias, nos últimos 6 meses, com diversos eventos ou atividades (tais como desempenho escolar ou profissional); 2- quando o indivíduo considera difícil controlar a preocupação; 3- a ansiedade e a preocupação estão associadas com três (ou mais) dos seguintes seis sintomas: inquietação, fadigabilidade, irritabilidade, etc. Ou seja, resumidamente, a ansiedade é a antecipação de ameaça futura.

Segundo as estimativas divulgadas em 2017 pela Organização Mundial da Saúde, os distúrbios relacionados a ansiedade afetam, pelo menos, 9,3% da população brasileira. São variados os fatores que podem desencadear sintomas ansiosos em um indivíduo e entre a população jovem, a incerteza do futuro pode ser um deles. Por serem um público que busca continuamente estar antenado em todas as esferas de suas vidas, o desejo constante de estar conectado é possivelmente o que favorece sua adesão cada vez maior às redes sociais e que acarreta também em muitos malefícios.

“Com o avanço da tecnologia os jovens estão adquirindo excesso de informação, o que aliado ao excesso de atividades, de pressão, apreensão em relação ao futuro, à necessidade ansiosa ou neurótica de ser perfeito, à transição para a vida acadêmica que esses jovens enfrentam e a cobrança excessivamente, gera assim uma série de sintomas e incômodos para os jovens estudantes, podendo dificultar a realização das suas atividades diárias” (Costa *et al.*, 2017, p. 2-3)

Dessa forma, o uso desenfreado de telefones celulares tem causado muitos impactos em diversas áreas da vida de um sujeito, em especial nos processos cognitivos, como a atenção e memória, e nos emocionais, como a ansiedade (Borges, 2022). Ao se avaliar

os riscos do uso excessivo das tecnologias digitais, com ênfase nas redes sociais virtuais, é possível destacar que os quadros de ansiedade fazem parte de um deles (Radovic *et al.*, 2017). Em uma pesquisa realizada por Paula *et al.* em 2023, foi possível analisar que estudantes que apresentam uma maior propensão a dependência em *smartphone*, também podem apresentar uma propensão a ansiedade.

Vieira (2015) evidencia que, o uso descomedido de tecnologias digitais é um aspecto preocupante no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos adolescentes e também pode gerar consequências como isolamento social (fora do ambiente virtual), desinteresse em aprender, ansiedade, distúrbios de atenção e dependência. Com isso, o uso da internet todos os dias também possui a capacidade de causar conflitos familiares decorrentes da falta de diálogo, levando a situações de relações superficiais, dificuldades de aprendizagem e déficit de atenção (Silva; Silva, 2017). Assim, é importante que a geração atual se atente aos malefícios que o uso desenfreado de aparelhos tecnológicos desencadeia nos aspectos biopsicossociais, mesmo que seja um uso justificado pela necessidade.

3 | OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Verificar se há uma prevalência de usuários dependentes em *smartphones* e se tal dependência possui associação significativa na ansiedade de jovens/adultos de Marabá-PA.

3.2 Objetivos específicos:

- 1- Analisar se essa dependência possui alguma associação na ansiedade entre jovens;
- 2- Definir os impactos do uso dativo de *smartphones* na saúde mental de jovens;
- 3- Compreender quando passa a ser considerado uso dependente de *smartphones*.

4 | MÉTODO

4.1 Tipo de Pesquisa

Foi uma pesquisa do tipo quantitativa e exploratória.

4.2 Participantes

Participaram 73 pessoas, sendo 72 de ambos os gêneros (feminino e masculino) e um que não se identificava com nenhum dos gêneros. Todos acima de 18 anos.

4.3 Critérios de inclusão e Critérios de exclusão

Foram incluídas as pessoas que tinham entre 18 e 26 anos, residissem em Marabá-PA e possuísem *smartphone*; e foram excluídas as pessoas que não tinham entre 18 e 26 anos, não residissem em Marabá-PA e não possuísem *smartphone*.

4.4 Material e instrumentos

Foram utilizados dois questionários, sendo o primeiro o Inventário de dependência de *smartphone* (SPAI-BR), que possui 26 itens que podem ser respondidos por questões de “sim” ou “não”. Ela classifica um indivíduo como pré-disposto à dependência, se o respondente marcar “sim” sete vezes ou mais nos itens do questionário. O segundo questionário utilizado foi o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), que possui 21 itens, onde o próprio respondente deve demarcar, em uma escala de quatro pontos, o nível de gravidade de determinados sintomas presentes nos últimos 7 dias, sendo cada escala correspondente a: 0- “ausente”; 1- “suave, não me incomoda muito”; 2- “moderado, é desagradável, mas consigo suportar”; 3- “severo, quase não consigo suportar”. A pontuação de score é classificada em 0-7: “ansiedade mínima”; 8-15: “ansiedade leve”; 16-25: “ansiedade moderada”; 26-63: “ansiedade severa”.

4.5 Procedimentos

A pesquisa foi realizada de forma online, onde os questionários foram adaptados para a ferramenta *Google Forms*. Posteriormente, a pesquisa foi divulgada por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*, convidando pessoas a participarem voluntariamente. O processo da coleta de dados ocorreu durante o período de dois meses. Todos que participaram concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.6 Análise de Dados

Para a análise do Inventário de dependência de *smartphone* (SPAI-BR) e do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), foi utilizado o teste Exato de Fisher.

5 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi utilizada uma amostra de 73 jovens/adultos, sendo 55 (75,3%) do sexo feminino, 17 (23,3%) do sexo masculino e um (1,4%) que não se identificava com nenhum dos gêneros. Das 55 participantes femininas, 49 (89%) apresentaram dependência em *smartphone*, já entre os respondentes masculinos, dos 17 participantes, 13 (76,5%) apresentaram dependência, assim como o respondente que optou por não identificar seu

gênero (100%). Ademais, foi analisada de forma geral uma pré-disposição à dependência em *smartphone* em 86,3% (n=63) dos respondentes, restando apenas 13,7% (n=10) que não possuem tal pré-disposição (Tabela 1 e 2). Zhang *et al.* (2017) afirma que uma dependência se apresenta como uma constante falha de resistir aos seus impulsos de retornar ao uso. Assim, é possível discutir, de acordo com o que foi apresentado, que boa parte dos participantes possuem uma pouca resistência à necessidade de permanecer conectado aos seus aparelhos celulares.

Separando as idades dos respondentes em três categorias (Tabela 1), foi possível verificar que em cada uma foi demonstrada uma prevalência de pessoas com pré-disposição à dependência em *smartphone*, sendo: 18 (85,7%) a quantidade dos participantes dependentes com idades entre 18 e 20 anos; 35 (87,5%) dos entre 21 e 23 anos; e 10 (83,3%) dos entre 24 a 26 anos. Como destacado anteriormente, a evolução das tecnologias de comunicação vem crescendo juntamente com a dependência do público consumidor, sendo as redes sociais como *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp* os meios que possuem uma alta tendência de gerar hábitos dependentes (Rincker; Bessi, 2015). Assim, é possível deduzir que os meios virtuais de interação que, possivelmente, são comumente utilizados entre a população jovem, possuem grande influência no período de uso de *smartphones*, já que muitas vezes o público geral o utiliza de forma despreziosa como forma de entretenimento, o que torna a desencadear um hábito da sua utilização descomedida e prescindível.

Idades	Dependência		Total
	Sim	Não	
18 a 20 anos	18	3	21
	85,7 %	14,3 %	100 %
21 a 23 anos	35	5	40
	87,5 %	12,5 %	100 %
24 a 26 anos	10	2	12
	83,3 %	16,7 %	100 %
Total	63	10	73
	86,3 %	13,7 %	100 %

Tabela 1 - Idades e dependência em *smartphones*.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, com a tabela acima, é possível destacar que os jovens entre 21 e 23 anos são o grupo com maior porcentagem de pessoas com dependência em *smartphones*, já que dos 40 respondentes do questionário, 87,5% (n=35) são classificados como dependentes. Desse modo, o constante uso de tecnologias representa uma geração que vive e respira inovação (Tapscott, 1999) e que está sempre conectada em todas as esferas de suas vidas. É possível analisar também que, se juntar esses resultados com os dos respondentes com

idades entre 18 e 20 anos, os dados obtidos se tornam ainda mais proeminentes, já que são o segundo grupo com maior porcentagem de pessoas dependentes em telefones celulares (85,7%), destacando que o público jovem possui grande tendência a serem dependentes em *smartphones*.

Além disso, com tabela abaixo, foi possível analisar que houve uma prevalência de respondentes com ansiedade severa no 1º grupo (18 a 20 anos) e 2º grupo (21 a 23 anos), enquanto entre o 3º grupo (24 a 26 anos) prevaleceram as respostas dos participantes com ansiedade mínima. Tais dados possibilitam a discussão de que é mais comum sintomas de ansiedade entre o público mais jovem, principalmente entre os que estão mudando da fase adolescente para a fase adulta.

Nível de Ansiedade	Dependência		Total
	Sim	Não	
Ansiedade Severa	21	1	22
	95,5 %	4,5 %	100 %
Ansiedade Leve	17	2	19
	89,5 %	10,5 %	100 %
Ansiedade Moderada	15	0	15
	100 %	0,0 %	100 %
Ansiedade Mínima	10	7	17
	58,8 %	41,2 %	100 %
Total	63	10	73
	86,3 %	13,7 %	100 %

Tabela 2 - Relação entre dependência de *Smartphone* e níveis de ansiedade.

Teste exato de Fisher; Fonte: Elaborado pelo autor.

Valor	p
Teste Exato de Fisher	0.002
N	73

A tabela acima demonstra que a maioria das pessoas que apresentaram, além de um grau elevado de ansiedade, também apresentaram dependência em *smartphone*. Dos 22 respondentes que obtinham ansiedade severa, 95,5% (n=21) possuem pré-disposição à dependência em telefones celulares. Conforme a pesquisa de Paula *et al.* (2023), a qual buscava investigar se havia alguma influência entre o uso de *smartphones*, a qualidade de sono e níveis de ansiedade, depressão e dor entre estudantes universitários, foi concluído que estudantes classificados como pré-dispostos à dependência apresentam uma maior propensão à dependência em telefones celulares, assim como de também terem ansiedade. É demonstrado também na tabela 2 que 100% dos respondentes que apresentaram ansiedade moderada, também apresentaram dependência em *smartphone*.

Tais dados tornam, de certa forma, significativa a relação ansiedade x dependência entre o público jovem/adulto.

É importante destacar que, dos 73 participantes, apenas 17 não apresentaram algum nível de ansiedade considerado acima do normal (ansiedade mínima). Costa *et al.* (2017) afirma que o público jovem/adulto é uma população ansiosa, principalmente por questão da transição do mundo adolescente para o mundo adulto e, conseqüentemente, com a pressão e responsabilidades que essa transferência demanda. Faculdade, família e vida profissional podem desencadear tais sintomas e muitas vezes uma das formas de escapismo que encontram é justamente nas redes sociais, tornando-os suscetíveis a um consumo vicioso caso o uso não seja controlado.

Também é possível analisar com esses dados que a ansiedade mínima é o nível de ansiedade com a menor porcentagem de participantes que apresentaram dependência em *smartphones*, onde dos 17 participantes, 58,8% (n=10) obtinham dependência. Apesar de ser um nível de ansiedade regular, o DSM-5 destaca que é importante se atentar aos riscos que uma possível evolução dessa ansiedade pode causar no indivíduo, afinal, tais sintomas possuem a tendência de persistir se não forem devidamente tratados desde cedo. Assim, pode-se depreender que o uso descomedido de *smartphones* pode ser um dos fatores que potencializem os sintomas de ansiedade desses jovens no futuro.

Pela preponderância de participantes dependentes em *smartphones* na pesquisa, é possível inferir que poucos possuem a consciência dos malefícios que tal comportamento pode desencadear na sua vida. Guedes *et al.* (2016) concluiu em sua pesquisa que, apesar de as redes sociais serem ferramentas de comunicação modernas e que possuem inúmeros benefícios, também devem ser monitorados os danos conseqüentes do seu uso abusivo, já que muitos dos seus usuários que fazem uso dependente declaram perdas significativas, sejam elas pessoais, profissionais, acadêmicas, etc.

6 | CONCLUSÃO

É possível concluir com a pesquisa realizada que existe uma significativa associação entre ansiedade e dependência em *smartphone* entre os jovens/adultos de Marabá-Pa, principalmente com os jovens de 18 a 23 anos, já que esse foi um público em que a maioria apresentou não só uma pré-disposição à dependência, como também elevados níveis de ansiedade. Essa relação é, possivelmente, devido à inserção precoce que muitos jovens da nova geração têm às novas tecnologias, sendo muitas vezes justificada pela praticidade e o entretenimento que elas oferecem, mas sem ter um real conhecimento a respeito dos malefícios que o seu uso dependente pode causar à saúde.

Com a pesquisa, também pode-se definir que uso dependente de *smartphone* tem impacto negativo na saúde mental de jovens adultos, podendo inferir sintomas de ansiedade ao sujeito. Assim, é compreensível que o uso de *smartphone* passa a ser

considerado dependente a partir do momento que a sua utilização incontida seja sem necessidade e sem atividades específicas. É comum entre os jovens o uso das redes sociais, principalmente como uma forma de passatempo, a qual promove uma troca de interações que muitas vezes não é possível de forma pessoal, seja entre amigos, familiares ou até mesmo desconhecidos.

Assim, apesar de ser um facilitador da vida cotidiana entre a população mundial, ainda é preciso se atentar aos riscos do uso dativo de telefones celulares e adotar formas de não propiciar a sua dependência, como, por exemplo, substituindo o seu uso por hábitos de entretenimento mais saudáveis como: esportes, arte, leituras, etc. A ansiedade é apenas um dos muitos malefícios que essa dependência pode desencadear entre o público jovem que vem se tornando o principal público consumidor e o qual sempre busca permanecer constantemente ativo nas redes sociais, tornando-os assim suscetíveis a um consumo exagerado de telefones celulares. Desse modo, apesar de ser uma temática atual, faz-se necessário que haja mais estudos sobre, para que assim promovam um maior conhecimento a respeito no futuro.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-5; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. ed. atual. [S. l.]. Porto Alegre, Artmed, 917 p. ISBN 978-85-8271-089-0, 2014.

APPANNIE. The State of App Marketing Brazil. *In*: **AppsFlyer** [S. l.], 2021.

BAUMAN, Zygmunt. 44 Cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor Ltda, Edição em Língua Portuguesa, 2010.

BORGES, Hélyda Moura; MAIA, Rodrigo da Silva. O impacto do uso do smartphone e das redes sociais na atenção, memória e ansiedade de estudantes universitários: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, Universidade Federal do Ceará, Brasil, v. 11, n. 539111537422, p. 1-13, 25 nov. 2022.

BOUMOSLEH, Jocelyne Matar; JAALOUK, Doris. Depression, anxiety, and smartphone addiction in university students- A cross sectional study. **PLOS ONE**, [s.l.], v. 12, n. 8, p.1-14, 4 ago. 2017.

CASTILLO, Ana Regina *et al.* Transtornos de ansiedade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, [s. l.], 2020.

COSTA, Kercia Mirely Vieira *et al.* Ansiedade em universitários na área da saúde. **Anais II CONBRACIS**, Campina Grande: Realize Editora, 2017.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A Era dos Smartphones**: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil. Universidade de Brasília - UnB, Brasília DF, 2014.

DINIZ, C.; MOREIRA, E.. Internet and Social Networks: On the Need to Be Online. **Psychology**, v. 6, n. 5, p. 521-524, 2015.

FIDALGO, Jessica Marta Paiva. O Impacto das Redes Sociais na Saúde Mental dos Jovens. Mestrado - Faculdade de Medicina de Lisboa, Lisboa, p. 1-52, 2018.

FINOTTI, Mariane Barbosa, *et al.*. Correlação entre a dependência do smartphone na adolescência e alguns transtornos psiquiátricos – Revisão de Literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 25, n. 2, p. 128-134, 2018.

GUEDES, E. *et al.*. Social networking, a new online addiction: a review of Facebook and other addiction disorders. **MedicalExpress**, v. 3, n. 1, p.1-6, jan. 2016.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Pesquisa analisa desafios para o avanço da medicina de precisão no país, 2020.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MATTOSO, Rafael. Tecnologia X sedentarismo. **Salada textual**, 2010.

MIRANDA, Giovani Vieira. JOVENS E TECNOLOGIA: A CONSOLIDAÇÃO DE UMA NOVA GERAÇÃO PARA A MUDANÇA DOS MEIOS TRADICIONAIS. **Comunicação & Mercado**, Dourados- MS, v. 04, n. 10, 10 dez. 2015.

NASCIMENTO, Diego Sampaio *et al.*. CONSEQUÊNCIAS DO USO EXCESSIVO DO SMARTPHONE NA SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 12, n. 32, p. 1-15, 2020.

OMS - Organização Mundial da Saúde, 2017.

PAIVA, N; COSTA, J. A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?. 2015.

PATRÃO, Ivone; SAMPAIO, Daniel. Dependências online: O poder das tecnologias. Editora: Pactor, p. 1-216. ISBN: 9789896930608, 2016.

PAULA, Vanessa Cristina Godoi De *et al.*. Association of smartphone addiction with pain, sleep, anxiety, and depression in university students. **Fisioterapia em Movimento**, v. 36, p. 1- 7, e. 36110, 2023.

RADOVIC, A. *et al.*. "Depressed Adolescents' Positive and Negative Use of Social Media." **Journal of adolescence**, p. 55, PMC, 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 19, n. 2, p. 91-111, 14 dez. 2016.

RINCKER, C.; BESSI, V. G.. A utilização de redes sociais no ambiente de trabalho: a visão de gestores e usuários. XXXIV Encontro da ANPAD, Belo Horizonte, 2015.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. **Educação Tecnológica - Desafios e Perspectivas**, São Paulo: Cortez; p. 75-129, 2001.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedagogo**; São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

TAPSCOTT, Don. Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net. **Makron Books**, São Paulo, 1999.

VIEIRA, A.. Tecnologia invade vida dos brasileiros e já causa dependência, 2015.

WHO – World Health Organization. International Classification of Diseases (ICD-11), 2018.

ZHANG, Ying; *et al.*. The relationship between impulsivity and internet addiction in Chinese college students: A moderated mediation analysis of meaning in life and self-esteem. **PLOS ONE**, v.10, n. 7, 2017.

ANEXOS A E B

Inventário de Ansiedade de Beck– Beck Anxiety Inventory (BAI)

	Ausente	Suave, não me incomoda muito	Moderado, desagradável, mas consigo suportar	Severo, quase não consigo suportar
	0	1	2	3
1. Dormência ou formigamento				
2. Sensações de calor				
3. Tremor nas pernas				
4. Incapaz de relaxar				
5. Medo de acontecimentos ruins				
6. Confuso ou delirante				
7. Coração batendo forte e rápido				
8. Inseguro				
9. Apavorado				
10. Nervoso				
11. Sensação de sufocamento				
12. Tremor nas mãos				
13. Tremulo				
14. Medo de perder o controle				
15. Dificuldade de respirar				
16. Medo de morrer				
17. Assustado				
18. Indigestão ou desconforto abdominal				
19. Sensação de desmaio				
20. Rubor facial				
21. Suor (não devido ao calor)				

Inventário de Dependência de Smartphone versão Brasil (SPAI-BR)

1. Já me disseram mais de uma vez que eu passo tempo demais no smartphone

sim não

2. Eu me sinto desconfortável/ansioso/inquieto quando eu fico sem usar o smartphone durante um certo período de tempo

sim não

3. Eu acho que eu tenho ficado cada vez mais tempo conectado ao smartphone

sim não

4. Eu me sinto inquieto e irritado quando não tenho acesso ao smartphone

sim não

5. Eu me sinto disposto a usar o smartphone mesmo quando me sinto cansado

sim não

6. Eu uso smartphone durante mais tempo e/ou gasto mais dinheiro nele do que eu pretendia inicialmente

sim não

7. Embora o uso de smartphone tenha trazido efeitos negativos nos meus relacionamentos interpessoais, a quantidade de tempo que eu gasto nele mantém-se a mesma

sim não

8. Em mais de uma ocasião, eu dormi menos que quatro horas porque fiquei usando o smartphone

sim não

9. Eu tenho aumentado consideravelmente o tempo gasto usando o smartphone nos últimos 3 meses

sim não

10. Eu me sinto incomodado ou para baixo quando eu paro de usar o smartphone por um certo período de tempo

sim não

11. Eu não consigo controlar o impulso de utilizar o smartphone

sim não

12. Eu me sinto mais satisfeito utilizando o smartphone do que passando tempo com meus amigos

sim não

13. Eu sinto dores ou incômodos nas costas, ou desconforto nos olhos, devido ao uso excessivo do smartphone

() sim () não

14. A ideia de utilizar o smartphone vem como primeiro pensamento na minha cabeça quando acordo de manhã

() sim () não

15. O uso de smartphone tem causado efeitos negativos no meu desempenho na escola ou no trabalho

() sim () não

16. Eu me sinto ansioso ou irritável quando meu smartphone não está disponível e sinto falta de algo ao parar o uso do smartphone por certo período de tempo

() sim () não

17. Minha interação com meus familiares diminuiu por causa do meu uso do smartphone () sim () não

18. Minhas atividades de lazer diminuíram por causa do uso do smartphone

() sim () não

19. Eu sinto uma grande vontade de usar o smartphone novamente logo depois que eu paro de usá-lo

() sim () não

20. Minha vida seria sem graça se eu não tivesse o smartphone

() sim () não

21. Navegar no smartphone tem causado prejuízos para a minha saúde física. Por exemplo, uso o smartphone quando atravesso a rua, ou enquanto dirijo ou espero algo, e esse uso pode ter me colocado em perigo

() sim () não

22. Eu tenho tentado passar menos tempo usando o smartphone, mas não tenho conseguido

() sim () não

23. Eu tornei o uso do smartphone um hábito e minha qualidade e tempo total de sono diminuíram

() sim () não

24. Eu preciso gastar cada vez mais tempo no smartphone para alcançar a mesma satisfação de antes

() sim () não

25. Eu não consigo fazer uma refeição sem utilizar o smartphone

sim não

26. Eu me sinto cansado durante o dia devido ao uso do smartphone tarde da noite/de madrugada

sim não

SOFRIMENTO MENTAL EM AMBIENTES DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)

Data de submissão: 05/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Andressa Tabbert Palma

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Camila Fernanda da Silva

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Thais Müller Mendes

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Victoria Lopes Lesskiu

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Leonardo Lorenzo Frighetto

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Caique Lima Sette Frazoloso

Faculdades Pequeno Príncipe
Curso de Graduação em Psicologia
Curitiba

Curricularização da Extensão apresentada como requisito parcial para a disciplina Projeto Solidiedade, da Graduação em Psicologia, Faculdades Pequeno Príncipe – FPP. Orientador(a): Prof^ª. Me. Caique Lima Sette Frazoloso

RESUMO: O EJA (Educação Básica para Jovens e Adultos) desempenha um papel fundamental ao proporcionar oportunidades de educação para uma ampla faixa etária de estudantes que desejam retomar seus estudos. Sua abordagem flexível, enfatizando a participação dos alunos, a gamificação, a sala de aula invertida e a colaboração, torna o processo de aprendizado envolvente e relevante. Além disso, a instituição é empenhada em melhorar continuamente seu programa educacional, garantindo que atenda às necessidades dos alunos e da comunidade. O compromisso com a compreensão da realidade e da demanda sobre ansiedade e sofrimento mental no ambiente institucional de ensino chamaram a atenção de estudantes, para que realizassem a chamada “intervenção”, utilizando diversas ferramentas e dinâmicas psicológicas para democratizar o acesso a informações referentes à saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, EJA,

1 | INTRODUÇÃO

As diretrizes da Extensão na Educação Superior Brasileira foram implantadas pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2018, pela resolução nº 7, com a finalidade de promover intervenções para com as comunidades, espalhando informações, boas ações e conhecimentos. A depender da comunidade com a qual será trabalhada, os focos podem ser os mais variados em relação à intervenção, porém, esta sempre tem como foco promover o bem-estar do público.

A Curricularização da Extensão está inclusa no curso de Psicologia das Faculdades Pequeno Príncipe, trabalhando principalmente promoção e prevenção da saúde; pelo método metodologia da problematização, a Curricularização da Extensão procura promover o bem da sociedade usando os conhecimentos teóricos de dentro das salas de aula, desenvolvendo o senso crítico e de intervenção dos alunos.

A Promoção da saúde define que as políticas de saúde pública são direcionadas a evitar que a população seja acometida por doenças. Como por exemplo, seminários sobre educação sexual em escolas, principalmente com os adolescentes, onde nesta idade geralmente começam a ter suas primeiras experiências sexuais. A Prevenção da saúde se baseia no diagnóstico e tratamento da doença.

A ação deste relatório busca entender juntamente da comunidade como o acesso à educação é um determinante da saúde, “A literatura mostra ainda que ter informação está na base do acesso à saúde, estando essa noção associada aos conceitos de empoderamento e de letramento para a tomada de decisões de saúde.” (SANCHEZ, CICONELLI, 2012, p 260).

De acordo com o artigo de SANTOS, Geovânia Lúcia “Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA”, pág. 111, existem indícios que a precariedade de acesso à educação de jovens e adultos gera os sentimentos de exclusão e falta de cidadania, estes, por sua vez, geram o sentimento de falta de pertencimento, o que para os seres humanos é essencial para preservar uma qualidade de saúde mental. Essa exclusão se dá principalmente por conta da desigualdade social brasileira. É uma realidade que os transtornos mentais estão intrinsecamente ligados ao nível de pobreza brasileira, além de baixa escolaridade e geralmente mulheres são mais suscetíveis aos transtornos mentais comuns. (SANTANA, P. 2012).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para o resgate do conhecimento, tendo como público alvo as pessoas que não tiveram acesso à educação, ou por diversas situações acabaram abandonando os estudos. Institucionalizado no Brasil a partir do ano de 1996, englobando o ensino fundamental e médio, com a

intenção de recuperar o tempo perdido de qualquer indivíduo que tenha ultrapassado as idades ideais de ensino, tendo como público alvo pessoas com pouco ou nenhum acesso à escolaridade, situação que é realidade brasileira. Dependendo do momento em que o indivíduo abandonou seus estudos, a formação do EJA pode ser realizada entre dois anos e dois anos e meio. Para a realização da ação, foi realizada a busca por EJAs em Curitiba e suas possíveis demandas.

O primeiro contato foi realizado pelo professor orientador, Caique Franzoloso, que logo em seguida notificou aos alunos da FPP que o EJA respectivo ao projeto estaria com muitas demandas relacionadas a transtornos de ansiedade e depressão. Posteriormente, após obter o e-mail de contato da diretora do EJA, foi marcada uma reunião para o dia 31 de Agosto de 2023, às 18h da tarde. Apenas quatro integrantes do grupo participaram da primeira visita, enquanto uma integrante visitou a sala de aula das Faculdades Pequeno Príncipe para receber mais orientações. Durante a visita, foram apresentadas demandas muito fortes e que necessitam de auxílio profissional, especializado e constante, porém, a capacitação dos alunos ainda não permite que estes problemas sejam sanados, então a diretora apresentou outra demanda para que a ação pudesse ser realizada. Foi apresentada uma das salas de aula que, de acordo com as palavras da diretora, os alunos estavam tendo problemas de integração e socialização. Posteriormente, as pedagogas do EJA também foram visitadas, elas confirmaram esta demanda.

Tendo em vista as demandas de socialização e transtornos de ansiedade e depressão, os objetivos com esta ação são trabalhar sobre ansiedade social e solidariedade entre esta turma que foi apresentada.

1.1 Objetivos

1.1.1 *Objetivo geral*

- Promover um entendimento sobre a ansiedade social para alunos do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (EJA), a partir de uma dinâmica em grupo.

1.1.2 *Objetivos específicos*

- Fortalecer a inter-relação dos alunos do EJA, e despertar a empatia com o próximo.
- Levar informações sobre cursos gratuitos, atendimento psicológico com o melhor custo-benefício.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Saúde coletiva, vista de uma maneira mais comprimida, é um processo envolvendo questões: epidemiológicas; socioeconômicas; demográficas; e culturais.

Tendo em vista que essas questões não são entendidas apenas como a ausência de doenças, todos esses saberes são voltados para a promoção, prevenção e proteção à saúde.

Pode-se pensar em saúde em campos diferentes, utilizando brevemente o modelo/teoria de DAHLGREN; WHITEHEAD apud SUCUPIRA et al., 2014. Vale mencionar que saúde depende de uma série de fatores, como por exemplo, dentro do âmbito de trabalho, as condições devem trazer uma certa sensação de liberdade ao empregado, visando sua saúde mental, ele deve ter acesso a vantagens dadas por leis como férias, décimo terceiro, e também deve ter um ambiente de trabalho limpo, sem poluição.

Em outras áreas, condições básicas como saneamento básico, desemprego, acesso a serviços sociais de saúde e até mesmo fatores hereditários, sexo, gênero e idade influenciam na saúde mental, logo, podemos definir saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. (Brasil, 1990).

É possível citar também modelos de proteção à saúde, com foco em proteger os membros da sociedade. Os mesmos criaram um sistema de proteção social, um mecanismo cujo objetivo é os amparar contra aquilo que pode limitar sua capacidade de atender às suas necessidades fundamentais.

Pouco se fala sobre a vulnerabilidade da saúde mental, sentimentos como solidão, sensação de despertencimento e sentir-se deslocado ou deixado de lado são sentimentos que infelizmente percorrem muitas pessoas, e trazem consigo prejuízos mentais e agravamentos psíquicos como depressão e ansiedade. Sentir-se pertencente é de extrema importância psicológica, fisiológica e biológica para o ser humano.

O ato de adquirir conhecimento, criar vínculos e possuir cidadania é um direito do ser humano, que infelizmente não é realidade em muitos cenários dos brasileiros, principalmente em comunidades marginalizadas e pessoas de baixa renda, onde se encontra baixa ou nenhuma qualidade de vida, e, conseqüentemente, altos índices de doenças físicas e mentais.

A pobreza gera uma maior taxa de transtornos voltados principalmente para depressão, e também para sentimentos como humilhação e inferioridade (SANTANA, P. 2012).

Pode caracterizar sofrimento social como situações de dor, trauma, distúrbio, humilhação, e que muito possivelmente seriam o cenário ideal para futuros transtornos mentais, isso afeta todos aqueles em situação de vulnerabilidade.

E, como citado anteriormente, a vulnerabilidade econômica é um tema sensível,

é igualmente reconhecível o maior nível de depressão e ansiedade em sua população. E não apenas em relação a poder aquisitivo, mas também escolaridade e posição social, “Os transtornos mentais são tidos como condições clinicamente significativas caracterizadas por alterações do modo de pensar e do humor ou por comportamentos associados com angústia e/ou deterioração do funcionamento pessoal.” (da SILVA, D. F. 2009, pg 175).

Estudos indicam que socioculturalmente, pessoas com estrutura familiar desvantajosa ou não funcional que estão abaixo da linha de pobreza tendem a ser expostas a altos níveis de violência dentro de casa, esse fato está vinculado a problemas mentais precoces que surgem a partir de extrema dificuldade do ambiente social. Pessoas de baixa renda não possuem tempo para lazer, conforto, relaxamento e em certas situações não possuem escolarização necessária, muitas delas passam boa parte de seu tempo trabalhando, os níveis de estresse são intensos e constantes.

Neste mesmo tópico, foi criado o programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA). “ Educação ainda que tardia”, (SANTOS, G. L. 2003), essa frase é de extrema importância para todos aqueles que buscam por liberdade, ela retorna a permanência da opressão primordial da era colonial, a conquista do direito à educação.

A EJA é o programa de Educação de Jovens e Adultos que foi instituído na Constituição Federal de 1977, ela tem o intuito de restringir os problemas de exclusão social gerados pela falta de oportunidades sociais e escolarização, criando um currículo com base na educação básica que possibilita a continuidade nos estudos a quem não teve a oportunidade e acesso à escolarização na idade apropriada. Paulo Freire, um filósofo, educador e escritor foi um dos pioneiros do EJA que criticava a educação elitista e tradicional, enquanto defendia a educação democrática e libertadora, onde o próprio homem tem a potência de escrever sua história “[...] mundo do trabalho é um ensino emancipador para contribuir na formação de sujeitos que identifiquem os próprios interesses e leiam o mundo e ajam nele, transformando-o.” (FREIRE, 2009, p. 13)

A educação à jovens e adultos se dá no Brasil desde a época da colonização com a catequização jesuíta e passou por vários momentos durante o desenvolvimento do país; a primeira Constituição Brasileira de 1891 dizia no Art. 179 que “a instrução primária era gratuita para todos os cidadãos” mas o acesso era precário e elitizado; nos anos 30 com a ditadura militar, o governo Vargas teve muito interesse em programas e organização educativa para atender as demandas do setor produtivo muito forte na época; em 1967 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) que tinha o intuito de acabar com o analfabetismo no país usando os métodos de ler e escrever; em 1974 o MEC implementou os Centros de Estudos Supletivos (CES) e os cursos oferecidos tinham como objetivo a certificação rápida e superficial por esses motivos a proposta não deu muito certo.

Historicamente os programas de educação sempre foram vistos como políticas governamentais e não políticas públicas, favorecendo ações e programas fracassados que promoviam o crescimento da evasão escolar e do analfabetismo, então é possível

notar que a EJA encontra dificuldades por ser uma alternativa de ensino que costuma ser desprezada pelo mercado de trabalho. Atualmente a EJA alcança uma considerável parcela da população nacional que não teve acesso ou exerceu o direito básico e constitucional da educação no tempo previsto pela LDB/96 dos 14 aos 17 anos. Os alunos que a frequentam vêm de origens e situações sociais diversificadas então é inevitável que eles tragam suas experiências prévias e pessoais, por tanto, é necessário exercer a equidade e uma educação eficaz.

Existe atualmente uma certa dificuldade ao compreender os elementos que traz o sujeito a ser excluído da educação, bem como os impactos que isso gera no indivíduo e em suas futuras escolhas. Diante dessa problemática, a reinserção focada em jovens e adultos, junto com pesquisas, considera-se mesmo que precocemente de grande apoio para a saúde mental, trazendo consigo uma grande sensação de satisfação, liberdade e uma grande melhoria na qualidade de vida, com mais oportunidades e escolhas para trilhar. Como exemplo, os trabalhos de Almeida (2002) e Fonseca (2001).

Além da inserção, atentando-se para a motivação e os impactos que isto traz na vida do sujeito, e assim, observa-se os impactos pós-inserção, a melhoria da qualidade de vida, as mudanças de humor, as ações, tudo isso será influenciado pela educação dos indivíduos. Também é válido comentar sobre o leque de conhecimentos que a pessoa passa a ter, como exemplo, fundamentar sua autopercepção, e estudar neste contexto passa a ser uma forma de adquirir conquistas, e de se posicionar diante a vida, compreendendo seu papel como cidadão (SANTOS, G. L. 2003).

O trabalho do educador da EJA é mais desafiador do que se imagina, com grandes responsabilidades como receber adultos com déficit de atenção, que não sabem ler, exaustos com a jornada de trabalho, etc, mantendo a qualidade de ensino passadas durante anos no ensino fundamental e médio ao mesmo tempo que adapta a linguagem apropriada com a faixa etária. É essencial uma pedagogia articulada para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma efetiva evitando a evasão escolar, “é na escola que as propostas pedagógicas se concretizam ou não. É nela que se constrói o currículo real diante das contingências cotidianas” (NASCIMENTO, 2020). O ensino na EJA é uma ótima oportunidade para aqueles que não tiveram ela previamente, é a possibilidade para alcançar seus objetivos e uma qualidade de vida melhor com uma ótima educação superior e visão crítica social descobrindo novas perspectivas diante deles.

3 | PLANEJAMENTO

3.1 Descrição da comunidade

O Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos que recebe o ACEX está em Curitiba/PR, é uma instituição pública. Tem como objetivo dar acesso à educação a pessoas que não completaram o ensino na idade adequada.

O local recebe alunos de faixas etárias diversas, sendo a idade mínima 15 anos, sem definição de idade máxima. Tendo em média em cada turma 30 alunos.

Ao ingressar na instituição de ensino o aluno poderá voltar aos estudos a partir do ensino fundamental ou ensino médio. A conclusão dos estudos se dará dentro de um ano e meio a dois anos, dependendo do módulo que se inicia.

3.2 Etapas de preparo

DATA	TEMA	DESCRIÇÃO	RECURSOS	TEMPO
10//08/23	Criação do grupo	Formação do grupo de Acex e criação do grupo no WhatsApp para organização.	WhatsApp	02 horas.
16/08/23	Definição do público alvo	Definição do EJA como público alvo e levantamentos das escolas viáveis pelas distâncias.		01 horas.
23/08/23	Estruturação da ação	Criação de um roteiro para o dia da ação.		2 horas
30/08/23	Contato com a instituição	Primeiro contato via e-mail com a escola e aceitação da escola em receber o Acex.	G-mail	1 hora
31/08/23	Visita ao EJA	Visita ao EJA para observação da realidade e levantamento da demanda.		2 horas
02/10	Reunião de conteúdo	Realização de pesquisas sobre os temas que serão trabalhados no dia da ação.		1 hora
03/10	Dinâmicas	Definição das dinâmicas que serão feitas no dia da ação.		1 hora
04/10	Cartilha	Criação do layout da cartilha.	Canva	1 horas
09/10	Cartilha	Impressão da cartilha.	Gráfica	1 hora
16/10	Alimentação	Definição e encomenda dos salgados que levaremos para a ação.		1 hora
19/10	Ação	Realização da Acex.		2 horas

3.3 Materiais produzidos

Cartilha informativa a ser entregue aos alunos. Balões coloridos para dinâmica. Salgadinhos, refrigerantes e sucos. Folhas sulfite.

4 | DESENVOLVIMENTO

A ação foi realizada no dia 19 de outubro, o encontro teve início com a equipe dos estudantes de psicologia se reunindo logo na entrada do EJA, por volta das sete da noite, todos foram convidados a entrar pela pedagoga. Os estudantes foram direcionados ao auditório, o ambiente era espaçoso, perfeito para que os alunos do EJA tivessem um bom proveito do espaço, e os alunos de psicologia teriam o espaço suficiente para as futuras atividades.

Após a confirmação de que a ação poderia ser realizada no auditório, os alunos de psicologia começaram a se organizar, espalhando seus materiais para o projeto nas mesas. Enquanto isso, os alunos da turma designada entraram no auditório, e pela orientação dos alunos de psicologia, se sentaram na primeira fileira das cadeiras. A pedagoga estava presente, sendo atenciosa e ajudando os alunos de psicologia a conversarem e conhecerem os alunos das Faculdades Pequeno Príncipe.

Assim que todos os alunos do EJA estavam acomodados e organizados, os alunos de psicologia começaram a se apresentar. Os estudantes do EJA foram receptivos e animados desde o primeiro momento, e logo após as apresentações os estudantes de psicologia começaram a realizar a dinâmica quebra-gelo.

Esta dinâmica consistia em entregar uma folha sulfite para cada um dos participantes, pedir que eles escrevessem seu nome e em seguida passassem para o colega ao lado, e este escreveria algum elogio ou adjetivo positivo em relação ao outro, e assim, em alguns minutos todos teriam as folhas recheadas de elogios e poderiam ver como os colegas o enxergam. Durante a realização desta dinâmica, algum participante escreveu “demoníaca” na folha de outra participante, infelizmente o grupo da ação não encontrou quem não colaborou com a dinâmica, mas em contrapartida, a pessoa que recebeu a folha com o xingamento não pareceu se sentir ofendida; todos os participantes pareciam estar felizes e animados, conversando bastante entre si e dando risadas. Um dos participantes possuía Síndrome de Down, mas seus colegas o ajudavam recorrentemente, sendo carinhosos, fazendo brincadeiras e o incentivando a escrever elogios nas diversas folhas que este aluno acabou acumulando por escrever devagar. Mesmo com sua condição, nenhum dos participantes demonstrou hostilidade, do contrário, se divertiam muito com ele e o ajudavam bastante. A pedagoga, sempre presente e atenciosa, ajudou o grupo de futuros psicólogos com os participantes e se mostrou o tempo todo receptiva e prestativa.

Assim que todos terminaram, ou seja, quando as folhas retornaram a seus respectivos donos, os alunos de psicologia pediram para que cada um dos participantes escolhesse três elogios que lhe chamaram a atenção e lessem em voz alta. Todos leram e pareciam muito surpresos e felizes com os elogios e adjetivos positivos que possuíam em suas folhas. Esta dinâmica durou entre trinta e quarenta minutos.

Posteriormente, os alunos de psicologia deram início a um breve seminário sobre

ansiedade e ansiedade social num geral, com objetivo de informar e conscientizar os participantes sobre como a ansiedade se torna um transtorno, e como ela também pode se “subdividir” em vários tipos de ansiedade, sendo uma delas a ansiedade social, a qual foi explicada que prejudica os indivíduos a ter e preservar novos convívios sociais, influenciando na perda de diversas oportunidades que se conseguem a partir do convívio social. Durante a palestra, todos os participantes foram atenciosos e ficaram em silêncio, pareciam focados e atraídos pelo tema do seminário. O grupo promotor da ação deixou claro os sintomas específicos sobre ansiedade e conscientizou os participantes sobre procurar ajuda psicológica e até mesmo um diagnóstico, em casos mais graves. Além de comentar sobre a ansiedade, o grupo também trouxe formas de “contenção caseira” em casos de muitas emoções ou até mesmo surtos psicológicos, tais como por exemplo: passar gelo nos pulsos em casos de desejo de automutilação, tomar um banho gelado em início de crise de ansiedade, assistir um filme ou tentar ficar confortável em situações de tristeza e/ou desânimo.

Ao final da palestra, foi perguntado aos participantes se eles tinham alguma dúvida em relação à ação, mas todos ficaram muito tranquilos, embora tenham sido muito participativos, não havia dúvidas. O seminário teve por volta de dez minutos de duração.

Os alunos de psicologia abriram um intervalo para que os participantes do EJA pudessem se deleitar com os salgadinhos e bebidas que lhe foram oferecidos. Durante o intervalo, o grupo da ação pôde observar a dinâmica da turma, percebendo que a convivência dos participantes era no mínimo sadia e pacífica, embora houvessem comentários vindos de alguns alunos, mas que aparentemente eram tomados como piada, sendo motivo de risada e diversão entre os participantes.

Após o grupo de estudantes de psicologia conhecer um pouco melhor a turma dos estudantes do EJA e sua dinâmica como turma-equipe, foi solicitado que se sentassem novamente, e retomando as atividades, todos se dividiram entre três equipes com pessoas escolhidas aleatoriamente. Dentro de cada grupo, o indivíduo segurou três balões, azul, amarelo e por último um verde, sequencialmente. O balão de cor azul simboliza um sonho neste momento da atividade, os participantes fecharam seus olhos e projetavam seus sonhos e objetivos em suas mentes, e guardam seus respectivos balões, os levando para casa em sua maioria, porém outros decidiram estourar ao final da atividade para comemorar a ação. Continuando para o próximo balão, o de cor amarela simboliza um desejo para o colega ao lado, esse desejo pode ser de sucessos durante a vida, que o próximo alcance seus objetivos, e assim por diante. Neste momento, todos falam em voz alta coisas boas para o próximo, lhe entregando o balão amarelo como um presente. E assim como o outro balão, alguns decidem levá-lo para casa, alguns decidem estourar para comemorar. Por fim, o balão verde simboliza o medo, e aqui eles fecham os olhos e imaginam seus maiores medos, desde coisas pequenas ou simples, até os mais complexos. Após imaginar, estouram seus balões, simbolizando uma forma de superação, e comemoram que superaram seus

medos.

A dinâmica dos balões e sentimentos foi recebida com muito carinho pelos estudantes do EJA, que puderam compartilhar não apenas seus sentimentos, mas também episódios sobre suas vidas. Houveram muitas trocas de experiências e sentimentos entre os alunos do EJA, deixando implícito como a relação deles poderia mudar após a intervenção dos alunos de psicologia naquele momento.

Ao final, quando todos os três grupos, acompanhados pelos alunos da FPP terminaram suas dinâmicas, foi pedido para que se criassem duas filas ao redor da mesa principal do auditório, onde dois alunos de psicologia realizaram o feedback oral com os estudantes do EJA. Assim que realizado o feedback, os participantes recebiam uma cartilha informativa sobre ambientes terapêuticos com valores sociais disponíveis por várias instituições de ensino superior em Curitiba, além de trazer informações sobre o CVV - Centro de Valorização da Vida. Foi instruído aos participantes que o CVV é um serviço 24h, podendo ser utilizado tanto por site quanto por telefone, e foi deixado claro que sempre que precisassem, poderiam entrar em contato para conversar anonimamente com alguma pessoa acolhedora.

Entre os feedbacks orais, não foi recebido nenhum negativo em relação à ação. A maioria dos adultos ficou feliz em ver jovens estudantes se dedicando ao trabalho com a sociedade; os alunos mais novos acharam a intervenção divertida num geral, e os mais velhos apreciaram muito também. No total, participaram entre quatorze e dezesseis pessoas (algumas foram embora durante o intervalo do lanche que foi proporcionado), incluindo a pedagoga e os alunos. A ação toda levou por volta de duas horas e meia, e foi considerada bem sucedida pelo grupo de intervenção.

4.1

4.1 Etapas percorridas

DATA	TEMA	DESCRIÇÃO	RECURSOS	TEMPO
19/10/2023	Dinâmica dos elogios	Após escrever o próprio nome em uma folha sulfite, o participante entrega a folha para o colega, para que o colega o descrevesse com algum elogio, e assim consequentemente todos do grupo tem suas folhas preenchidas de elogios	Folha sulfite, caneta/lápis (material dos próprios participantes)	40 minutos
19/10/23	Seminário sobre Ansiedade Social	Seminário para conhecimentos gerais em relação a ansiedade, ansiedade patológica, ansiedade social e formas “caseiras de contenção”	Projetor, quadro branco, slides realizados pelos alunos de psicologia da FPP	10 minutos
19/10/23	Intervalo com comida e bebida	Realizado para que os participantes continuassem engajados na ação e se integrassem mais com os alunos de psicologia da FPP	Salgados, refrigerantes, copos descartáveis e papéis	15 minutos
19/10/23	Dinâmica dos balões/ sentimentos	Com três grupos de participantes, utilizaram três cores de balões para projetar sentimentos (medos - verde, desejos - amarelos e sonhos - azul), os balões verdes foram estourados para representar superação, os amarelos entregues a colegas como presentes, e os azuis para levar para casa	Balões	30 minutos
19/10/23	Feedback	Formar duas filas e fazer um relato pessoal de como a ação foi para o indivíduo	Computadores, mesa, cadeira	10 minutos
19/10/23	Entrega da cartilha	Após o feedback, o participante recebe a cartilha	Cartilha informativa	10 minutos

4.2 Registros da atividade

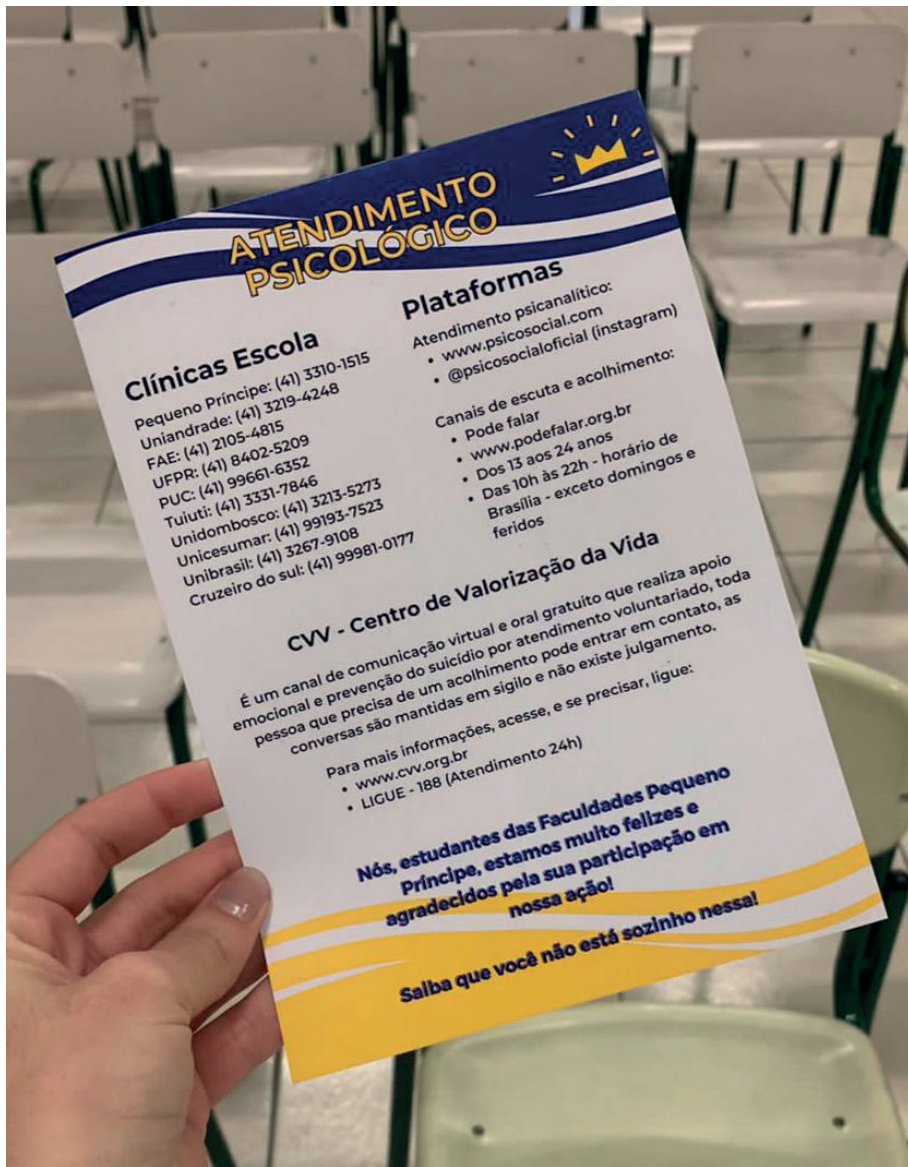












ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Clínicas Escola

Pequeno Príncipe: (41) 3310-1515
União de Arde: (41) 3219-4248
FAE: (41) 2105-4815
UFPR: (41) 8402-5209
PUC: (41) 99661-6352
Tuiuti: (41) 3331-7846
Unidombosco: (41) 3213-5273
Unicesumar: (41) 99193-7523
Unibrasil: (41) 3267-9108
Cruzeiro do sul: (41) 99981-0177

Plataformas

Atendimento psicanalítico:
• www.psicosocial.com
• @psicosocialoficial (instagram)

Canais de escuta e acolhimento:
• Pode falar
• www.podefalar.org.br
• Dos 13 aos 24 anos
• Das 10h às 22h - horário de Brasília - exceto domingos e feridos

CVW - Centro de Valorização da Vida

É um canal de comunicação virtual e oral gratuito que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio por atendimento voluntariado, toda pessoa que precisa de um acolhimento pode entrar em contato, as conversas são mantidas em sigilo e não existe julgamento.

Para mais informações, acesse, e se precisar, ligue:
• www.cvw.org.br
• LIGUE - 188 (Atendimento 24h)

Nós, estudantes das Faculdades Pequeno Príncipe, estamos muito felizes e agradecidos pela sua participação em nossa ação!

Saiba que você não está sozinho nessa!

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO



Clínicas Escola

Pequeno Príncipe: (41) 3310-1515
Uniandrade: (41) 3219-4248
FAE: (41) 2105-4815
UFPR: (41) 8402-5209
PUC: (41) 99661-6352
Tuiuti: (41) 3331-7846
Unidombosco: (41) 3213-5273
Unicesumar: (41) 99193-7523
Unibrasil: (41) 3267-9108
Cruzeiro do sul: (41) 99981-0177

Plataformas

Atendimento psicanalítico:

- www.psicossocial.com
- @psicossocialoficial (instagram)

Canais de escuta e acolhimento:

- Pode falar
- www.podefalar.org.br
- Dos 13 aos 24 anos
- Das 10h às 22h - horário de Brasília - exceto domingos e feridos

CVV - Centro de Valorização da Vida

É um canal de comunicação virtual e oral gratuito que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio por atendimento voluntariado, toda pessoa que precisa de um acolhimento pode entrar em contato, as conversas são mantidas em sigilo e não existe julgamento.

Para mais informações, acesse, e se precisar, ligue:

- www.cvv.org.br
- LIGUE - 188 (Atendimento 24h)

Nós, estudantes das Faculdades Pequeno Príncipe, estamos muito felizes e agradecidos pela sua participação em nossa ação!

Saiba que você não está sozinho nessa!

5 | RESULTADOS

Foi possível concluir através da observação e narrativas durante o processo da ação que os resultados obtidos foram alcançados de acordo com os objetivos estabelecidos, ocorreu a conscientização sobre ansiedade e integração da turma.

Observou-se que os alunos sentiram-se empolgados em participar das dinâmicas

propostas. Aluno 1 mencionou “gostei bastante da dinâmica dos elogios, pois na aula acabamos não conversando com todos da turma e com a dinâmica podemos conhecer melhor as pessoas”. Aluno 2 mencionou “acho muito importante vocês que são novos se importarem em vir até nós e falar sobre ansiedade”. Aluno 3 comentou “a palestra de vocês sobre ansiedade foi muito legal, vocês nos ensinaram bastante”.

Todos os participantes contribuíram com as dinâmicas e expuseram seus agradecimentos pela ação realizada, frisando ter sido trabalhado temas relevantes para eles. A ação impactou 20 alunos, entre homens e mulheres de idades diversas.

6 | CONCLUSÃO

Com esse projeto de extensão de curricularização, os alunos das Faculdades Pequeno Príncipe tinham como objetivo promover um entendimento sobre a ansiedade social para alunos do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (EJA), a partir de uma dinâmica em grupo. Para Santos (2003) seu o estudo teve como objetivo resgatar a visão desse indivíduo para compreender como ele vivencia os aspectos do sistema educacional brasileiro, explorando os temas da EJA: Exclusão Social/Exclusão da Escola e Educação e Cidadania. Pensando nesse aspecto, o grupo aderiu a ideia de realizar duas dinâmicas para fortalecer as relações interpessoais e levar informações sobre ansiedade e empatia.

Dessa forma, as limitações do projeto residiam na determinação da abordagem mais apropriada para a turma, enquanto as facilidades se refletiram na participação ativa dos alunos, resultando em feedbacks positivos. Um aluno expressou apreciação pela dinâmica dos elogios, “gostei bastante da dinâmica dos elogios, pois na aula acabamos não conversando com todos da turma e com a dinâmica podemos conhecer melhor as pessoas”. Fica evidente a relevância de abordar temas como ansiedade e empatia, a fim de promover o senso de pertencimento e acolhimento dos alunos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BURATO, K R. S; CRIPPA, J. A. S. & LOUREIRO, S. R. (2009). Transtorno de ansiedade social e comportamentos de evitação e de segurança: uma revisão sistemática. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/76jYzRRsgxZysdVZnvKwrq/#>.

FRAGA, A. B. et al. Curso de extensão em promoção de saúde para gestores do SUS com enfoque no Programa Academia da Saúde. Brasília: CEAD/UnB, 2013. 144 p.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00055.pdf. Acesso em: 16 set. 2023.

KELLER L; BECKER, E. L. S. A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL, disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777/pdf4>. Acesso em 16 de set. 2023.

NASCIMENTO, L. F do. A EJA e seu ensino na Educação Básica: primeiras aproximações. Revista Educação Pública, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020.

REICHARDT, M; SILVA, C. A importância da educação de jovens e adultos (EJA). Caderno Intersaberes, São Paulo, v. 9, n. 23

SANCHEZ, RM; CICONELLI, RM. Conceitos de acesso à saúde. Rev Panam Salud Publica. 2012;31(3):260–8.

SANTOS, G. L. DOS .. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 107–125, set. 2003.

SILVA, D. F., & SANTANA, P. R. de S. (2012). Transtornos mentais e pobreza no Brasil: uma revisão sistemática. *Tempus – Actas De Saúde Coletiva*, 6(4), Pág. 175-185

SIQUEIRA, A. B. O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos. *Poiésis*, Tubarão, v. 2, n. 1, p. 33-43, jan./jun. 2009

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA - É doutor em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (2023), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015), Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (2012), História e narrativas Audiovisuais pela Universidade Federal de Goiás (2016), Arteterapia, Psicanálise pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Alto Paranaíba (2020). Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019). Atua como psicólogo e psicanalista. Pesquisa nas áreas de psicanálise e teatro e nas interfaces fronteiriças entre essas áreas. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: inconsciente, arte, teatro, arteterapia, sexualidade e LGBTQIAP+.

A

Adolescentes 3, 13, 16, 17, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 62, 84, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 103, 104, 105, 112, 119, 124

Ansiedade 23, 33, 36, 37, 38, 42, 44, 75, 76, 77, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 133, 140, 141

Auto-cuidado 65

C

Clinica-escola 73

Competência 9, 65, 70, 72

Conexão emocional 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51

Cuidador informal familiar 65, 66, 68, 70

D

Deficiência 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12

Dependência 16, 19, 26, 28, 34, 36, 39, 72, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Dialética 85, 87, 90, 92, 97, 98, 100, 103

E

Educação 31, 40, 41, 84, 85, 86, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 118, 123, 124, 125, 127, 128, 141, 142, 143

Educação emancipadora 84, 85, 91, 92, 95, 98

EJA 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 141, 142

Estágio 1, 6, 73, 75, 77, 81, 84

F

Filho ideal 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

I

Identidade 10, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 45, 85, 91, 92

Intimidade 17, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50

J

Jovens/Adultos 107, 112, 113, 116

L

Luto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 35, 36, 37, 75, 77

M

Marabá-PA 107, 108, 112, 113

P

Plantão psicológico 73, 74, 75, 78, 79, 81, 82

Pornografia 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

Psicanálise 1, 2, 3, 4, 5, 12, 13, 15, 30, 35, 37, 38, 39, 87, 88, 89, 91, 93, 95, 103, 105, 106, 143

Psicoeducação 65

Psicologia 1, 4, 9, 12, 14, 30, 32, 40, 41, 52, 65, 72, 73, 75, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 143

R

Reproductive health 53, 54, 55, 59, 63

S

Saúde mental 10, 33, 39, 40, 44, 50, 97, 105, 112, 116, 118, 123, 124, 126, 128

Sexo 5, 16, 17, 24, 25, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 113, 126

Sexual health 53, 54

Sexualidade 19, 23, 25, 30, 35, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 143

Smartphones 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117

T

Teenage pregnancy 53, 54, 60, 61, 62, 63

Teoria Reichiana 41, 43, 50

V





Vício 14, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 110

Y

Young women 53, 54, 56, 61, 62





Psicologia e bem-estar

para a saúde mental

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Psicologia e bem-estar

para a saúde mental

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br